TL 1613

Universidade do Porto

Reitoria

PRIMEIRAS JORNADAS DE TIMOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A. BARBEDO MAGALHÃES
PAULA ISABEL FONSECA

PORTO
10 A 17 DE SETEMBRO DE 1989

PRIMEIRAS JORNADAS DE

TIMOR

DA UNIVERSIDADE DO PORTO

FOTOGRAFIAS DE:

INÊS BARBEDO MAGALHÃES

PAULA ISABEL FONSECA

As Universidades através dos tempos sempre se caracterizaram como polos de discussão livre e franca de ideias, como instituições livres e internacionais em espírito, defendendo as conquistas da civilização e os mais sagrados direitos da humanidade, mesmo quando implantadas em sociedades governadas por déspotas.

Na sua fidelidade a estes princípios, a Universidade do Porto não podia ficar indiferente à causa do Povo Maubere que hoje vê a existência de Timor como sua Pátria autónoma e independente ser ameaçada de forma violenta, perante a indiferença e passividade de muitas nações ditas civilizadas e com a cumplicidade benévola dos guias espirituais da cristandade.

A Universidade do Porto associou-se portanto à realização destas Primeiras Jornadas de Timor que conseguiram de forma surpreendentemente eficaz, criar uma plataforma para a livre expressão de aspectos diversos da rica e secular cultura do Povo Maubere, sob a forma de música e canções, de contos e lendas e da mostra de técnicas e práticas tradicionais, revelando assim aos participantes toda a complexa teia de valores, ritos e sentimentos que o caracterizam como um Povo em toda a verdadeira acepção desta palavra.

Fazendo desde já votos pela realização das próximas Jornadas deixo aqui as minhas felicitações e os meus agradecimentos a todos os que se empenharam nesta organização.

Prof. Doutor Alberto Amaral
Reitor da Universidade do Porto

AGRADECIMENTOS

Aos timorenses que deram o melhor de si, ultrapassando barreiras, superando as dificuldades de uma semana tão exigente, cumprindo os horários de começo das actividades, sem horas para terminar, e que foram o principal factor de êxito destas Jornadas;

À Fátima Guterres e ao Padre Apolinário Guterres, que estabeleceram os contactos necessários com os timorenses que vieram ao Porto e que, com Henri Campagnolo e Maria Olímpia Lameiras, tanto contribuiram para a delineação do programa das Jornadas e para a sua preparação;

Aos dirigentes da Convergência Nacionalista, Abílio Araújo e Vicente Guterres, por todo o apoio concedido e pela sua participação na Sessão de Encerramento;

Ao Monsenhor Martinho Lopes, pelo seu interesse e estímulo à concretização desta iniciativa, e pelo carinho e compreensão com que a apoiou;

Ao Miguel Loureiro, que foi incansável na animação das Jornadas, desde o momento em que procurou conhecer, pela leitura, um pouco das lendas e dos costumes do Povo de Timor-Leste, até à forma como conseguiu captar-lhe a alma e congregar sugestões e iniciativas conducentes a uma síntese excepcionalmente significativa e bela;

Aos conferencistas que alargaram os conhecimentos de todos os participantes, relativos ao povo de Timor, na maneira de ser e costumes, seus valores e práticas tradicionais, seus problemas e luta;

À Madalena e aos seus grandes amigos, que deram, no dia do seu casamento, um inesquecível testemunho de solidariedade com o Povo de Timor-Leste, viabilizando assim a participação da madrinha no espectáculo final;

À Direcção da Escola C+S Delfim Santos, pelas facilidades concedidas, em tempos tão difíceis, para que a Madalena Andrade pudesse participar nas Primeiras Jornadas de Timor da UP;

À Administração da Sociedade de Construções Soares da Costa, pelas facilidades concedidas à participação (muito mais prolongada do que inicialmente previsto) do Dr. Francisco Xavier Menezes, mesmo quando um afazer urgente o obrigou a ir rapidamente a Lisboa e voltar;

À Gi Magalhães, pelas suas inestimáveis sugestões artísticas e apoio musical, incluindo a participação melódica, com a sua flauta, no espectáculo final;

À Armandina Aguiar, Secretária das Jornadas, pela sua disponibilidade, dedicação e eficiência;

Ao técnico de som e luz Eduardo Brandão e aos seus colaboradores, Pedro Branco (Técnico de luz) e Abílio Vinhas (Operador de luz) que, apesar de solicitados em cima da hora (quando se iniciaram as Jornadas não se sabia sequer se haveria espectáculo final!) foram capazes, em tempo record, e num espírito de cooperação e de solidariedade inexcedíveis, montar um complexo e excelente sistema de luzes e aumentar significativamente a área do palco, dando ao Anfiteatro da Reitoria as condições necessárias a um espectáculo tão rico e expressivo;

À Drª Luzia Belchior Mota de Castro, pela sua disponibilidade em trabalhar até às 3 da manhã para que o público dispusesse de um guião do espectáculo final, e pelo cuidado posto na dactilografia desta brochura;

Ao Sr. Ferreira, pela boa vontade e paciência com que filmou quase todas as Jornadas;

Ao Tó Soares, pela montagem vídeo que conseguiu fazer, nas tão precárias condições em que teve que trabalhar;

Aos Grupos de solidariedade Paz e Justiça para Timor-Leste e Comissão para os Direitos do Povo Maubere do Porto;

Ao Departamento de Engenharia de Minas da FEUP, da Direcção ao pessoal administrativo e auxiliar, pela forma com puseram as suas instalações à disposição das Jornadas, e por todas as facilidades concedidas;

Ao Sindicato dos Professores do Norte, pela cedência da Sala da Cultura do Professor para a sessão de boas vindas;

Aos Serviços Sociais da Universidade do Porto, e aos responsáveis pela Residência Universitária Feminina, nomeadamente a Srª D. Teresa Ramalho, e a estudante Felismina e restantes membros da Direcção,

- e pelo Lar Professor Jayme Rios de Sousa, - nomeadamente o estudante Rui Rafael, - pela forma calorosa e aberta como acolheram os participantes timorenses;

Ao Secretariado de Relações Públicas da Reitoria da Universidade do Porto, pela sua disponibilidade e simpatia;

À Reitoria da Universidade do Porto e a todos os seus membros, pela solidariedade que sempre têm sabido manifestar para com o Povo de Timor-Leste, e em particular ao Pró-Reitor, Professor Nuno Grande, pela sua participação na Sessão de Encerramento das Jornadas;

E, finalmente, ao Sr. Professor Alberto Amaral, Magnífico Reitor da Universidade do Porto, pela largeza de Visão, Humanidade e Sabedoria com que tem dirigido os destinos da Universidade, e pela sua permanente e incansável preocupação, solidariedade e apoio à causa do Povo de Timor-Leste e à defesa dos seus direitos fundamentais;

A estes e a tantos outros que, embora não mencionados colaboraram na realização das Primeiras Jornadas de Timor da Universidade do Porto, e que contribuiram, assim, para um melhor conhecimento deste povo irmão e mártir, e da sua tão rica e expecífica cultura,

O nosso agradecimento muito sincero
O Coordenador Geral

(A. Barbedo de Magalhães)
(Prof. Associado da FEUP)

SUMÁRIO

1 - OBJECTIVOS

2 - PREPARAÇÃO

3 - ESTRUTURA E PROGRAMA
- **3.1** - Estrutura e Participantes
- **3.2** - Programa

4 - AS JORNADAS DIA-A-DIA
- Algumas anedotas de Timor

5 - COMUNICAÇÕES
- **5.1 - Dr. Henri Campagnolo** - Supports variés du sens: operations techniques, rythmes verbaux

- **5.2 - Dr. Francisco Xavier de Menezes**
  - 5.2.1 - Perspectiva histórica de Timor - uma expansão cristocêntrica
  - 5.2.2 - O búfalo na etnologia de Timor
  - 5.2.3 - A segurança social na tradição timorense

- **5.3 - Drª Maria Olímpia Lameiras** - A César o que é de César, a Deus o que é de Deus

- **5.4 - Drª Conceição Rendeiro** - Saúde em Timor no início dos anos 70

- **5.5 - Gregório Henrique** - Organização dos serviços de saúde na resistência e cuidados de saúde

- **5.6 - Dr. Pedro Pinto Leite** - As potencialidades económicas de Timor-Leste e questões de direito internacional com elas relacionadas

6 - SESSÃO DE ENCERRAMENTO
- **6.1** - A. Barbedo de Magalhães (coordenador das Jornadas)

- **6.2** - Abílio Araújo (Fretilin)

- **6.3** - Vicente Guterres (UDT)

- **6.4** - Professor Nuno Grande (Pró-Reitor da U.P.)

7 - ESPECTÁCULO FINAL

8 - REFLEXOS NA IMPRENSA

9 - LISTA DE PARTICIPANTES E CURRICULA DEORGANIZADORES E CONFERENCISTAS
- **9.1** - Lista de participantes

- **9.2** - Curricula de organizadores, animador e conferencistas

1 - OBJECTIVOS

O documento que anunciava a realização das Primeiras Jornadas de Timor da Universidade do Porto, definia os seus objectivos da seguinte maneira:

"- Dar a conhecer a história, a cultura, as potencialidades e a realidade de Timor-Leste.

- Criar um espaço e oportunidade para que os agentes da cultura timorense e os "fazedores" da sua história recente se possam assumir e exprimir como tais, dando a conhecer a sua história e a sua cultura".

Não se tratava, pois, de fazer um congresso científico, ou uma conferência de e para especialistas "encartados", mas de dar a palavra e o gesto aos timorenses, criar condições para que estes se pudessem exprimir e dar a conhecer.

O resultado final desejado não era apenas - nem principalmente - um conjunto de comunicações científicas sobre a história, as tradições e as potencialidades de Timor-Leste. Era sim uma vivência e uma expressão pública, tão directa quanto possível, da cultura, história e realidade do Povo do território.

Por isso se admitiu, desde o princípio, a hipótese das Jornadas poderem dar origem, eventualmente, a um espectáculo público, final. Este seria um fruto possível - embora não obrigatório - das Jornadas. A sua concretização, ou não, dependeria do trabalho de grupo a fazer nas tardes de 2ª a 6ª feira, da riqueza interior e da capacidade organizativa e expressiva dos participantes timorenses.

Outro resultado visível seriam os resumos, ou os textos das comunicações que alguns especialistas fariam nas manhãs dessa semana.

Como se dizia no documento que definia os objectivos, a estrutura e o programa previstos para as Primeiras Jornadas de Timor da UP, estes consistiriam em:

"Recolher histórias da história recente de Timor, ouvir e ver timorenses a recordar e a contar ou a cantar as suas lendas e tradições, ouví-los falar ou vê-los mostrar as suas técnicas e práticas tradicionais, e obter, no fim, alguns textos e/ou

um filme vídeo susceptível de publicação e de divulgação;"

" Criar um espaço para que o Povo Timorense se exprima, ele que quase sempre viveu calado e se encontra amordaçado (e mesmo em Portugal tem tido tão poucas oportunidades de se exprimir), e promover um melhor conhecimento desse povo tão desconhecido."

2 - PREPARAÇÃO

A realização de umas Jornadas com os objectivos atrás enunciados dependia, fundamentalmente, da receptividade, do interesse, da capacidade e do envolvimento dos timorenses.

Na região do Porto não há refugiados de Timor. Eles estão, quase todos, na zona da grande Lisboa ou em Setúbal. Apesar da Comissão para os Direitos do Povo Maubere do Porto e do grupo Paz e Justiça para Timor-Leste já terem antes trazido a esta cidade cerca de uma dezena de refugiados, para darem os seus testemunhos pessoais, aquando da realização de diversas sessões públicas e, apesar de esses mesmos grupos, com a colaboração do Sindicato dos Professores do Norte e da Reitoria da Universidade do Porto, terem organizado espectáculos com a participação dos grupos culturais da Fretilin e da UDT, era necessário ultrapassar as dificuldades resultantes da distância e do ainda escasso contacto existente com estes timorenses e, sobretudo, com aqueles que nunca tinham vindo ao Porto.

Uma primeira preocupação foi encontrar elementos de ligação entre os responváveis pela organização (em representação da Reitoria da UP) e os refugiados timorenses. E, porque se tratava de uma realização de índole cultural e não política, julgou-se preferível fugir aos canais habituais, que eram as cúpulas dos dois grandes partidos timorenses que constituem a Convergência Nacionalista.

A componente científica das Jornadas passava pela disponibilidade de antropólogos e de outros especialistas para participarem numa realização em que o lugar atribuido aos refugiados timorenses era o fundamental, e em que as suas comunicações deveriam contribuir para despoletar uma maior e mais activa participação destes, quer através do diálogo, quer mediante um maior envolvimento no trabalho de grupo. Não se tratava, pois, de obter um elevado número de comunicações científicas muito especializadas - como na generalidade dos congressos - mas antes de conseguir que, através de um número muito reduzido de sessões de exposição tipo "aula" se abordasse um leque relativamente amplo de temas que desse uma panorâmica geral dos traços definidores da situação e da identidade timorense.

Era fundamental, no entanto, que esses temas fossem tratados por forma a suscitarem a participação activa dos timorenses, quer nos debates, quer na expressão pública da sua cultura e realidade.

A segunda grande preocupação era, pois, de encontrar um ou mais antropólogos ou historiadores, que aderissem plenamente aos objectivos visados e fossem capazes de colaborar na preparação dessas Jornadas tão "*sui generis*".

Tendo o projecto das Jornadas sido apresentado ao Reitor em princípios de Janeiro de 1989, pelo Engº A. Barbedo de Magalhães, Professor Associado da Faculdade de Engenharia da U.P., e pelo Dr. Jorge Mendes, Licenciado em Matemática Aplicada, não sendo, nenhum deles, nem antropólogo nem historiador, e não estando particularmente bem relacionados com o meio científico dessas especialidades, esta tarefa também levantava algumas dificuldades.

A fim de tentar ultrapassar estes dois problemas, decidiram os dois responsáveis pelo projecto organizar uma primeira Jornada de Trabalho subordinada ao tema: **"Timor-Leste, Identidade do seu Povo e Perspectivas para o Futuro"**.

Esta teve lugar no Círculo Universitário do Porto em 29 de Abril de 1989. Nela participaram quatro refugiados timorenses (dos sete convidados), um único antropólogo e um historiador, dos vários a quem fora endereçado convite.

Na sequência dessa Jornada, a timorense Fátima Guterres, que conheceu as duras realidades da resistência e da prisão, e o antropólogo Henri Campagnolo, aceitaram colaborar na preparação e organização das Jornadas, incluindo o estabelecimento de contactos e a selecção de timorenses para participarem nas mesmas. Posteriormente foram agregados a este núcleo o Padre Apolinário Guterres (sacerdote timorense que fez a experência da diáspora pela via de Atambua, no Timor Indonésio) e a antropóloga Maria Olímpia Lameiras.

Por vontade expressa dos timorenses deste núcleo organizativo, Monsenhor Martinho Lopes e os dirigentes da Fretilin e da UDT em Portugal Continental, também tomaram parte na organização e na selecção dos participantes timorenses, com a sua opinião, o seu apoio e estímulo e com o seu empenhamento na realização das Jornadas.

Pretendia-se que os participantes timorenses fossem, tanto quanto possível, representantes da rica variedade deste Povo, quer em termos políticos, quer culturais. Desejava-se, também, abranger os vários grupos etários e competências diversas (música, dança, lendas e costumes, artesanato e outras técnicas, saúde, etc.). Por isso foram contactadas pessoas pertencentes a vários grupos culturais (além dos da Fretilin e da UDT) vivendo nas zonas da grande Lisboa ou em Setúbal. Nenhum grupo ou parte de grupo - enquanto tal - foi convidado. Os convites foram pessoais, para que a integração no trabalho global dos participantes e no projecto das Jornadas fosse mais fácil.

O elevado grau de adesão e o interesse que as Jornadas suscitaram entre os timorenses, o seu interessado envolvimento e a sua capacidade organizativa fizeram com que a selecção dos participantes fosse feita pelos timorenses, sendo posteriormente ratificada (com uma intervenção mínima) pelo Responsável e Coordenador Geral das Jornadas.

Uma semana antes do início destas, o Coordenador e alguns membros da organização, reuniram-se em Lisboa (nos Balteiros) com os participantes timorenses, para um primeiro contacto e para um melhor esclarecimento quanto aos objectivos, funcionamento, viagens, alojamento, e outras questões práticas. Nessa reunião foi posta a questão de saber se deveria haver ou não, um "coordenador da animação", que funcionaria como um público especializado, atento, competente e interpelante, por forma a suscitar uma maior participação e contribuir para a melhoria técnica de um espectáculo que, eventualmente, se viesse a apresentar.

Como a generalidade dos timorenses presentes julgasse útil a existência de um tal coordenador de animação, no mesmo dia a organização estabeleceu os contactos necessários para assegurar a participação, com essas funções, do actor-encenador Miguel Loureiro, da Escola Superior de Educação de Setúbal.

Entretanto, os participantes timorenses iam recolhendo, junto dos seus familiares mais velhos e dos seus conhecidos, informações sobre os costumes, lendas e contos tradicionais, e iam preparando materiais a trazer para o Porto.

Deste modo a participação timorense foi fundamental, não só no decurso das Jornadas, mas também na sua organização e preparação. Quando estas começaram, já muito trabalho havia sido feito entretanto. Esse terá sido, provavelmente, o segredo do seu êxito.

3 - ESTRUTURA E PROGRAMA

3.1 - Estrutura e participantes

> ***"Dar-se-á a estas Jornadas uma estrutura mista, com "aulas" dadas por "especialistas" de assuntos relacionados com Timor-Leste, e sessões de trabalho em que os timorenses possam contar e escrever as suas histórias, lendas e tradições, tocar e dançar as suas músicas e danças e, eventualmente, representar trechos da sua história ou pequenas peças ou "sketchs" que mostrem traços da sua cultura e tradição".***
>
> ***"Será, pois, uma espécie de "curso activo" onde as "aulas" são o pretexto motivador das sessões de trabalho em ateliers. Nestes, os principais actores e autores serão os timorenses."***

Era nestes termos que se definia, no documento de apresntação, a estrutura que iriam ter - e que de facto tiveram - estas Jornadas.

A fim de evitar uma participação excessiva de europeus, que pudesse abafar ou dificultar a expressão da cultura timorense, ter-se-ia que limitar a dez o número de participantes de Portugal Continental, ao passo que o número de timorenses previsto no projecto inicial era de vinte.

De facto, os números de paticipantes nos ateliers de trabalho foram exactamente esses - 20 timorenses e 10 europeus. Isto sem contar com um luso-indiano (Dr. Francisco de Menezes) que se inseriu nas Jornadas como se timorense fosse, de tal modo conhecia as línguas e os costumes de Timor, e um centro-americano (o encenador Roberto Merino). Nalgumas sessões da manhã e noutras actividades das Jornadas participaram, ainda, mais alguns membros dos grupos de solidariedade, integrados na organização, e ainda conferencistas e outras pessoas. Na sessão de encerramento intervieram dirigentes políticos timorenses.

No ponto 9 encontram-se as listas de participantes. Não consta nenhum estudante da UP, ao contrário do que se tinha previsto. Muitos manifestaram interesse, mas tinham exames.

3.2 - Programa

O programa real coincidia, quase completamente, com o previsto. Os horários de começo das sessões foram respeitados. Os trabalhos de grupo prolongaram-se para além das horas previstas, trabalhando-se até às três e meia da manhã, na noite de 6ª feira para sábado, para ensaiar o espectáculo final.

A intervenção do enfermeiro Gregório Henrique só teve lugar na 6ª feira, e não na 5ª feira como estava previsto, o que reduziu o tempo dedicado à apresentação do problema de Timor face ao direito internacional.

Da parte da tarde, em vez de funcionarem diversos ateliers em várias salas, o grupo trabalhou todo no mesmo espaço, ainda que, por vezes, sub-dividido em pequenos grupos, a escreverem letras de canções, a ensaiar músicas, a montar um tear ou a aprender a fazer cestaria . O facto de todos os participantes estarem integrados num único grupo, todos a trabalhar na mesma sala, contribuiu para uma maior unidade e articulação do conjunto.

O programa real foi o seguinte:

Domingo: 10.09.89 - 19h50 - Chegada dos participantes

20h - Jantar (num restaurante junto à estação)

21h45 - Sala da Cultura do Professor (graciosamente cedida pelo Sindicato dos Professores do Norte)

Recepção aos participantes, confirmação de inscrições, definição de objectivos, metodologia e programa; distribuição de textos de apoio.

2ª a 6ª feira: (inclusivé) - Depart. de Engenharia de Minas Faculdade de Engenharia de Univ. do Porto (entrada pela Praça Coronel Pacheco)

9h às 9h45 - Sessão de exposição tipo "aula"

9h45 às 10h30 - Debate dos temas tratados nas "aulas"

10h30 às 11h - Pausa para café

11h às 11h45 - "Aula"

11h45 às 12h30 - Debate

12h30 às 15h - Intervalo para almoço

15h às 17h - Trabalho de grupo

17h às 17h30 - Pausa para café

17h30 - Trabalho de grupo (criação, ensaio e montagem do espectáculo final)

Sábado: - 16.09.89 - Reitoria da Universidade do Porto
Rua D. Manuel II - 4000 Porto

9h às 12h30 - Preparação da sessão pública e do espectáculo final.

12h45 às 14h45 - Intervalo para almoço

15h30 às 16h30 - Sessão pública com dirigentes nacionalistas timorenses (lideres da Convergência Nacionalista) e jornalistas; conclusões das jornadas.

17h15 às 18h15 - Espectáculo feito pelos participantes nas Jornadas sobre O Povo de Timor, sua vida, situação e cultura, e com o título: - **"O Povo de Timor Não Pode Ser Escravo".**

20h - Jantar de encerramento, na Residência Universitária Feminina.

Domingo: - 17.09.89

13h00 - Almoço de despedida.

15h30 - Partida dos participantes.

Os temas tratados nas sessões da manhã foram os seguintes:

2ª feira - 11.09.89 - Dr. Henri Campagnolo (Antropólogo-Linguista)
- Modo de preparação de alimentos e estrutura social timorense
- Ritmos e géneros na literatura oral dos Fatalucos de Loré

3ª feira - 12.09.89 - Dr. Francisco Xavier de Menezes (Sociólogo)
- História Sociológica e Cultural de Timor

4ª feira - 13.09.89 - Drª Olímpia Lameiras (Antropóloga)
- O doméstico e o selvagem ou a regra social e a liberdade e criatividade pessoal entre os Fatalucos.

5ª feira - 14.09.89 - Drª Conceição Rendeiro (Médica)
- Situação sanitária de Timor.

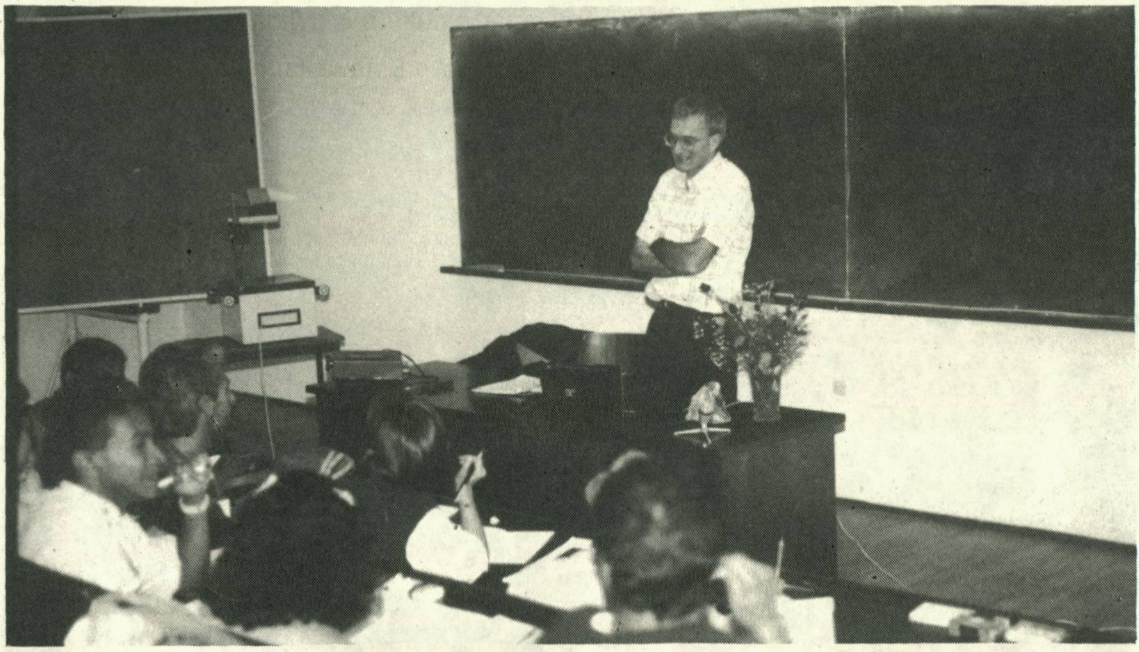
6ª feira - 15.09.89 - Enfermeiro Gregório Henrique
- Organização da saúde na resistência e conhecimentos e práticas

tradicionais.

- Dr. Pedro Pinto Leite (Especialista em Direito Internacional):
- Potencialidades económicas.
- Situação política, social e jurídica actual.

ERRATA
No fundo da pg. 13 - onde diz:"cada um dos 17 timorenses e 10 europeus então" - devia estar:"cada um dos 17 timorenses e 10 europeus então presentes disse algo sobre si próprio e as motivações para participar nas Jornadas. Foi uma apresentação necessariamente longa, através da qual prepassava a riqueza e o ..."

4 - AS JORNADAS DIA-A-DIA



1. A primeira conferência-debate, pelo antropólogo Henri Campagnolo, foi sobre os modos de preparação de dois alimentos fundamentais - o arroz e o milho - entre os Fataluku de Loré, desde a colheita até ao fim da cozedura. Existindo uma estreita ligação entre o modo de preparação dos alimentos e a estrutura e as relações sociais, foi esta abordagem que permitiu aos participantes penetrar nas regras do casamento-aliança que dominam a vida social timorense.

A expectativa era grande. Às nove menos um quarto já quase todos os participantes aguardavam, em frente ao edifício do Departamento de Engenharia de Minas da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, a hora de início das Jornadas (marcada para as 9 horas). Às 9h 05, o Dr. Henri Campagnolo dava início à sua exposição, depois de uma breve apresentação feita pelo Professor A. Barbedo de Magalhães.

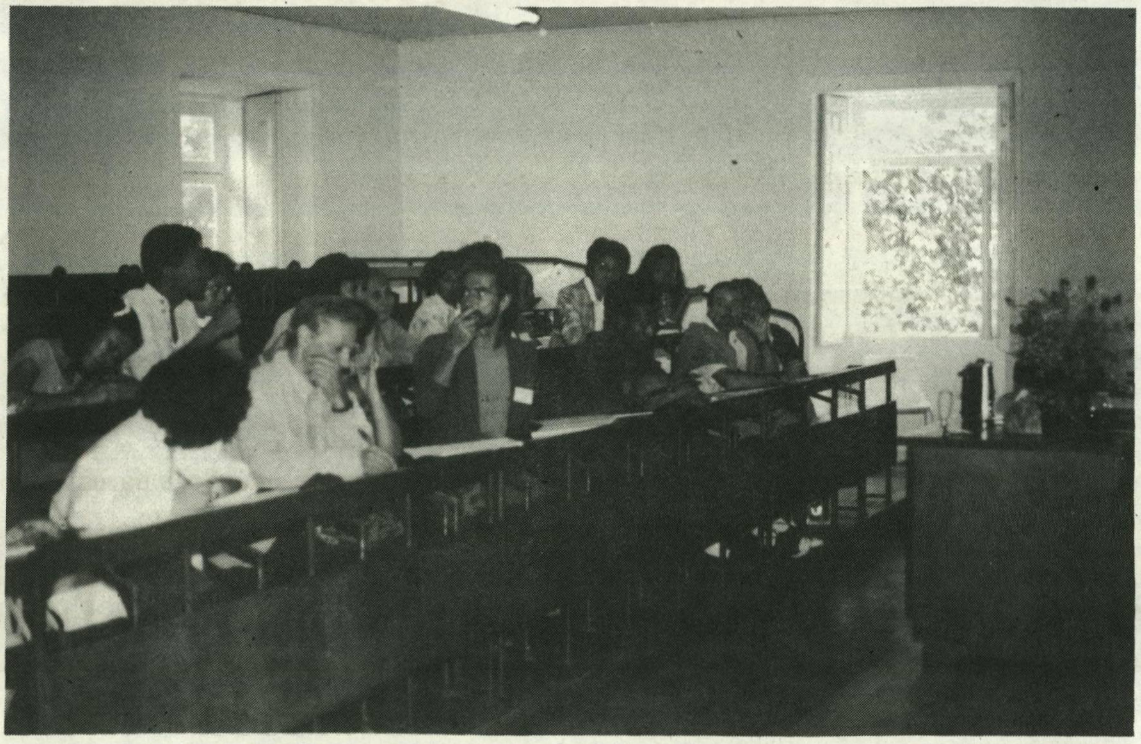
Para não inibir os participantes, não houve gravação vídeo no primeiro dia. Nessa 2ª feira, 11 de Setembro de 1989, só o Dr. Henri Campagnolo teve direito a fotografia.

Da parte de tarde, depois de se contarem algumas anedotas timorenses - uma do polvo que pescadores vendem aos caçadores da montanha ..., outra sobre o "desenvolvimento" propagandado pelos indonésios ..., outra sobre a grande enguia e a panela para a cozinhar...[1] - cada um dos 17 timorenses e 10 europeus então drama da vida dos presentes e do povo de Timor.

---

[1] Ver no fim deste ponto 4 uma versão resumida destas anedotas.

No final da sessão o Miguel Loureiro, coordenador da animação, lançou um desafio: que cada um pensasse na forma como apresentar a cultura e a vida do povo de Timor-Leste, e qual o contributo que podia dar para isso. Estava lançado o desafio que conduziria ao espectáculo final.



2. No dia seguinte, 3ª feira, 12 de Setembro, o Dr. Francisco Xavier de Menezes fazia uma introdução histórica sobre Timor, no quadro de uma "Expansão Cristocêntrica".

Depois, continuou a falar da sua longa e riquíssima experiência de vida em Timor. Com entusiasmo falou da festa, do calor humano, do afecto.

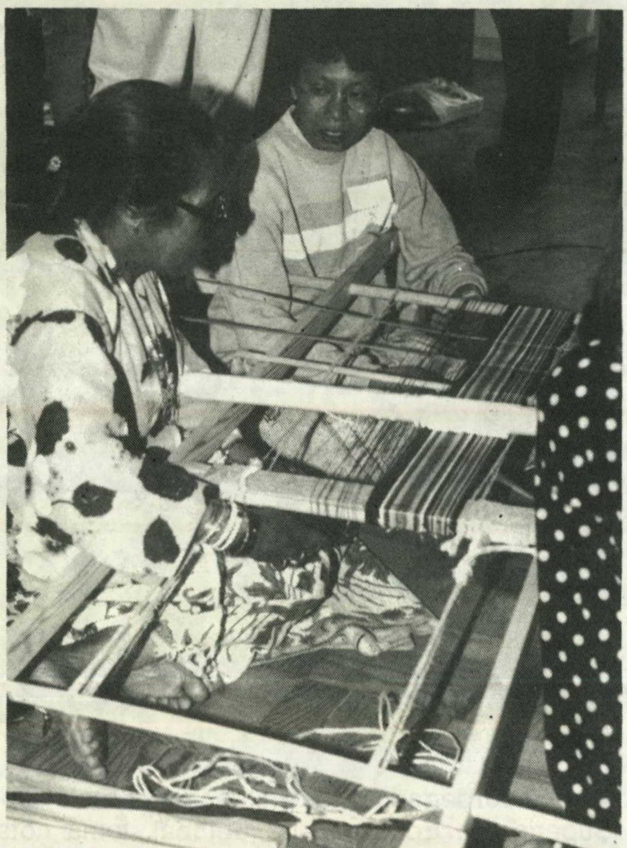
No início referiu que só o convite insistente e insinuante do Prof. Barbedo o havia convencido a vir por um dia. E no entanto, com o desenrolar das Jornadas, viria a adiar a partida, ficando até ao fim da semana. Nem um afazer importante e urgente em Lisboa o impediu de participar no resto das Jornadas. A empresa "Soares da Costa", onde trabalha, colaborou, pagando as viagens de avião, para reduzir ao mínimo o tempo de ausência!...

3. Na 3ª feira à tarde, o Dr. Menezes, ainda de gravata, mas já sem casaco, integra-se nas actividades do grupo. Ainda há timidez. Mas o Meireles e o Fernando começam a tocar.

4. O coordenador da Animação, o actor-encenador Miguel Loureiro, da Escola Superior de Educação de Setúbal, toma nota de letras, de canções, de lendas e tradições. A seu lado, a Gi Magalhães dá uma especial atenção à música, cheia de calor e de afecto, de suavidade e de vigor. A escala utilizada é, já, a Ocidental, na falta de instrumentos com a escala ancestral. Quase não há desses velhos instrumentos musicais, e ninguém os sabe afinar...

Brigida
Paula Jerónimo
Leonor (Nucha)
(Fernando)
Carmen
Assunção

5. O timorense quando motivado, é activo, empreendedor e alegre, dizia o Dr. Menezes da parte de manhã.
Na 3ª feira à tarde, a inibição ia dando lugar à alegria de brincar de novo os jogos e as brincadeiras das crianças de Timor, e a timidez ia dando lugar à iniciativa.



6. A D. Julieta Mesquita dos Reis ensinara a montar o tear típico timorense, e começa a dispôr as linhas para fazer um belo "tais" (pano timor com que se vestem os homens "tais mane" - e as mulheres - "tais fetu"
A Geralda Faria [1] segue com atenção e interesse.

---

[1] Filha do Sr. André da Silva Faria que, tendo sido preso em 27/07/77 pelos ocupantes indonésios, foi brutalmente massacrado com murros, pontas de cigarro, facas afiadas, etc. Só uma enorme resistência física e os cuidados da sua esposa, grande conhecedora de plantas medicinais timorenses e da medicina tradicional chinesa, lhe permitiram sobreviver aos maus tratos

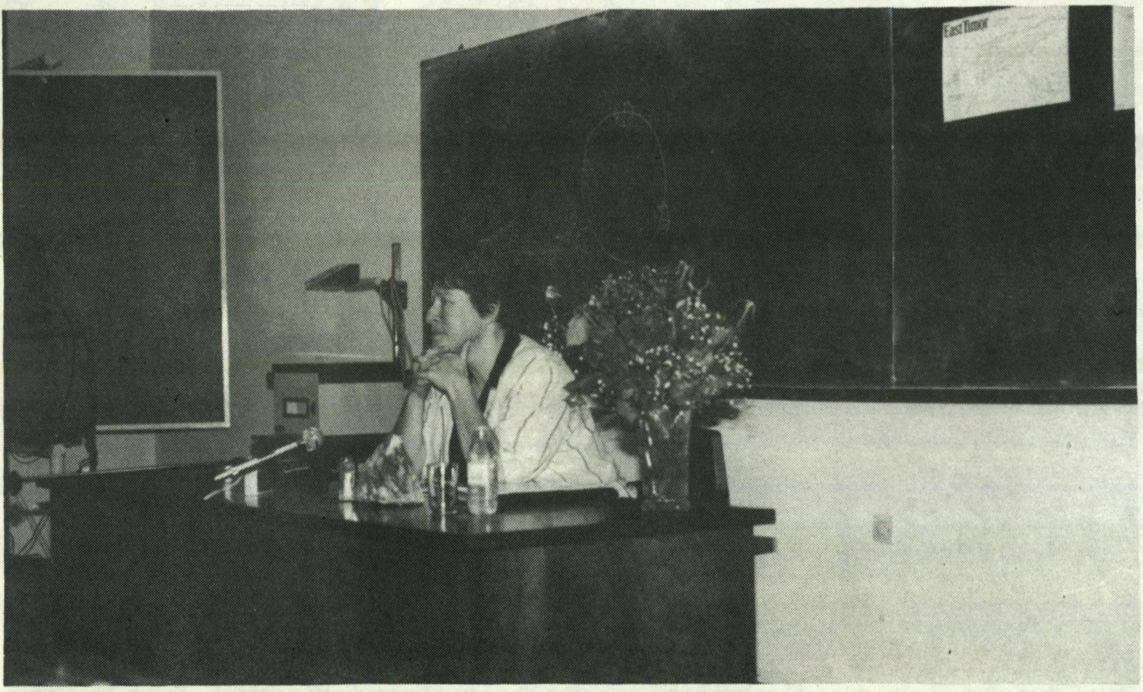
7. A Fátima Guterres, apesar da sua timidez, toma a dianteira do grupo que explica como é o jogo "Kuda tali rebo rebo" (cuja tradução levantou grandes dificuldades, acabando por se optar por "agarrados à corda do cavalo). Este jogo ainda lembra o "bom-barqueiro".

Atrás da Fátima estão, por ordem:

- o Francisco Maria Aparício (irmão do Padre Apolinário Guterres que foi, com a Fátima Guterres, uma das pedras fundamentais na preparação das Jornadas e selecção dos participantes; irmão também do Dr. Vicente Guterres, Vice-Presidente da UDT):
- a Carla Maria de Sousa Gama (nascida em Angola, de pai timorense).
- a Brígida dos Reis Mesquita, filha da D. Julieta (de Remexio).
- a Paula Jerónimo.
- a Leonor Cardoso Mota (Nucha)
- o Fernando da Costa Soares
- a Carmen Babo de Araújo
- o António Assunção da Luz Rosa
- o Nelson Alexandrino Joaquim[1] ,e
- o Meireles Alves Boavida

---

[1] O Nelson Joaquim é irmão da Goretti e da Beatriz, ambas presas e perseguidas pelos indonésios. A Goretti Joaquim depois de presa foi torturada com pontas de cigarros e por outras formas, acabando por sucumbir às sevícias de que foi objecto. Assim "desapareceu". Os pedidos de informações sobre o seu paradeiro, feitos pela Amnistia Internacional ao Governo Indonésio, nunca obtiveram resposta.



8. Na 4ª feira de manhã foi a vez da antropóloga Maria Olímpia Lameiras nos falar, com enorme vivacidade e entusiasmo, do doméstico - do que tem regras, do cultivado - e do selvagem - domínio da iniciativa e criatividade pessoal, da não-regra, dos amores fora do barlaque, da caça e da recolecção.

Apesar do seu estado de saúde preocupante não só não falhou ao compromisso, como apresentou de uma forma extremamente viva o fruto da sua vivência, de cerca de dois anos, entre os Fataluku da zona leste de Timor. O seu espírito observador e acutilante, o conhecimento da língua desse povo e a inserção numa "família" timorense local, permitiram-lhe ver, sentir, viver e compreender coisas que a maior parte dos europeus, mesmo os mais próximos do povo timorense, não conseguiram nunca ver e viver. Com alguns exemplos levou os participantes a aperceberem-se da relatividade dos valores morais interpretados por uma comunidade onde o "sagrado" tem uma grande importância.

9. Pretendia-se que os conferencistas suscitassem o debate. E assim aconteceu todos os dias. Em complemento da intervenção da antropóloga Olímpia Lameiras, a Madalena de Canossa Mesquita de Andrade mostra um pano timorense.

De notar que a Madalena só podia ficar dois dias. Com muita boa-vontade do Conselho Directivo da Escola C+S Delfim Santos, de Lisboa, conseguiu ficar toda a semana, com uma rápida fugida a Lisboa. A sua participação foi extremamente importante. Tornou-se imprescindível para o espectáculo final, mas ia ser madrinha de casamento dos seus melhores amigos. Graças à excepcional compreensão destes, e à sua sensibilidade e solidariedade com o Povo de Timor, a Madalena não participou no casamento para ficar para o espectáculo final!...

10. Na 4ª feira à tarde o espectáculo começa a tomar corpo. Fala-se dos costumes, das músicas e das danças. As versões não são todas coincidentes: - cada zona tem os seus costumes próprios, que introduzem cambiantes e dão uma maior riqueza à cultura timorense.

Sentados no chão de uma sala de aula do Departamento de Engª de Minas da FEUP, estão o Meireles, a Nucha[1] (Leonor Cardoso Mota), a Fátima Guterres, a Brígida e o Luís Costa[2] (secretário da Fundação Austronésia Borja da Costa).

---

[1] A Nucha é filha do Sr. Justino Mota ex-funcionário dos Serviços de Saúde que. tendo sido preso e torturado, adoeceu na prisão em consequência dos maus tratos e das péssimas condições sanitárias e alimentares em que esteve preseo. Tendo vindo doente para Portugal Continental, acabou por falecer em consequência disso.

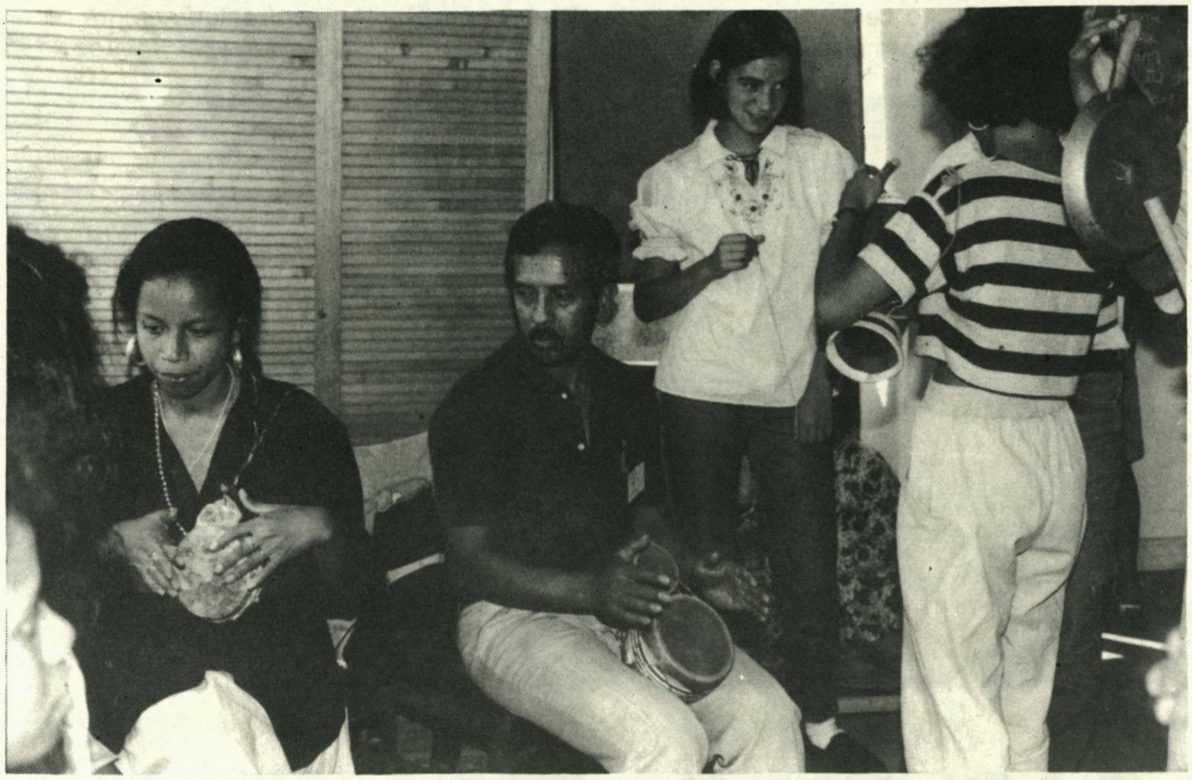
[2] O Luís Costa é irmão do poeta maubere Borja da Costa, jornalista de "A Voz de Timor", assassinado pelas tropas indonésias, juntamente com centenas de outros timorenses, no cais de Dili, em 7 de Dezembro de 1975 (dia da invasão). Nesse mesmo dia foi assassinado pelos ocupantes o único jornalista estrangeiro (australiano) ainda em Timor. Algumas semanas antes os indonésios tinham assassinado em Balibó (perto da fronteira com Timor Oeste) outros cinco jornalistas, Greg Shackleton, Malcolm Rennie, Jan Cunningham, Brian Peters e Toni Stewart, para que o mundo não soubesse dos crimes que a Indonésia começara

11. Ainda na 4ª feira à tarde: - o grupo começa a treinar uma dança de trabalho. Desse lado estão as mulheres (Célia Araújo, regressada este ano de Timor, Geralda, Fátima, Joana, Paula, Carmen, Nucha e Brígida).

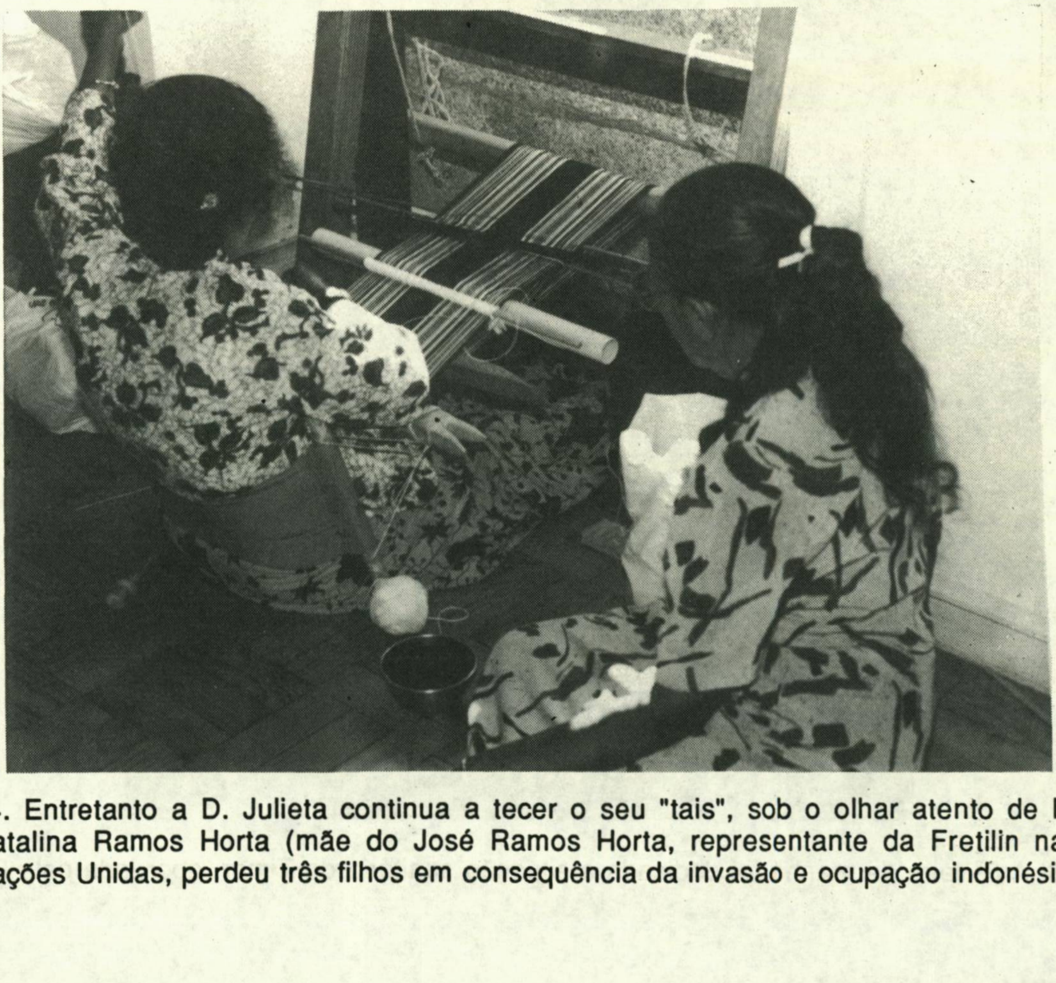
12. ... do outro lado estão os homens (Miguel Loureiro, Luís Costa, Meireles Boavida, António Assunção, Fernando Soares, António Barbedo e Francisco Aparício).

---

já a cometer em Timor-Leste...



13. A Brígida e a Nucha (de costas) tocam o bobodok, instrumento de percussão feito com um tubo de madeira de aihanek, e pele de cabrito, imprescindível nos tebedai, e tocado apenas pelas mulheres.



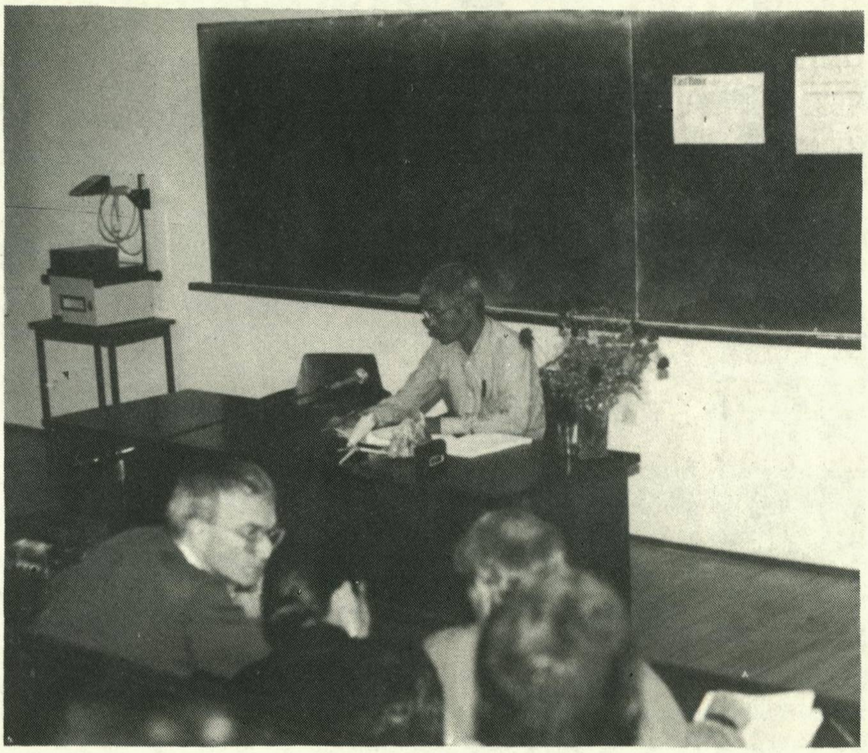
14. Entretanto a D. Julieta continua a tecer o seu "tais", sob o olhar atento de D. Natalina Ramos Horta (mãe do José Ramos Horta, representante da Fretilin nas Nações Unidas, perdeu três filhos em consequência da invasão e ocupação indonésia.

Detida em 1978 no cerco que os ocupantes fizeram em Barique, enfrentou sempre os indonésios com enorme coragem).

15. E a D. Julieta (refugiada em Portugal Continental desde 1976) continua o seu trabalho.

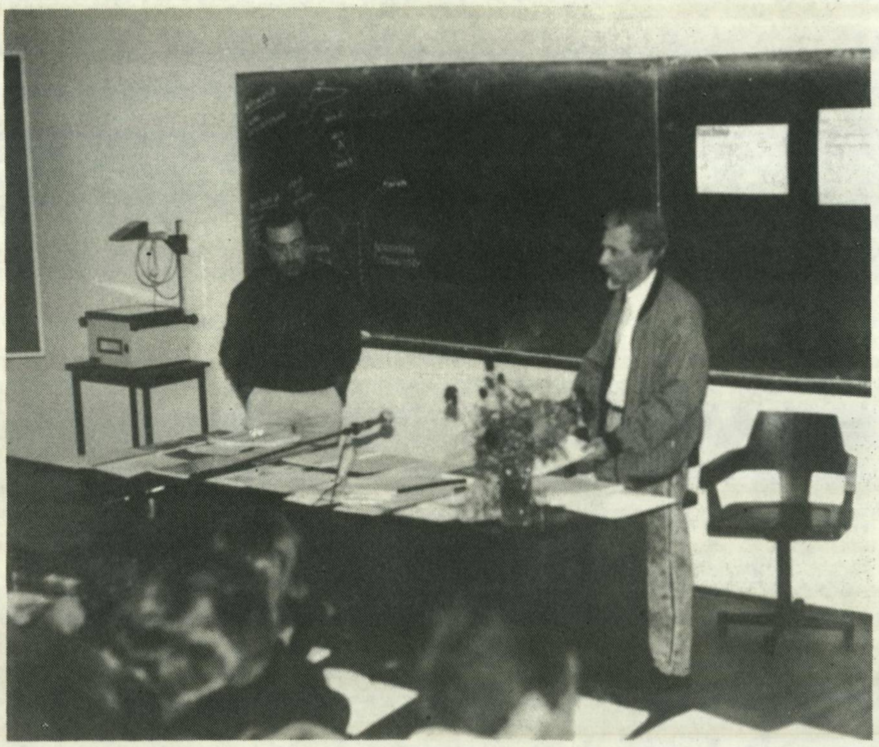
16. A 5ª feira de manhã foi dedicada à situação sanitária de Timor, abordada pela Drª

Conceição Rendeiro (com a colaboração do Dr. Liladar Amarchande, que não pode estar presente). O Dr. Francisco Menezes também deu a sua achega.



17. Na 6ª feira o enfermeiro Gregório Henrique, que foi responsável pelo sector de saúde numa das zonas controladas pela Fretilin, até ser capturado pelas forças de ocupação, falou dessa organização, inserida na resistência, das condições de vida e dos processos de fabricação de medicamentos com base em conhecimentos de plantas medicinais.

No debate o Luís Costa fez-nos saber que em 1977 houve, no interior, um "Congresso" de Matandoks (curandeiros). Os cerca de sessenta matandoks presentes dispuseram-se a revelar segredos ancestrais, que passavam de geração em geração a pessoas cuidadosamente escolhidas. Mais de mil e seiscentas plantas medicinais foram identificadas. O Luís Costa, então sacerdote católico, reuniu todos esses elementos num precioso caderno. Quando foi detido pelas forças indonésias estas destruiram o caderno... Como os ocupantes têm morto sistematicamente todos os matandoks, é toda uma riquíssima sabedoria tradicional que se perde irremediavelmente!...



18. Finalmente o Dr. Pedro Pinto Leite, com tese de Direito Internacional sobre Timor-Leste, recorrendo a copiosa documentação rebate os argumentos indonésios para a integração, quer os históricos, quer os políticos, quer os económicos. A propósito destes últimos, apresentou dados sobre a riqueza agricola e piscícola, e sobre as potencialidades turísticas. O petróleo do mar de Timor, que tanto influenciou desde o início a posição da Austrália, e a inoperância do Governo Português perante o acordo recentemente estabelecido entre a Austrália e a Indonésia para a sua exploração, foram igualmente tratados.

19. 6ª feira à tarde fazem-se os primeiros ensaios no Anfiteatro da Reitoria. O palco e as luzes só ficariam montados às 3 horas da manhã (já sábado) graças à eficiência e boa vontade de uma equipa de luminotécnicos dirigida pelo Eduardo Brandão, coadjuvado pelo Pedro Branco e pelo Abílio Vinhas. O ensaio de luzes durou até às 3 e meia da manhã, com o grupo em cena.

Na foto vê-se o ensaio de uma dança ritual de trabalho: "Sama Hara" (debulha do arroz).

Algumas anedotas timorenses

1. O polvo que voltou a viver

Um dia uns caçadores desceram das montanhas, perto de Laclubar, e vieram até à praia, em Manatuto, para trocarem as suas peças de caça e frutos silvestres por peixes e outros produtos do mar.

Chegados à praia, viram os pescadores a comer uma coisa parecida com carne, sem ossos nem espinhas, de um animal com muitos braços. Acharam que era prático para comer em viagem e pediram para provar.

Os pescadores deram-lhes uns bocados, bem assados e temperados, e os caçadores gostaram muito. Pediram, por isso, aos pescadores para lhes explicarem como se preparava.

- É muito simples - disseram eles - Basta fazer uma fogueira, para ficar com umas brasas, pôr o polvo (pois era de um polvo que se tratava) em cima das brasas para assar, temperar à vontade e comer.

Os caçadores, todos entusiasmados, trocaram algumas das suas frutas por um polvo e regressaram felizes à sua terra, na montanha.

Pelo caminho, quando sentiram fome, fizeram uma fogueira, apagaram-na para ficarem só com brasas, e puseram o polvo em cima. Já lhes crescia água na boca, ávidos de saborear o manjar, quando, de repente, começaram a ver os braços do polvo a mexer-se. Assustados, pensaram que o bicho tinha readquirido nova vida, e , muito rápidos, deram um pulo e começaram a atirar as suas setas, com os arcos que sempre traziam consigo. Mas o polvo, cujos braços encolhiam com o calor das brasas, não parava de mexer. Cada vez mais assustados, quando se acabaram as setas fugiram em debandada. E nunca mais quizeram polvo, nem voltaram a passar pelo local da fogueira, onde os espíritos deram ao bicho de muitos braços uma nova vida, que nem as suas flechas eram capazes de matar...

2. Felizmente não trazia as botas calçadas

Um dia um camponês de Maubisse vem da sua terra, bem no coração de Timor-Leste, até à cidade de Dili, para comerciar no *"bazar"* (mercado).

Ao ombro, atados nas extremidades de um pau de bambu, traz os frutos da sua colheita, em belos embrulhos feitos de folhas entrançadas, e um par de botas muito luzidias. Os caminho são pedregosos na montanha, e, às tantas, o camponês tropeça numa pedra, e fere-se um bom bocado. Apesar do sangue lhe escorrer do pé e de ter dores, volta-se para a mulher e diz-lhe:

- Ainda bem que não trazia as botas calçadas, senão tinha-as estragado!

3. O desenvolvimento promovido pelos indonésios

Um dia o jornal Compass, de Jakarta, enaltecendo o desenvolvimento económico que a Indonésia tinha levado a cabo, em Timor-Timur (Timor-Leste), escrevia a certo passo:

"Graças às centenas de quilómetros feitos desde a integração, agora os timorenses podem andar à direita e à esquerda do asfalto."

Ao ler a notícia um timorense comentou:

"- Pois é, o asfalto é para andarem os indonésios; para os timorenses só fica a valeta!..."

Nota:- As anedotas foram contadas pelo Nelson Alexandre Joaquim. O presente texto é de A. Barbedo de Magalhães.

5 - COMUNICAÇÕES

5.1 Dr. Henri Campagnolo - SUPPORTS VARIÉS DU SENS: OPÉRATIONS TECHNIQUES, RYTHMES VERBAUX - (Fataluku de Lorehe)

Ce ne sont pas seulement les mots et les phrases, les gestes, les motifs picturaux, plastiques ou musicaux, leurs combinaisons dans les cérémonies ritualisées, qui sont porteurs des différents sens constituant la culture d'un groupe humain. Les procédés et les instruments techniques joignent à leur rôle de transformatreurs du monde matériel celui de support d'un sens qui déborde largement leur caractère utilitaire mais qui serait imparfaitement saisi sans la connaissance précise de celui-ci.

De la même manière, le sens des énoncés verbaux dont le support comporte, outre des mots et des phrases, un arrangement rythmique particulier des sons et des sens, ne peut être correctement déchiffré sans une analyse préalable de cette trame particulière auquel le groupe recourt pour émettre des messages aux propriétés spécifiques de reproduction et de diffusion: messages caractérisant sa "littérature orale", part valorisée de son savoir destinée à être conservée et transmise (éventuellement dans un cercle restreint).

Dans les deux cas entrent en jeu des signes composites, enchevêtrant des signes-composants simples (signifié+signifiant) soumis à leur dynamique propre et à cele de leur macro-signe résultant, pouvant évoluer jusqu'à - dans les cas extrêmes - se réduire à l'un de leurs signes-composants. L'étude de ces macro-signes se trouve donc au coeur de la dynamique culturelle. au coeur dans le sens où ils sont:

- non seulement des unités présentes dans les valeurs, dans les normes, dans les mythes, dans les réalisations matérielles de prestige que chaque groupe impose à l'attention de ses membres et à celle des étrangers - c-à-d. des unités présentes dans les "monuments" de la culture de ce groupe,
- mais aussi des unités périssables, soumises aux aléas des pressions auxquelles séparément sont sujettes leus unités composantes.

La connaissance de cette culture, de sa capacité de se confronter au nouveau, exige en effet que l'on se penche sur son quotidien, sur ses activités de survie, sur ses gestes et ses paroles utiles, générateurs permanents de ces structures complexes dont le rôle dans cet organisme vivant que constitue un groupe humain ne peut être détaché de la capacité de ce groupe de les modifier, de les réinventer, même s'il prétend, sincèrement, et avec le souci de les protéger de l'oubli (en l'absence du support de l'écriture), les tenir inaltérées de ses ancêtres fondateurs.

Le procédé technique considéré sera la préparation du riz et du mais avant cuisson, autrement dit le traitement du riz et du mais entreposés dans les greniers jusqu'à les rendre utilisables par la(les) personne(s) chargée(s) de les transformer - par cuisson - en mets comestibles. Compte-tenu du rôle, joué par ces deux céréales chez les Fataluku de Lórehe, d'ingrédients de base de l'alimentation quotidienne (essentiellement le mais, mais aussi le riz), *"cérémonielle"* (riz et mais consommés dans les cérémonies inter-lignages), *"rituelle"* (riz consommé dans les sacrifices aux ancêtres du lignage), produits dans la quasi-totalité des cas par les membres du groupe, il ne se passe pas un jour dans chaque hameau habité sans que le procédé technique en question ne soit appliqué.

Les chaînes techniques observées comportent pour le riz des séquences de PILAGE (pilage à sec tafa+une ou plusieurs opérations de vannage vaqate, reise, ilile, inike), éventuellement de POLISSAGE (polissage uhu-cafa plus vannage vaqate), pour le mais un EGRENAGE kafure, éventuellement suivi, ou de séquences de PILAGE (pilage humide tafa plus une ou plusieurs opérations de vannage inike, ilile), ou de séquences BROYAGE + PILAGE, ou de séquences PILAGE + SECHAGE vacuqe + BROYAGE.

Parallèlement à leur décomposition en unités successives de transformation des grains, les chaînes techniques sont solidaires d'évènements non directement techniques. Ainsi le pilage du riz préparé par le lignage du père de la fiancée à l'intention du lignage du fiancé dans la cérémonie du mariage est un pilage collectif dans un grand mortier horizontal oronu (au lieu du mortier cylindrique vertical habituel lutu) suspendu à la plateforme extérieure de la maison des parents de la fiancée. Le pilage cadencé à l'aide de pilons de bambou peu efficaces (au lieu des pilons de bois dur habituels) accompagne le chant des pileurs dont les paroles évoquent l'appel par le lignage hôte des membres du lignage invité, le mortier vibrant sous les coups rythmés des polons y étant assimilé à un cheval faisant signe de la tête aux chevaux et aux buffles amenés comme présents matrimoniaux par le lignage du garçon.

Nous sommes ici dans un domaine où se mèlent technique et langage, transformation de matière et signe. Au sein de la chaîne technique de préparation du riz avant cuisson, le pilage est devenu signe, sans perdre sa fonction technique de décortiquage du grain.

De la même manière, le grain de riz décortiqué, confronté verbalement - par le moyen des distiques connus des Fataluku (et de nombreux groupes ethnolinguistiques de Timor et d'autres îles de l'archipel des Petites Îles de la Sonde: vers *"bi-parallèles"* dont le second répète le premier à la différence d'un mot remplacé par un autre) - au grain de riz non décortiqué, et l'opposition entre les deux étant à son tour confrontée aux oppositions huile de coco/saindoux, poule/oeuf, poule (domestique)/poule des bois, porc/buffle, exprimées également par d'autres distiques du même poème (cf. M.O. Lameiras-Campagnolo, H. Campagnolo 1984), atteste l'existence d'une opposition élaboré/non élaboré centrale dans tous les aspects de la vie des Fataluku, valorisant systématiquement dans un produit de toute nature, animal ou végétal, la part d'énergie humaine - inhérente à une activité technique - en lui incorporée.

Dans certains cas, le support technique du signe perdant son caractère utilitaire, le *"macro-signe"* technico-symbolique se réduit à ce qu'on appelle généralement un symbole (ex. le bien patrimonial de lignage qui chez les Makasae joue le même rôle que les sabres à la lame corroyée dans les prestations entre alliés de la plupart des groupes timorais ne ressemble plus que de très loin à un sabre et est déprouvu de toute fonction meurtrière; la planchette creusées de trous borgnes alignés, chez les Fataluku de Lórehe objet sacré nourri de grains de riz et doté du pouvoir d'augmenter le nombre des invités et de leurs présents en faveur du lignage du père de l'épousée, n'a aucune fonction utilitaire: il semblerait - mais ce point demande encore à être confirmé par des données plus abondantes - qu'elle pourrait représenter une forme ancienne du grand mortier horizontal oronu).[1]

H. Campagnolo
(CNRS/DEVI Paris, Invité CES/INIC Lisbonne)
Lisbonne, 1/10/89

---

[1] En signalant avoir observé à Goa la présence de mortiers horizonteaux comportant une série aligné de cavités cylindrique en nombre egale à celui des épouses d'um mari polygyne, le Père Jorge Barros Duarte (entretiant particulier) a à la fois inspiré le raprochement proposé "ete^{1}-kuru^{2}" | "bois^{1}-à-trou^{2}" |/ orunu |"mortier horizontal des mariages"| et soulevé le problème de la definition et de l'aire d'extension de la signification matrimoniale (et vraissambablement sexuèle) du couple mortier (horizontal?)-pilon.

BIBLIOGRAPHIE

1972a "Langue fataluku (extrémité est de Timor Portugais", Paris, Bulletin du CEDRASEMI, III, 3, pp.53-76.

1972b "Le système accentuel de la langue des Fataluku de Lórehe (présentation abrégée)", Paris, Bibliothèque de la SELAF, nº32, pp.99-112.

1973 La langue des Fataluku de Lórehe (Timor Portugais), Paris, thèse de doctorat de 3ème cycle, Univ. Paris Descartes, Sorbonne, 217+XIX p.

1979a João de Deus, pedagogo moderno, Lisbonne, Convergência, 80 p.

1979b Fataluku I - Relations et choix (Introduction méthodologique à la description d'une langue "non-austronésienne" de Timor Oriental), Paris SELAF, 246 p.

1979c "Rythmes et genres dans la littérature orale des Fataluku de Lórehe (Timor Oriental), Première partie", Paris, ASEMI, X, 2-3-4, pp. 19-48 (en collab. avec.M.O.LAMEIRAS-CAMPAGNOLO).

1983 (Interventions/Actes de la) Table-Ronde "Ethno-Sciences", Valbonne, France, novembre 1983.

1984a "Les modes de cuisson des Fataluku de Lórehe à Timor Oriental (contribution à l'étude de la technique de la cuisson)", Lisbonne, Garcia de Orta, Sér. Antropobiologia, 3 (1-2), pp.93-114 (en collab. avec M.O.LAMEIRAS-CAMPAGNOLO).

1984b (Intervention/Actes du) IIème Colloque SILE, Bologne, Italie, 2-7 juillet 1984.

1987 "Typologies de l'habitation chez les Fataluku de Lórehe (Timor Oriental)", De la voûte céleste au terroir, du jardin au foyer, Paris EHESS, pp. 183-206 (en collab. avec M. O. LAMEIRAS-CAMPAGNOLO).

1988 "Les langues de Timor", Le riz en Asie du Sud-Est, Paris, EHESS, PP.287-300 (en collab. avec M.O.LAMEIRAS-CAMPAGNOLO, L.F.THOMAZ, A. GUTERRES).

- sous-presse "Identification de paradigmes réels (à propos d'une enquête sur les désignations du riz auprès de la communauté timoraise au Portugal)", 5ème Colloque Européen d'Études Insulindiennes, Sintra, Portugal, mars 1985.

- sous-presse "Eme ' cueillir, ramasser, piéger' (chez les Fataluku de Lórehe à Timor Oriental)", Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, Lisbonne, INIC, pp.377-407 (en collab. avec M.O.LAMEIRAS-CAMPAGNOLO).

- sous-presse "Egrener du coton à Timor Oriental: contribution à la réflexion sur le couple conceptuel *tendance et fait*", Paris, Publication du GDR 748, 5 p.

dactyl. (en collab. avec M.O.LAMEIRAS-CAMPAGNOLO).

- sous-presse "Le riz et le mais à Timor Oriental: chaînes de préparation culinaire (avant cuisson)", Paris, Publication du GDR 748, 11 p. dactyl. (en collab. avec M.O. LAMEIRAS-CAMPAGNOLO).
- sous-presse "Incidência da misticidade da linguagem museal sobre a investigação e o ensino em museologia", (comunicação no) Encontro Universitário Luso-Espanhol sobre a Investigação e o Ensino na Área da Museologia, Cascais, Portugal, 27-28/5/88 (en collab. avec M.O.LAMEIRAS-CAMPAGNOLO).

5.2. Dr. Francisco Xavier de Menezes

Nota: - Nas uas intervenções o Dr. Menezes abordou três temas:

5.2.1 - Perspectiva histórica de Timor

5.2.2 - O búfalo na etnologia de Timor

5.2.3 - A segurança social na tradição timorense

Os textos que se seguem são um resumo elaborado pela Paula Isabel, com base na gravação e em textos do Dr. Francisco Xavier de Menezes sobre estes temas.

5.2.1 - PERSPECTIVA HISTÓRICA DE TIMOR: - UMA EXPANSÃO CRISTOCÊNTRISTICA

Com esta comunicação, o Dr. Francisco de Menezes propôs-se fazer uma abordagem histórica do tipo interdisciplinar.

1 - O Plano de Afonso de Albuquerque

Para se chegar a Timor não se pode esquecer o plano genial de Afonso de Albuquerque: destinava-se essencialmente a vibrar um golpe bastante duro no islamismo, ao mesmo tempo que permitia dominar todas as rotas das especiarias. Consistia este plano em ocupar o Mar Vermelho, o Golfo Pérsico, a encruzilhada que vai de Singapura até Malaca e algumas posições na Índia. Apesar de o número de portugueses não atingir na altura os 1.600.000, Portugal conseguiu dominar as rotas do Índico e, até, conquistar Malaca, o que parecia quase impossível.

Segundo o Dr. Francisco de Menezes, a expansão Portuguesa no Oriente, muito especialmente na região de Malaca, é uma expansão de tipo cristocênctrico. Naquele tempo, falar português era falar *"cristão"*.

Na sequência da conquista de Malaca em 1511, e sendo este local uma encruzilhada comercial e económica daquela área, houve contactos com comerciantes que traziam alguns produtos de Timor, nomeadamente o famoso sândalo branco. Daí o interesse de Albuquerque em conhecer Timor.

Em Dezembro de 1511, Afonso de Albuquerque envia o capitão-mor António de Abreu para as Molucas, mas este fez somente o reconhecimento das ilhas de Sonda e do Porto de Solor, passando Solor a ser não só porto de escala de navios que demandavam as Molucas, como até centro de irradiação de influência missionária. Por isso, é de presumir que Timor, aproximadamente a 70 milhas de Solor, começasse a ser visitada principalmente pelos paraús de Larantuca, na ilha de Flores, frequentada pelos portugueses que vinham das ilhas vizinhas.

Já o Atlas de Francisco Rodrigues em 1515 inclui entre as ilhas de Banda, Timor, cuja forma se aproxima da realidade. Também em 1514, o cronista Rui de Brito deu notícia a D. Manuel da ilha de Timor, dizendo-lhe que esta tinha muito sândalo, cera e mel.

2 - A Cristianização de Timor

Se a expansão portuguesa se caracterizou, duma forma geral, pelo reduzido etnocentrismo e foi essencialmente cristocêntrica, a de Timor constitui um caso limite, visto ter sido na primeira fase exclusivamente cristã e missionária.

A tal ponto, que a chegada do primeiro missionário a Timor deu origem a lendas curiosas, e os próprios timorenses ufanam-se de que foram conquistados pela cruz e pela água e sal, e não pela força das armas. Disto se orgulhavam, ainda recentemente alguns régulos.

Só a partir de 1561 se começou a fazer a cristianização de Timor; houve primeiro uma resistência cultural. Alguns sacerdotes, com a sua posição radical, não permitiam o casamento múltiplo (a poligamia),nem sequer o barlaque.

A evangelização sistemática pertence aos dominicanos que principiaram, a partir de 1630, a intensificar os seus esforços.

Com a conversão de alguns régulos, sucedem-se as conversões. Em 1631, Frei Cristovão Rangel conseguiu convencer o régulo Silaban a fazer um acordo de Paz e Amizade Perpétua com o Rei de Portugal, dando-se assim o primeiro passo para o estabelecimento da soberania portuguesa. Ao contrário do que aconteceu com os holandeses ou com os ingleses, os reis portugueses consideravam os reis locais *"de igual para igual"*.

Um acontecimento que teria grande influência na missionação de Timor, foi o ataque feito pelo rei islâmico de Toló (Makassar) a Larantuca (Solor). Este terá pensado que os portugueses fugiriam em debandada. Foram, no entanto, derrotados. O monarca islâmico vencido seguiu depois para Timor, onde conseguiu saquear várias zonas do litoral. Obteve a vassalagem de alguns chefes nativos que, para não serem islamizados à força, prometeram pagar um tributo; outros porém, como a rainha de Mena, preferiram retirar-se para a montanha. A sua conversão ao cristianismo deverá relacionar-se com a sua recusa da islamização, e com o apoio que os portugueses lhe ofereceram na sua resistência ao rei macassar.

Toló queria que os liurais se convertessem. Mas eles não cederam. Segundo o ponto de vista do Dr. Menezes, a principal oposição do timorense ao islamismo foi, é e será a utilização de um elemento cultural que é também um elemento da sua alimentação: o porco. O timorense tem o porco como um dos elementos importantes nas suas trocas cerimoniais e matrimoniais, fazendo normalmente parte do dote pago pela família da noiva à do noivo (é um bem feminino).

A mulher timorense teve um papel fundamental ao longo da história de Timor. Disso também dá testemunho a rainha de Mena. Após a sua conversão ao cristianismo, foram convertidos mais quatro grandes reinos, na parte de Timor Oeste. Só depois se seguiram as conversões na parte de Timor-Leste.

Até 1701, data em que Portugal enviou o seu primeiro governador, António Coelho Guerreiro, os timorenses estiveram apenas com os missionários. É um facto único em toda a história da expansão portuguesa, daí que o Dr. Menezes considere que a expansão de Timor é do tipo cristocêntrico. De facto, Timor foi conquistado pela cruz.

3 - Presença da Soberania Portuguesa

Quando os portugueses estiveram fortemente ligados a Solor, e também à vizinha ilha das Flores, a defesa de Timor era feita por várias espécies de pessoas: os timorenses, propriamente ditos, os larantuqueiros (da Larantuca), os chamados tupasses (indivíduos mestiços, filhos de mulheres timorenses e de marinheiros portugueses e de comerciantes de Macau e de Malaca), e todos eles formavam um autêntico "exército luso-tropical". Há um historiador que afirma que, em 1750, havia em Timor só 7 portugueses da metrópole.

O primeiro governador português em Timor resolveu levar consigo uma arca cheia de galões: transformou os régulos em coronéis, os liurais em capitães, alguns chefes guerreiros em tenentes, etc. E surgiram pela primeira vez em Timor, as chamadas tropas de segunda linha, ou de moradores.

Timor teve na sua história muitas rebeliões e sublevações, sobretudo antes do início da ocupação administrativa nos fins do século XIX. Mas será que os timorenses se revoltavam contra os portugueses como tais, ou seria uma *"guerra"* especial?

Segundo a opinião do Dr. Francisco de Menezes, Timor tinha, até há pouco tempo, uma estrutura piramidal: o régulo no topo, depois os liurais (chefes de suco), os chefes de povoações, e assim para baixo. A administração portuguesa impôs o pagamento de um tributo, a *"finta"*, como sinal de vassalagem. Por vezes, os emissários dos governadores praticavam abusos: para além da *"finta"*, tiravam outro tanto para suas canseiras, provocando a revolta dos timorenses. Só no tempo do governador Celestino, em 1906, é que desapareceu este tipo de tributo que, no entanto, foi substituído por um imposto *"per capita"*.

Ao apreciar-se as rebeliões de Timor, não se pode também deixar de encará-las à luz do carácter endémico de que se revestiam as guerras na cultura tradicional timorense. Orgulho ferido, ânsia de autoglorificação, humilhações ou falta de tacto da parte de alguns agentes do Governo, aliados à instigação dos holandeses, levados por fins essencialmente económicos, dariam origem às hostilidades.

Em 1912, no tempo de Filomeno da Câmara, fez-se a pacificação de Timor. A partir desta altura pode-se dizer que estava concluída a ocupação do interior de Timor. Só entre 1920 e 1930 é que as forças militares foram entregando à autoridade cívil (administrativa) que representava o poder no interior.

4 - Conclusão

A presença portuguesa em Timor só foi possível devido à integração cultural de todos os elementos cristianizados, embora numa cultura *"simbiótica"*, cheia de reinterpretações de elementos culturais novos em face dos padrões da cultura tradicional. Deu-se, ao longo da sua História, uma convergência étnica e cultural, num grau que é difícil que tenha sido ultrapassado em qualquer outro território português. Este facto justifica a presença e sobrevivência da cultura luso-tropical em Timor, apesar do número diminuto de portugueses europeus.

Para terminar esta sua intevenção, o Dr. Menezes salientou que os timorenses estão a escrever ainda a sua história. Oxalá que Timor consiga manter a sua identidade cultural, consiga a sua autonomia tão almejada, consiga tudo, para o qual todos temos de dar alguma coisa. Oxalá que Timor se mantenha Timor, concluiu.

Debate:

A primeira questão teve a ver com penetração de Portugal e os conflitos culturais aquando da penetração do cristianismo, e depois o facto de um incidente relacionado com as incursões do rei Toló vir a criar condições propícias para a aceitação do cristianismo pela rainha de Mena, um pouco como reacção à tentativa de domínio islâmico. Isto fez pensar nos tempos de hoje. Por um lado, uma certa reacção ao cristianismo que não aceitava práticas sociais correntes como a poligamia, o baarlaque, etc., mas ao mesmo tempo se há que escolher entre o cristianismo e o islamismo, os timorenses optam pelo cristianismo. Pergunta-se se para além do papel do porco, não haveria um outro factor: a grande distância de Portugaal, tornando-o menos dominador, inclusive em termos culturais. O espírito de independência dos timorenses não teria suscitado neles a aceitação do rei de Portugal que estava nos confins, trocando-o por um rei mais próximo?

Resposta:

Houve efectivamente conflitos culturais. Houve certas instituições, como a poligamia, que resistiram até aos nossos dias e os próprios sacerdotes adoptaram uma grande abertura perante as situações concretas. Além disso, os vice-reis da Índia não ligavam muito a Timor que dependeu de Macau durante largo tempo.

Mas, um factor importante terá sido o tipo de feudalismo existente em Timor que foi respeitado pelos portugueses. Ruy Cinatti considerava os chefes timorenses como uma espécie de heróis camilianos, ou faziam lembrar Egas Moniz pela sua verticalidade.

Recorde-se aqui que a bandeira portuguesa foi hasteada em Dezembro de 1987 para desafiar os indonésios. As bandeiras chegaram a ser consideradas *"lulik"* porque eram portadoras duma força especial. Mas como isto não se pode dizer que os timorenses queriam permanecer portugueses.

Outro participante pediu que se esclarecesse se a referida estrutura social piramidal acontecia em todos os grupo étnicos ou só em alguns e, além disso, quais eram, duma forma suscinta, os direitos e os deveres de cada um dos grupos.

Resposta:

O sistema piramidal, embora com ligeiras diferenças, existiu em todos os grupos etnolinguísticos timorenses. Em cada um deles, por exemplo, havia direitos especiais do régulo ou do liurai: ninguém se podia meter comas filhas do liurai que eram sagradamente guardadas para, através de casamentos, se fazerem arranjos e combinações com outros potentados. Isto porque toda a osmose política, económica e social era feita através destes arranjos matrimoniais.

Além disso, os régulos tinham direito a uma espécie de tributo que os súbditos lhes davam pela terra que cultivavam, e tinham obrigação de os defender contra quaisquer incursões.

Por sua vez, os chefes dos sucos tinham direitos mais reduzidos e cabiam-lhes obrigações para com a sua população.

Note-se que os direitos de propriedade em Timor eram reduzidos; não havia propriedade individual, mas propriedade comunitária (a propriedade do rei, a propriedade da *"Knua"*, etc.). Talvez seja por isso que em Timor existe o hábito de se comer fruta verde; pertence a todos os membros da comunidade e não se pode esperar que ela amadureça, porque senão outros a colherão primeiro...

Também aqui cabe fazer referência à distribuição de tarefas baseada no sexo:

Homens - guerra, caça, pesca no mar, recolha de produtos encontrados nas matas (frutos silvestres, mel e cera), derrube do mato e queimadas, remoção e transporte de materiais pesados para a construção de casas, de muros e das fortificações megalíticas de aldeias, sucos e regulados, além da abertura e manutenção de caminhos vicinais. Quanto às actividades agrícolas, os homens abriam os canais de irrigação por onde desviavam a água dos ribeiros. Competia-lhes também a condução de búfalos que com as patas, amassavam o solo nas várzeas.

Mulheres - recolha de tubérculos e de outros géneros alimentícios obtidos nos arbustos, cozinha e afazeres domésticos, entre os quais se contavam a tecelagem, a cestaria, a olaria e a preparação do sal ígneo fervendo a água do mar. A mulher esteve sempre associada às ideias de criação. Até há umas escassas décadas, os timorenses acreditavam que só as mulheres podiam e deviam deitar ou colocar as sementes na terra, porque só elas eram dotadas de poder e da virtude da fertilidade.

A importância da mulher está também associada a outros aspectos. Nos conselhos dos *"catuas"* (ansiãos), muitas vezes eram chamadas as velhas para dar a sua opinião. Quantas vezes os régulos, cheios de medo, foram animados pelas mulheres timorenses. Enquanto decorriam as campanhas, as guerras, as mulheres mantinham-se activas, sempre a tecer, ou a pilar, porque acreditavam que, por via do contágio, o seu dinamismo era transmitido aos maridos. Inclusivamente, no fim das lutas, as mulheres passavam as cabeças cortadas aos inimigos por baixo das saias para humilhá-los, porque há uma crença forte de que o inimigo, mesmo depois de morto, tem um espírito que pode perseguir. Uma cabeça humilhada ficava com o espírito de tal maneira encolhido dentro do crânio que não tinha coragem de sair e voltar a perseguir.

Aqui cabe explicar o tradicional corte da cabeça. Para o timorense, um dos centros principais da residência da alma e do espírito é a cabeça. Além disso, o timorense na sua religião de base é animista, isto é, acredita que, em si, o espírito é imortal, mas este espírito pode aparecer em todo o lado; às vezes, até as próprias árvores podem ter espírito (portadoras de *"lulik"*). Particularmente, se se trata de um guerreiro e este é morto, o seu espírito também deve ser poderoso e perseguirá sempre quem o matou. Assim, recolhe-se a sua cabeça e deixa-se na tranqueira muito pertinho por forma a dominar-se o espírito, mantendo-o sob vigilância e controlo. Esta maneira de pensar reinou também no meio dos índios.

Finalmente, perguntou-se se a pacificação de Timor em 1912 correspondeu a uma ditadura.

Resposta:

Na fase de pacificação de Timor foi utilizada gente do leste que, conjuntamente com alguns europeus, foram para as zonas de montanha de maior resistência. Deste modo, introduziu-se uma autoridade fixa, acabando-se com a guerra ocasional. Haveria, certamente, uma resistência pelo timorense a uma autoridade demasiado ditatorial.

5.2.2 - O BÚFALO NA ETNOLOGIA DE TIMOR

A vivência intensa do homem com diversos animais é uma constante em muitos povos. A importância do búfalo na vida anímica, social e económica do timorense, justifica o destaque dado a este animal na comunicação efectuada.

1 - Factor Religioso e Anímico

Em Timor, o búfalo possui um valor sacrificial muito importante: na cura das doenças, na construção de casas ou estradas e em toda a gama de rituais, conhecidos na gíria local como *"estilos"*.

O número dos animais imolados varia em função da importância dos mortos ou das famílias celebrantes dos ritos. Por vezes, os cadáveres ficavam insepultos por as famílias não conseguirem reunir animais e parentes em número suficiente para se celebrar uma festa condigna.

Já em 1670, Fr. Agostinho de S. Pascal ficou tão impressionado com a relevância do búfalo na vida anímica do timorense, que chegou a pensar que aquele animal simbolizava o próprio Deus.

O relevo que merece o búfalo no fabulário e nos mitos e lendas de Timor dá a dimensão daquele animal na vida anímico-cultural do timorense. O búfalo surge nas lendas timorenses como um animal poderoso e astuto, tendo especial interesse a célebre lenda de *"Carau Cohe Haat"* onde este, num autêntico comício contra os caçadores Loe-Malic e Bou-Malic conseguiu a adesão e a sublevação de todos os animais. O herói ufanava-se de ter pontas e chifres aguçados como bambús e quatro patas sólidas como pilares. Assim, escondido atrás do fumo da queimada, quase ía matando com uma marrada o Loe-Malic que dificilmente se escapou, tendo na próxima ocasião aquele caçador utilizado uma azagaia *"lulic"* (sagrada) para se desembaraçar do búfalo.

2 - Factor Sócio-Político

Tendo a sociedade tradicional timorense uma estrutura piramidal onde, a par de

constantes lutas tribais e clânicas, houve sempre necessidade de se fazerem alianças entre as famílias para fins de defesa, preservação e expansão dos respectivos patrimónios, o búfalo tem desempenhado um papel importante. Tanto as grandes alianças políticas como os acordos matrimoniais, dificilmente se consumariam sem a intervenção do búfalo, que é o principal componente do *"barlaque"*. Quanto maior for o prestígio e a posição da família da noiva, maior é o número de búfalos que o noivo e a sua família terão que oferecer aos pais ou tios da rapariga.

Nalguns casos os contratos de casamento (barlaque) podiam envolver dezenas, senão centenas de búfalos, além de muitos outros bens masculinos (oferecidos pelo noivo e sua família aos pais e tios da noiva, tais como cavalos, espadas (surik), luas de ouro (belak mean) e luas de prata (belak mutin)), e bens femininos (oferecidos pela família da noiva, e que incluiam os porcos, os cabritos, os panos tradicionais (*"tais"*), os colares de mutissala, patacas mexicanas (de prata etc.). Antigamente podiam empregar-se também escravos no pagamento do barlaque.

Outro aspecto político a ter em conta, é o facto do búfalo ser considerado símbolo de nobreza, poder e soberania. Assim, aparecem adornos de cabeça em forma de crescentes em ouro ou prata, utilizados em festas, danças e rituais, e que representam os chifres ou defesas de búfalo. O mesmo acontece com o remate das coberturas das casas que culminam nalguns casos com pontas de búfalo ou com uma peça em madeira lavrada com saliências nas extremidades.

3 - Valor Económico

O valor económico do búfalo é diferente no conceito timorense e no ocidental. Para o primeiro, o búfalo tem tanto mais valor quanto maior for o tamanho do seu chifre (que vai crescendo com a idade), enquanto para o ocidental o valor é atribuído conforme o peso.

São as cabeças dos animais com chifres longos que são exibidas com maior destaque nas festas rituais e acarretam maior prestígio, tanto para os vivos que oferecem os sacrifícios como para os mortos que deles beneficiam para a sua libertação e glorificação.

Para fins de abastecimento público ou privado, é mais fácil adquirir um boi do que um búfalo.

Ainda sob o aspecto económico, o búfalo tem um papel importante na agricultura timorense: "os búfalos são arados de carne".

No entanto, as populações foram resistindo ao longo dos anos a tentativas feitas por autoridades civis e militares e dos colonos, no sentido de submeter o búfalo à canga, nomeadamente para a tracção de arados e charruas. Tais trabalhos, por exigirem a aplicação de cangas no pescoço dos búfalos, seriam demasiadamente humilhantes para um animal considerado nobre.

É de notar também que nos ritos e trocas cerimoniais se dá preferência absoluta aos machos o quę, aliado ao facto de as autoridades civis e militares terem privilegiado igualmente a aquisição de machos para abastecimento de carne, justifica que as populações declarassem sobretudo as fêmeas nos seus recenseamentos e registos obrigatórios de gado, quando não escondiam totalmente a existência de búfalos.

Debate

No período de debate que se seguiu à comunicação *"O Búfalo da Etnologia de Timor"* foi feita, por parte de uma das intervenientes da Jornadas, uma descrição mais detalhada da origem e do conteúdo da célebre lenda de *"Carau Cohe Maat"*. Procurou-se, em seguida, estabelecer as diferenças entre as festas e os ritos cerimoniais de *"cori-meta"* e *"taka-rate"*:

O *"cori-meta"* é uma instituição luso-timorense. É mais pitoresco do que o *"taka-rate"* (selagem de sepultura). No *"cori-meta"* qualquer indivíduo podia aparecer com um garrafão de vinho, dançava-se e permitia-se que elementos estranhos à família pudessem participar. Pode dizer-se que o *"cori-meta"* constitui a dessacralização do *"taka-rate"*, embora nesta última também se tocasse, se cantasse e se dançasse.

O espírito festivo do timorense fez com que ele seja capaz de estar dias e dias a dançar, quase sem dormir. Muitas vezes, um vinho bem preparado ajuda a que isto seja possível.

A dieta timorense era muito pobre em proteínas, principalmente de origem animal, pois a carne geralmente só se usava em festas e em certos ritos. Mas numa festa como o *"cori-meta"*, um timorense com cerca de 40 kg de peso era capaz de comer 8 kg de carne por dia.

5.2.3.- A SEGURANÇA SOCIAL NA TRADIÇÃO TIMORENSE

Se observarmos de perto a vida dos povos, e em especial dos que se regem predominantemente pelos seus costumes e tradições, notamos que existe uma complexa rede de trocas e contrapartidas que formam a estrutura base que suporta a vida económica, política e social.

Segundo o Dr. Francisco de Menezes, estes factores determinam o que chamou de "sistema de segurança social na tradição timorense".

1 - Simetria de organização social

Em Timor, a senioridade dava mais direitos do que obrigações. Assim, quando o mais velho fazia uma festa, os sobrinhos e os netos tinham de lhe dar muito mais do que recebiam em troca.

Este dualismo entre os mais velhos e os mais novos está fortemente alicerçado no parentesco por afinidade obtido por casamento mediante dote (barlaque), a ser pago pelo noivo e/ou a sua família, à família da noiva. A propósito desta instituição tradicional, o Dr. Menezes referiu os dois sistemas existentes: o casamento por *"hafolin"* em que o noivo e/ou a sua família dão um dote à família da noiva que é integrada na nova família e o *"háfeen"* no qual não há arras estipuladas, ficando o marido e os filhos, se vier a tê-los, ligados à família do sogro. Este tipo de casamento é considerado socialmente degradante.

Quanto maior for o prestígio da mulher, maior é o *"barlaque"* a dar para a sua transferência, para a nova família. O valor do dote dependerá também da linhagem do noivo, da sua riqueza, do dote recebido pelos sogros por outras irmãs da noiva, do interesse no casamento, que pode até ser político, etc.

2 - Porquê falar em segurança social na tradição timorense?

Um exemplo irá servir para documentar a resposta.

Se tomarmos um rapaz de 18 anos, este estará em idade de pagar o imposto domiciliário. O pagamento deste imposto estava fortemente ligado à maioridade. Assim, o rapaz já podia casar. E, nesta fase, será fortemente penalizado por exigências do *"barlaque"*, tendo certamente de oferecer, para além de outros bens, um dado número de búfalos.

Aos 32 anos, já é possível que este homem tenha a primeira filha casadoira, dado ser bastante precoce a maturidade feminina.

Com 36 anos, e se já tivesse várias filhas, estaria a receber um número muito razoável de búfalos. Entretanto, em ritos funerários de *"hakoi-mate"* (enterro do morto) e *"taka rate"* (selagem de supultura) do seu pai e/ou de tios, teria recebido dos seus sobrinhos e genros alguns búfalos. Por cada búfalo que recebesse, daria aos sobrinhos um cabrito e um pano timorense (*"tais"*), e aos genros um porco e um *"tais"*.

Assim, um indivíduo começa por ser penalizado na fase inicial de constituição da sua família nuclear, mas acaba por ser compensado à medida que vai envelhecendo, passando a receber muito mais do que dá nas trocas cerimoniais e rituais, tendo assim a sua meia idade e velhice protegidas.

Isso permite aos homens mais velhos ter mais mulheres, o que corresponde a ter mais gente a tratar deles, das suas hortas e dos filhos. Mas para as primeiras mulheres, mais velhas, representa também o alívio dos trabalhos mais pesados, deixados para as mais novas.

5.3 - **Drª Maria Olímpia Lameiras** - "A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR, A DEUS O QUE É DE DEUS" (CNRS/GDR 748 - Museu do Homem, conv.CES/INIC)

Deixando momentâneamente de lado os materiais coligidos no Centro de Timor em 1966 (Barique, Soibada) bem como os dados reunidos junto de certas comunidades timorenses em Darwin, Sidney, em 1976 e depois em Lisboa, privilegiou-se nesta comunicação um grupo timorense, pouco/nada representado em Portugal, mal conhecido em Timor pelos outros grupos, pela sua posição geográfica (ponta mais oriental de Timor Oriental), pela língua considerada inacessível pelos seus vizinhos: os Fataluku das quatro aglomerações mais ao sul da região de Lóhere, onde o Henri e eu realizámos duas missões etnolinguísticas integradas no programa da equipa TIMOR constituida igualmente por B. RENARD-CLAMAGIRAND, C. FRIEDBERG-BERTHE, L. BERTHE (chefe da equipa em 1966, falecido antes da segunda missão em 1969-1970). Privilegiou-se nesta comunicação a apresentação de aspectos da vida de um só grupo em detrimento de uma análise comparativa privilegiou-se o intensivo em detrimento do extensivo, ainda que as intervenções dos assistentes tivessem progressivamente alterado os contornos delineados à partida.

Privilegiou-se nesta comunicação a intersecção entre o nível institucional, o domínio da regra de aliança e dos preceitos religiosos, e os sectores de domímio da afirmação individual/colectiva personalizada, pouco ou nada *"marcados"* por essa regra.

Durante a comunicação, durante a intensa e jovial discussão que a completou (durante e no seu seguimento), dois parâmetros fizeram variar as afirmações produzidas:

- a influência mais ou menos coactiva do ensinamento católico, nomeadamente em meios urbanos ou nos grupos geograficamente mais próximos das áreas de atracção das missões católicas;

- o tipo local do casamento: os Fataluku, repartidos em linhagens patrilineares exogâmicas não-hierarquizadas politicamente constituidas por duas metades endogâmicas, praticam um casamento de troca generalizada em que são frequentes os casamentos simultâneos masculinos e os casamentos sucessivos femininos. O nome de linhagem, o estatuto, o património, os lugares de culto são sempre transmitidos por via masculina, independentemente do grau de cumprimento dos compromissos em bens estabelecidos aquando da discussão matrimonial.

O culto aos antepassados, os rituais relativos aos principais momentos do ciclo agrícola e os dedicados às entidades do mundo natural *"selvagem"* que os rodeia formam a trama religiosa deste grupo.

A construção de casas, a tecelagem, a cestaria, a olaria (em certas zonas), a agricultura sobre queimada, a criação de animais partilham com a caça, a pesca, a *"colecta selvagem"* o esforço do dia-a-dia, rara e pouco significativamente orientado para a rede comercial exterior (onde são escoados a copra, a cera de abelha, a carne seca e adquiridos alguns bens de fabrico industrial, originários em prioridade dos grandes centros sul-asiáticos).

A vida individual e colectiva Fataluku é percorrida por dois pares de classificadores:[1]

- um par não-nomeado mas constantemente presente nos seus dizeres quotidianos e cerimoniais (ex. dísticos começando certas formas do culto aos antepassados): *"elaborado/não elaborado"*;
- um par nomeado, igualmente presente: *"doméstico/selvagem"*.

Estes dois pares de classificadores - entre os quais existe uma relação assimétrica embora parcialmente reversível (estrutura coesa do universo do cultivado, estrutura frouxa do universo do não-cultivado) - remetem conjunta e individualmente para a *"oposição"* geralmente não conflituosa entre o universo da regra e o da não-regra.

a)- Doméstico/Mais-elaborado - Conjuntamente com a tecelagem, a confecção alimentar e a construção das casas, a agricultura e a criação de animais, em regime de maior ou menor liberdade, fornecem ao grupo o essencial dos bens (a que se juntam, como particularmente preciosas porque vindas do exterior, as armas e os colares de coral) que intervêm nas trocas entre linhagens durante as cerimónias basilares da vida social Fataluku[1]: apresentação aos aliados do recém-nascido, casamento, enterro, inauguração de casa, adopção. O objectivo do modo de aquisição e de produção "doméstico" não é assim, senão subsidiariamente, a obtenção de objectos/bens de uso mas sim de objectos/bens funcionando como moeda e como suportes de sentido.

---

[1] Como foi acordado com o Prof. Barbedo de MAGALHÃES e em seguida anunciado, - e em virtude não só do curtíssimo prazo mediando entre as datas da decisão de levar a cabo as Jornadas e da realização das mesmas, mas da concomitância entre este projecto e outras obrigações profissionais tomadas previamente - uma parte consistente desta comunicação foi extraída do último capítulo do artigo "Eme cueillir, ramasser, piéger" (chez les Fataluku de Lórehe à Timor Oriental) Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, Lisboa, INIC, p. 377-407 (em colab. com H. CAMPAGNOLO).
O "presente"utilizado nesta comunicação diz respeito ao período 1966-70; tendo a invasão de Timor Oriental impedido todo contacto físico e epistolar com os Fataluku desta região, não podemos garantir a permanência dos factos descritos.

b)- Selvagem/Menos-elaborado - A aquisição de produtos selvagens compreende, para além da caça e da pesca *"armada"*, a colheita de plantas/partes de plantas não-cultivadas, a recolha de presas animais imóveis ou de fraca mobilidade, a captura de presas animais previamente imobilizadas por meio de uma armadilha (designadas conjuntamente em Fataluku pelo mesmo termo eme). Insinuam-se nos espaços e nos tempos deixados vazios no dia-a-dia pelo doméstico, pelo cultivo. As zonas abertas (beira-mar, beira-água, floresta) em que são desenvolvidas estas actividades, não sendo detidas individualmente e não constituindo por isso locais de afirmação de poder ou de propriedade, são sobretudo reservatórios essencialmente alimentares: completam o regime da unidade residencial durante as épocas de fome ou fazem recuar preventivamente o momento de esgotamento das reservas de cereais. As variações de comportamento são função quer dos gostos quer da composição do núcleo residencial (a presença de crianças ou de grávidas que estimulam e tornam mais selectiva este tipo de aquisição, a presença de idosos, mais ou menos adoentados, que reduz o período disponível para a colecta, pelo alongamento da preparação das refeições).

Como os destinatários destes produtos não são nem os aliados, nem os antepassados, nem os proprietários primordiais dos campos de cultura mas sim o colector e os indivíduos da sua unidade residencial, esta ocupação não é objecto dos mesmos interditos religiosos nem das mesmas rigidezes sociais: a ritualização é fraca (embora vá sendo mais expressiva à medida que se evolui da colecta para a caça), a divisão sexual das tarefas é vivida de maneira pouco rigorista (apagando-se em Lórehe perante a divisão entre as duas metades endogâmicas), um largo campo é deixado à iniciativa individual.

---

[1] O sacrifício + consumo de animais domésticos (porco, búfalo, cabrito, cão, eventualmente frango) e a aborção de cereais cultivados (arroz e/ou milho) são praticados quase exclusivamente no decurso dos rituais aos antepassados da linhagem e aos proprietários do solo cultivado, no decurso das cerimónias interlinhagens que pontuam a vida colectiva e individual dos Fataluku (L), pondo em cena os indivíduos/grupos de indivíduos na qualidade de tomadores e dadores de mulheres, assim como aquando da retribuição de certas prestações de serviço (construção de casas, fainas agrícolas) calcada sobre as relações de aliança; estas relações de aliança são expressas, por ocasião dessas cerimónias, por uma dupla circulação de bens, não só consumidos mas também trocados... - no sentido dador-tomador: bens consumidos: - porco ou equivalente-porco, cozido (pelos meticulosamente raspados, pele oleada) + arroz cozido; bens trocados - panos com barras *"ikatadas"* de fabrico autóctone+colar de coral aurífero; no sentido tomador-dador: bens consumidos - búfalo, cabrito ou equivalente, cozido (pelos queimados)+milho inteiro; bens trocados - gado em pé (búfalo, cavalo, cabrito), ouro, prata/dinheiro, armas soldadas a quente.

c)- Coexistência entre o universo da regra e o da não-regra - O grupo deixa coabitar de boa mente, dissociando-os mas admitindo a sua conciliação;

- por um lado, ligado ao *"doméstico"*, à afirmação totalisante da regra de aliança, o nível do institucional dominado obrigatoriamente pelo processo de regulação constituido pelo conjunto das regulamentações condicionando a transmissão dos estatutos e dos bens, nível no seio do qual é valorizado um *"mais-elaborado"*, isto é, o acrescento sistemático de uma mais-valia (ou sob a forma de *"energia humana investida"* ou de *"regra aplicada"*):

- por outro lado, ligado ao *"selvagem"*, à afirmação personalizada, no esquecimento momentâneo da regra, o nível de não-regulamentar, promovendo ou favorecendo um outro modo de transmissão dos saberes (dando lugar à experimentação, improvisação, também no campo sentimental), nível no seio do qual é valorizado um "menos-elaborado", isto é; um rudimentar técnico, social, ritual, adaptado sem esforço desmedido às necessidades, aos desejos sem amanhã trazidos em si por cada indivíduo. "Nesta terra entre floresta e mar onde aprenderam individual e colectivamente a analisar as imposições do meio natural, a identificar os parceiros-presas nos seus habitats e itinerários, deles tirando proveito para um mais durável autonomia do grupo/das pessoas; autonomia que, baseada na leitura atenta da exploração efectiva dos recursos naturais que aprenderam a gerir em paz e em guerra, tornou-se condição de sobrevivência física e cultural em tempo de resistência a pressões exteriores; os afastamentos não-voluntários das usuais localizações, as deslocações inconsideradas comandadas do exterior, privando-os mais ou menos radicalmente desse meio familiar e referenciado, tornando inutilizáveis competências acumuladas de geração em geração, correriam o risco de os empobrecer, de os subjugar ... até que, movidos pelo desejo indomável de serem senhores do seu destino feito em parte desta floresta, desta beira-mar, eles as retomem de novo ou de novo re-aprendam um novo meio."[1]

Porto, 13/09/89

---

[1] Incluido no trabalho citado na nota de rodapé da pág. 41.

BIBLIOGRAPHIE

1. Timor:

1972 "Deux enquêtes à Timor Portugais chez les Fataluku de Lórehe", ASEMI, III, 3, pp.35-52

1975 L'habitation des fataluku de Lórehe, Paris, Univ. René Descartes/Sorbonne, (Thèse de doctorat de $3^{\text{ème}}$ cycle)

1979c "Rythmes et genres dans la littérature orale des Fataluku de Lórehe (Timor Oriental), Première partie", Paris, ASEMI, X, 2-3-4, pp.19-48 (en collab. avec H. CAMPAGNOLO)

1984 "Les modes de cuisson des Fataluku de Lórehe à Timor Oriental (contribution à l'étude de la technique de la cuisson)", Lisbonne, Garcia de Orta, Sér, antropobiologia, 3 (1-20), pp.93-114 (en collab. avec H. CAMPAGNOLO).

1986 (Trois textes sur la femme fataluku) in Côté Femmes, Paris, Museum d'Histoire Naturelle.

1987 "Typologies de l'habitation chez les Fataluku de Lórehe (Timor Oriental)", De la voûte céleste au terroir, du jardin au foyer, Paris, EHESS, pp.183-206 (en collab. avec H. CAMPAGNOLO).

1988 "Les langues de Timor", Le riz en Asie du Sud-Est, Paris, EHESS, pp.287-300 (en collab. avec H. CAMPAGNOLO).

1989 "Eme 'cueillir, ramasser, piéger' (chez les Fataluku de Lórehe à Timor Oriental)", Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, Lisbonne, INIC, pp.377-407 (en collab. avec H. CAMPAGNOLO).

- sous-presse "Egrener du coton à Timor Oriental: contribution à la réflexion sur le couple conceptuel *tendance et fait*", Paris, Publication du GDR 748, 5 p. dactyl. (en collab. avec H. CAMPAGNOLO).

- sous-presse "Le riz et le mais à Timor Oriental: chaînes de préparation culinaire (avant cuisson)", Paris, Publication du GDR 748, 11 p. dactyl. (en collab. avec H. CAMPAGNOLO)

- sous-presse "Colecções timorenses: colecções museográficas e experiências para-museológicas, ICOM, Mafra, 5 p. dactyl.

2. Museus

- sous-presse "Museus locais, museus centrais, instâncias intermédias: aspectos do relacionamento museu-antropólogo", Bol. das colecções e museus locais da Zona Centro, 4.

- sous-presse O futuro museu de história natural e humana de Alcobaça: um museu de província (Contributo à reflexão colectiva sobre a instalação de um museu na área desafectada da antiga abadia cisterciense "Museu Vieira Natividade"),

Lisboa IPPC.

- sous-presse "Incidência da misticidade da linguagem museal sobre a investigação e o ensino em museologia", (comunicação no) Encontro Universitário Luso-Espanhol sobre a Investigação e o Ensino na Area da Museologia, Cascais, Portugal, 27-28/5/88 (en collab. avec H. CAMPAGNOLO).

5.4. - Drª Conceição Rendeiro - SAÚDE EM TIMOR NO INÍCIO DOS ANOS 70

A comunicação da Dra Conceição Rendeiro baseou-se na experiência que adquiriu aquando da sua presença em Timor, de Agosto de 1974 a Agosto de 1975, e no relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 1973[1] que tinha em vista a elaboração de um programa piloto para o controlo da malária no território. Este documento caracteriza Timor-Leste nos seus diferentes aspectos, desde o económico ao geográfico, o clima, o orçamento da saúde em Timor, até chegar ao mosquito contaminador da doença e qual a área piloto a considerar.

O texto que se segue foi escrito por Paula Isabel, a partir da gravação, das transparências e dos documentos entregues pela Drª Conceição Rendeiro.

5.4.1. Panorâmica geral da saúde pública no mundo

- A esperança de vida tem vindo a aumentar com a melhoria das condições económicas e sanitárias das populações. Lamentavelmente, 3/4 da população mundial tem uma esperança de vida de apenas 53 anos, e só 1/4 da população mundial tem uma esperança de vida de 71 anos.

- O OMS (ainda em 1948) propôs-se controlar 3 flagelos: varíola, malária e tuberculose. A varíola já praticamente deixou de existir. A malária regrediu muito mas continuou a existir em certas zonas, como em Timor, onde a tuberculose também era frequente.

As doenças reflectem as características de desenvolvimento de determinadas zonas.

---

[1] W.J.O.M. van Dijk, "Report on a field visit to Portuguese Timor(7 to 14 December 1973)", World Health Organization, 25 Janeiro 1974.

Por comparação entre um país rico (Suécia), um país semelhante a Portugal (Espanha) e um parecido com Timor (Maurícias) verifica-se:

- * Taxa de mortalidade infantil no 1º ano de vida, por 100 000 habitantes de, respectivamente, 1 078, 1 627 e 6 381.
- * Enquanto que na Suécia se morre por complicações de parto, por acidentes ou por tumores malignos (coisas que o ser humano dificilmente consegue controlar), nas Maurícias (ou em Timor) vai-se morrer por diarreia, gripes, pneumonias, malnutrição. Nesta zona morre-se muito na idade infantil.

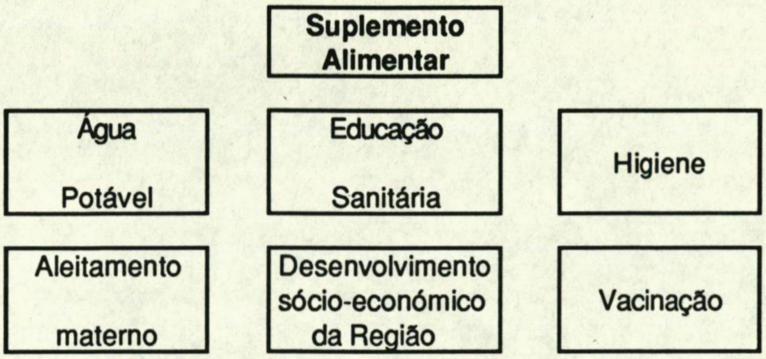
- Numa zona como Timor morre-se muito por diarreia, devido à falta de saneamento básico e de tratamento das águas. Neste território existia um depósito de água nas cidades, mas no interior consumia-se directamente das nascentes.

- Para controlar o flagelo da diarreia propunha-se:
  - * melhorar o saneamento básico das populações;
  - * promover o aleitamento materno dos bébés;
  - * melhorar as condições alimentares das populações;
  - * desenvolver o diagnóstico e o tratamento precoce (hidratação: receita básica com 1/2 copo de arroz cozido com 15 copos de água e 1 colher de café de sal)

- A malnutrição era a causa mais frequente de um deficiente sistema imunitário.

A OMS propunha uma: **Estratégia para lutar contra a associação**

MALNUTRIÇÃO -INFECÇÃO


Suplemento Alimentar
Água Potável
Educação Sanitária
Higiene
Aleitamento materno
Desenvolvimento sócio-económico da Região
Vacinação

5.4.2. Saúde em Timor no início dos anos 70 - (Ano de estudo da OMS - 1973)

5.4.2.1. Orçamento (1972)

- Total do território = 287 347 660$00
- Destinado à saúde = 27 894 457$00 (10% do total)

5.4.2.2. Organização da Saúde (para uma população de 610 000 habitantes)

- 2 Hospitais regionais (Dili e Baucau)
- 9 Hospitais rurais
- 47 Postos de Saúde com internamento
- 11 Postos de Saúde sem camas
- 9 Postos de Saúde em construção
- Maternidades: em Dili e Baucau separadas do hospital; nos restantes locais integradas nos hospitais e postos de saúde.
- 12 Delegacias de Saúde.
- BIECET - Brigada móvel para o estudo e controlo de doenças endémicas em Timor (com um orçamento em 1972 de cerca de 2 000 contos).
- Tratamento médico gratuito.
- O médico da Delegacia de Saúde tinha a seu cargo os hospitais e os postos de saúde.
- Nos postos de saúde estavam os enfermeiros que tinham apoio médico periódico.
- Alguns dados:

TABELA 1 - População, Número de casas e Total de Consultas no Terceiro Quadrimestre de 1973 por Concelho

Concelhos	População	Total de Casas	Outras Habitações Permanentes	Consultas no 3º Quadrimestre de 1973
Ainaro	41 914	7 485	85	7 217
Baucau	83 794	17 209	198	9 972
Bobonaro	72 791	11 383	93	14 778
Cova-Lima	39 205	6 101	19	7 330
Dili	65 717	10 799	523	9 074 (hospital) 4 208 (delegacia)
Ermera	65 984	12 853	185	15 694
Lautem	32 628	8 180	72	2 956
Liquiça	47 636	7 842	85	4 752
Manatuto	36 444	5 699	82	5 861
Oe-Cusse	25 752	5 297	36	7 341
Same	37 138	5 395	53	5 745
Viqueque	61 267	11 010	70	6 975
Total	610 270	109 253	1501	101 903

TABELA 2 - NÚMERO TOTAL DE PESSOAL DE SAÚDE

CATEGORIA	ANO DE 1971
*Médico de clínica geral	24*
Farmaceutico Aj. Farmácia	3**
Parteiros	2
Ajudante de parteiros	12
Enfermeiros	28
Auxiliares de enfermagem	110
Fisioterapeuta	1
Técnicos de laboratório	5
Ajudantes de laboratório	14
Técnico radiologista	1
Técnico dentário	1
Entomologista	1
Outras profissões para-médicas	9
TOTAL	211

* - Inclui médicos especialistas de Pediatria, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Cirurgião, Ginecologista e Obstétra, etc. A maior parte são médicos militares.

** - 2 na Farmácia e 1 encarregado de laboratório de análises clínicas.

Fonte: Dr. Liladar Amarchande.

5.4.2.3. Principais doenças em Timor

- Malária (Paludismo)
- Tuberculose sob diversas formas
- Infecções pulmonares
- Lepra e outras doenças cutâneas
- Gastroenterites
- Malnutrição
- Parasitoses intestinais
- Bócio endémico

5.4.2.4. Situação da malária em Timor[1]

- Principal motivo de consulta (segundo dados de 1963, estima-se que ocorreram 100.000 infecções de malária por ano em Timor).
- Terceira causa de morte conhecida, depois das pneumonias e da tuberculose.
- Vector principal - "A. barbirostris" - ligada ao ciclo agrícola do arroz.
- Actividades de combate à malária (no âmbito do BIECET):

a) Distribuição semanal obrigatória de pirimetamina nas escolas primárias;

b) Distribuição mensal de pirimetamina nos sucos mais afectados;

c) Tratamento com cloroquina para todos os casos suspeitos nos hospitais e postos de saúde;

d) Uso de insectícidas (DDT) e da drenagem dos terrenos invadidos por águas estagnadas (em Dili).

5.4.2.5 Medidas de saúde pública urgentes em Timor em 1974

- Melhorar as condições:
  - * de saneamento
  - * de alimentação
  - * de instrução versus educação sanitária (nas escolas e directamente nas populações).
- Incrementar a imunização das principais doenças:
  - * tuberculose
  - * tétano
  - * poliomielite
- Tratar adequadamente as principais doenças de Timor
- Tomar medidas específicas de controlo do paludismo
- Formar técnicos e agentes sanitários, segundo programas da OMS e aproveitando recursos e conhecimentos existentes em Timor.

---

[1] Doença provocada por várias espécies de um parasita microscópio do género "Plasmodium" e contraída através da picada de um mosquito do tipo anoletes.

5.5 - Gregório Henrique - ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE NA RESISTÊNCIA E CUIDADOS TRADICIONAIS

(texto da comunicação lido pelo próprio em 15.09.89)

Alguns dados biográficos:

Gregório Henrique, 50 anos de idade, natural de Uato-Buta, posto de Uato-Carabou, concelho de Viqueque.

Enfermeiro, trabalhou sempre no sector de enfermagem, em Timor, até 1975. Durante a invasão indonésia esteve nas fileiras da Fretilin até 9 de Novembro de 1978, data da sua captura pelo inimigo. Esteve nas mãos deste durante 4 anos e, em 3.01.83, abandonou Timor com destino a Portugal Continental.

Presentemente reside em Lisboa e trabalha no Hospital Distrital de Montijo.

Em 1975, o vizinho Indonésio confiante no seu poderio militar e na sua ambição expancionista e exploradora, invadiu e ocupou ilegalmente a Pátria Moubere, violando assim a Carta da Nações Unidas de que ele é membro subscritor.

Para responder ombro-a-ombro a tal invasão e ocupação, era imperioso, o Povo Maubere, sob liderança da FRETILIN, organizar-se, sem o que a Resistência estava condenada a um aniquilamento total.

É precisamente na área das organizações, especialmente no sector da saúde que eu quero falar-vos algo do meu conhecimento durante os três anos na luta armada.

Eram múltiplas as estruturas criadas pela Fretilin no interior da ilha; uma delas é o Sector da Saúde. Este é visto em dois horizontes:

- Horizonte do tipo ocidental, embora perecesse de carências de toda a ordem, visa lidar com medicamentos e materiais industrializados deixados pelos portugueses ou capturados ao inimigo, assim como a sua utilização nos tratamentos aos pacientes.

- Outro é o do tipo EMPÍRICO/TRADICIONAL recolhido junto dos anciãos conhecedores de plantas medicinais tropicais da região e o processo da sua extração, preparação e utilização.

Todos estes factores são supervisionados pelos enfermeiros diplomados pelos portugueses na era colonial devido à falta de médicos, embora reconhecessemos as limitações das nossas competências e dos nossos conhecimentos, mas a luta é que não pode parar, se não, era o nosso fim.

Antes da invasão indonésia alguns postos sanitários antecederam a evacuação dos seus materiais sanitários, tais como: ligaduras, gazes, medicamentos, materiais de pequena cirurgia, etc., para as montanhas ou para os locais de difícil acesso ao inimigo. Mas este é poderoso e, à medida que nós íamos sendo empurrados para outros locais, o nosso pessoal era insuficiente para transportar os referidos materiais, de baixo de fogos cerrados, pois cada um além de ter a responsabilidade ou preocupação de cuidar da mulher e dos filhos, da roupa e mantimentos para o amanhã, etc., não podia dedicar-se totalmente ao factor sanitário e, assim, estes materiais iam sendo capturados pouco-a-pouco pelo inimigo até nos restar o suficiente.

Outra dificuldade que nós deparávamos era a insuficiência do nº de enfermeiros diplomados. Eramos apenas 21 elementos incluindo dois agentes técnicos de farmácia, em todo o território nacional e não chegavamos para dar cobro, em termos sanitários, a todo Timor. Assim para melhor servir a população e o seu braço armado, resolveu-se criar, a nível nacional, pequenos cursos de FORMAÇÃO DE AGENTES SANITÁRIOS com a duração de 3 meses.

No Sector Fronteira Sul, Sector onde sediava a minha Base, os cursos decorreram entre Agosto e Novembro de 1977 e em dois sítios. Um em Zulo, área de posto administrativo de Lolotos, ministrado pelos enfermeiros Álvaro Alves, Tadeu de Freitas e o agente técnico de farmácia, Antonino Sequeira; e outro em Zobá, também área do posto administrativo de Lolotos, ministrado pelos enfermeiros António Maria, Calau e Gregório Henrique, que sou eu.

Após o curso, cada agente sanitário regressa à sua Base de origem para prestar assistência à população. Assim, os agentes do 1º curso eram colocados nas Zonas de Bobonaro, Lebos, Zumalae, Lolotos e Suai e os do 2º curso, eram distribuídos para as Zonas de Tilomar, Fohorém, Fatululic, Fatumean e Lontás. Quanto à alimentação a população dava o seu apoio e o confeccionamento era em comum.

Em todo o território nacional, até 1975, ano da invasão indonésia, havia apenas dois laboratórios: um de análises clínicas e outro de farmácia. Ambos funcionavam em Dili, capital de Timor-Leste.

Nas áreas controladas pela FRETILIN que eram muito extensas, na altura (80% a 90%), não havia qualquer laboratório nem simples equipamentos para servir como meio auxiliar de diagnóstico. Mesmo que os tivéssemos, não tinhamos elementos especializados nesse sector, por isso, a situação para nós era sempre dificílima.

Portanto, o curso de Agentes Sanitários visava ensinar-lhes alguns conhecimentos sobre as doenças mais correntes em Timor-Leste, a sua etiologia, o seu modo de transmissão directo ou indirecto, o seu periodo prodrómico e o de incubação, a sua sintomatologia, etc., e conhecer o grau de gravidade e perigosicidade de cada doença, a fim de poder prevení-la ou tratá-la com devida precaução.

TERAPÊUTICA

Quanto a terapêutica, teoricamente, ensinam-se aos agentes sanitários a administração das dosagens dos medicamentos conforme exigem as ciências mas, na prática, fugimos muito dos critérios científicos, isto deve-se à escassez de medicamentos. Exemplo: - muitas vezes 1 comp. de camoquina cura um paludismo. O exemplo está em mim próprio; quando estive em Zulo apanhei paludismo e o Comissário Político, César Maulaca, curou-me com 1 comp. de camoquina. Uma simples situação diarreica,cura-se com 1, 2 ou 3 comp. de sulfaguanidina ou colifórmio. Uma pneumonia ou broncopneumonia pode-se curar com 4 ou 6 comp. de sulfatiazol ou nos casos um pouco mais graves cura-se com 1/4 de gr. de estreptomícina + 300 ou 400.000 UI de penicilina.

Tudo isto deve-se à ajuda da natureza, da Divina Providência ou como o organismo há muito que não toma medicamentos e reage bem bastando 1 comp.?! Não se sabe, só Deus o dirá!

PROFILÁXIA OU MEDIDAS PREVENTIVAS ÀS DOENÇAS

Semanalmente realizam-se dois bazares, geralmente nos domingos e nas 5ª feiras, a fim de permitirem às populações fazer as permutas dos géneros alimentícios ou outros artigos que possuem a fim de satisfazer as suas necessidades.

Aproveitando o funcionamento dos bazares, fazem-se também dois comícios em cada bazar; um a nível político, cabendo à responsabilidade do responsável político e outro a nível sanitário.

Quanto ao primeiro caso, se me permitirem, aproveito para dar uma leve ideia. - Ensinam-se as populações como devem prevenir os bombardeamentos aéreos, marítimos e terrestres: - Durante o dia não se faz fogueiras, porque o inimigo localiza as nossa Bases através de fumos; - Durante a noite ter cuidado com as chamas, porque os barcos e os postos do inimigo localizam. E então o que é que a população come durante o dia? A comida é preparada durante a noite para comer à noite e também durante o dia. As Bases são construídas nas florestas ou debaixo dos arvoredos ou ainda junto às grutas. Geralmente em todos os Sectores há elementos de rádio-escuta (Equipa de Informação) que escutam noticiários internacionais em língua indonésia, inglesa e portuguesa e depois são transcritas para enviar para todas as Zonas a fim de informar às populações nos comícios durante os bazares. Além disso, informam-se também dos recontros entre as forças inimigas e as FALINTIL, o número de baixas e de feridos de cada lado e os armamentos capturados ou perdidos, etc....

No aspecto SANITÁRIO - Consciencializar as populações para, junto às barracas, construirem latrinas e nunca podem defecar ao ar livre. As latrinas devem estar profundas para não permitir aos micróbios espalharem-se à superfície do solo. Estas devem estar bem fechadas deixando apenas um buraco para defecar, após a qual deve tapá-las imediatamente para evitar a entrada de moscas que são grandes vectores das mais variadas doenças. No seu interior quanto maior fôr a escuridão melhor é porque dificulta a entrada das mesmas. Nas latrinas, de vez em quando, deve-se deitar um pouco de cal, se tiver, pois esta, como é causticante, elimina ou atenua as bactérias. Devem estar afastadas das barracas e evitar a sua construção na direcção dos ventos.

Informar as populações para não comerem frutas cruas sem serem bem lavadas para não provocar diarreias ou outras infecções gastro-intestinais tais como as cóleras (El tor ou clássica), as disenterias (bacilar ou amebiana), as febres tifoides ou paratifoides etc., que podem comprometer seriamente a saúde, devido à falta de medicamentos.

Ainda me recordo, falava-se também da Ténia, doença cujo portador são os animais, sobretudo o porco. Aqui nota-se uma coisa muito curiosa porque em Timor geralmente os porcos são soltos: se uma pessoa sã comer a carne dum porco, com Ténia, mal cozida, automaticamente fica contagiada; e se essa pessoa defecar ao ar livre as fezes são aproveitadas pelos porcos e se outra pessoa vier a comer a carne de tal porco, fica outra vez contaminada e dá-se assim um ciclo e a doença vai-se propagando às pessoas ou animais sãos, etc., etc...

Estas e outras doenças foram cuidadosamente consideradas nos comícios e nas aulas de Formação de Agentes Sanitários.

FACTOR EMPÍRICO OU TRADICIONAL

Em 1976, já se fazia sentir falta de medicamentos industrializdos devido a alguns Postos Sanitários não terem evacuado a tempo. Nesse mesmo ano se fez a recolha de nomes de medicamentos tradicionais que a Direcção da Fretilin, sediada em algures, enviava para todas as Zonas e regiões sob o seu controle.

Como Secretário da Zona de Tilomar e responsável do sector da saúde, da área de Taroman, área que envolve os antigos postos de Fatululic, Fatumean, Fohorém e Tilomar, recebia também uma lista dos referidos medicamentos tradicionais, onde constava que a barba de milho mais cana de açúcar vermelho tomados em forma de chá são bons diuréticos e bons reguladores das micções urinárias. Casca de ai-hanek, também tomada em chá, é muito boa para tratamento e profilaxia da Malária, embora este último seja conhecido por muita gente timorense sobretudo gentes que habitam o litoral.

Em 1977, de Março a Maio, realizou-se uma reunião a nível nacional, em Laline, na área do antigo posto administrativo de Lacluta, onde se deslocaram àquela localidade todos os membros do Comité Central da FRETILIN de todos os Sectores em Timor-Leste. Eu não era membro do Comité Central, mas fazia parte da Delegação do Sector da Fronteira Sul, que era constituída pelo cda Comissário Político, César Maulaca, por mim, como Secretário da Zona, pelo cda João Barreto, como comandante da Zona e mais alguns soldados para a nossa defesa em caso de ataque inimigo. No encontro de Laline, já se difundia largamente que no Sector Ponta Leste, na Zona de Baguia, na ponta Leste do monte Matabia, já faziam comprimidos em forma artesanal. Como enfermeiro, tal notícia despertou-me a atenção e interesse em saber. Então pedi ao cda Comissário Político que deixasse ir até à Ponta Leste com o cda Aquilino Guterres; ele autorizou-nos e fomos. Foi difícil a viagem porque tinhamos que atravessar cordões e mais cordões e postos e mais postos inimigos. Viagem que deveríamos fazer em 3 ou 4 dias em tempos normais, fizemos em semanas. Chegámos a Matabia, local da confecção dos comprimidos e depois de nos inteirarmos sobre o assunto, ao fim de umas semanas de descanso regressámos ao local da reunião, Laline.

Em fins de Maio do mesmo ano terminou a reunião e cada delegação regressou ao seu Sector.

Nesse mesmo ano (1977), os Enfermeiros, Álvaro Alves, Tadeu de Freitas, António Maria, Calau, Gregório Henrique e o agente técnico de farmácia, Antonino Sequeira, reuniram-se na pequena povoação de Lobotbaha para programarem o curso de formação que atrás citei e, ao mesmo tempo distribuir os Enfermeiros instrutores pelas duas localidades - Zulo e Zobá. As aulas tiveram o seu início, embora os aviões Bronco-OV-10 tivessem também começado com os seus "raids" despejando dezenas ou centenas de bombas diárias. As aulas eram divididas em dois períodos: parte da manhã, aulas teóricas, sobre noções elementares de patologias como atrás referi e troca de conhecimentos sobre plantas medicinais que cada um recolhera antes de vir para o curso de formação. Período da tarde, aulas práticas: - visitas e tratamentos aos doentes nos acampamentos e saída para as florestas para a localização de plantas mediciais e, ao mesmo tempo recolher raízes, cascas e folhas a fim de limpar, secar e reduzir a pó com auxílio de pilão e almofariz (neçun). Nestas aulas os alunos foram introduzidos na forma artesanal como confeccionar os comprimidos, experiência trazida por mim do Sector da Ponta Leste. E como se fazem os comprimidos? Na ponta Leste, fervem-se as cascas ou folhas de determinada planta e o chá destes é misturado com farinha de batata ou mandioca até formar uma massa que depois é levada à forma. No Sector Fronteira Sul, com auxílio de almofariz e pilão reduz-se a pó fino as cascas da planta desejada. Parte da casca e folhas da mesma planta são fervidas a fogo lento num recipiente bem fechado para evitar a evaporação. A água com que cozeu, mistura-se com o pó que se pilou até formar uma massa que depois é levada a forma. A forma é uma tábua plana e lisa com buraco do tamanho e espessura do comprimido. Outra maneira consiste em estender a massa por cima da tábua já com espessura calculada e depois separar cada comprimido com o auxílio de um pedaço de bambú com o diâmetro ajustado do comprimido. E se os senhores me perguntarem sobre os efeitos positivos, negativos, colaterais ou tardios, eu responder-vos-ei que nós não tínhamos o controle por causa dos constantes bombardeamentos e, os pacientes depois de receberem os comprimidos vão para os abrigos ou barracas e nunca mais voltam; além disso não tinhamos locais de internamento. Mas devo dizer-vos que em Dezembro desse mesmo ano (1977) o inimigo aniquilou a nossa Base no monte de Taroman e eu fui um dos responsáveis pela evacuação da grande massa popular na altura. O tempo era chuvoso semanas a fio e as águas das ribeiras estavam muito turvas. Mesmo assim, nós tinhamos que bebê-las porque não havia águas potáveis e nem sequer tínhamos tempo para as ferver. Resultado, tanta gente com diarreia e disenterias. Eu ainda me recordo que os comprimidos que eu levava na mochila safavam muita gente.

Na Zona de Uato-Lari o cda Manuel Mau-Sá e outros, além de fazerem os comprimidos, destilam como quem destila a aguardente nos alambiques e depois recolhiam o líquido nos antigos frascos de balsamol ou transgripina utilizando-o sob a forma de injecções. Pergunta-se, se dá efeito? Sei que nalguns casos dão efeito, mas noutros provoca abcessos. Não sei se há falta de assepsia nos processos de confeccionamento, nas injecções ou existência de partículas do produto destilado, não se sabe.

Também na Ponta Leste, em cima da Matebia, constituíu-se uma equipa denominada E.P.M. (Estudo de Plantas Medicinais) cujo responsável, o cda Mau-Lori-Lene, tinha o objectivo de recolher nomes de plantas medicinais junto às pessoas idóneas, sua localização, recolha de cascas e folhas para utilização e controle de acção.

Camaradas e amigos, nós entendemos que os materiais com que desenvolvíamos as actividades, que acabei de vos descrever, não eram apropriados nem nós reuníamos condições técnicas e científicas para tal, o certo é que quando vemos o estado de saúde dalguns camaradas muito crítico numa situação de guerra, de isolamento e de destruição, sem termos apoios económicos, financeiros, materiais e medicamentosos, não podiamos estar parados com braços cruzados. Tivémos que lançar iniciativas procurando soluções para remediar tais situações. Foi nesta base que produzimos os comprimidos atrás referidos embora muito rudimentares mas na certeza de que se não fossem as acções inimigas, as coisas poderiam ser melhoradas.

Depois de tudo isto, eu vou-vos dar a conhecer alguns nomes de plantas medicinais que mais se utilizaram nesta guerra de libertação de Timor-Leste de 1976 a 1978.

ÚLCERAS+FERIDAS - Limpar e secar muito bem as cascas de AI-KATIMU, com o auxílio de almofariz e pilão, reduzí-las a pó. Mistura-se com um bocado de água fervida e depois de estar frio, aplicar a massa sobre a úlcera ou ferida.

SINUSITES - Triturar as folhas tenras da mesma planta (AI-KATIMU) e espremer 2 ou 3 gotas nas narinas.

SARNA + SARAMPO - Juntar água às folhas de tamarindo e ferver; depois de estar fria ou morna toma-se banho com ela.

OTITES + OTALGIAS - Juntar um pouco de água às cascas de AI-KAMI já esmagadas e expremer gotas no ouvido doente.

TIFO, PARATIFO E BLENORRAGIA - Tomar chá de folhas tenras de AHI-OAN METAN: um copo 3 x dia durante 7 dias.

REUMATISMO MUSCULAR, ÓSSEO E ARTICULAR - Tomar chá de cascas de AI-SOLDA um copo 3 x dia.

DISENTERIAS OU DIARREIAS - Tomar os comprimidos feitos com as cascas de goiaba vermelha ou tomar chá de folhas tenras de AHI-OAN METAN.

ANEMIA - Cozer folhas de mandioqueiras (mandioqueiras comestíveis) e comê-las. Estas contêm ferro.

FEBRE ALTA OU HIPERTERMIA - Tomar chá de AI-MANU-FALUN(tetun de Soibada).

MALÁRIA/SEZONISMO - Tomar comprimidos feitos com AI-KININU ou chá de casca deste. Para profilaxia e tratamento, pode-se tomar também chá de AI-HANEK.

Outros factores que são praticados nas áreas de Uato-Carabou e nos postos vizinhos e que eu conheço desde a minha infância.

CONJUNTIVITES - Espremer 2 a 3 gotas de leite materno no olho doente ou deitar 1 a 2 gotas de sumo de limão.

ABCESSO - Pôr um arame com uma ponta bem afiada na chama e depois de estar em brasa, com ele fura-se o abcesso.

Outro caso, esmagar as folhas de MADAKIU-RAE e mistura-se com dente de alho esmagado e polpa de BADU-GUA mastigado (dialecto de naueti) e coloca sobre o abcesso. As acções de madakiu-rae e alho comprimem o abcesso para rebentar e a acção de "badugua" antagoniza suavizando e acalmando a dor.

FURÚNCULOS PEQUENOS - Põe-se simples seiva de AI-FUKA sobre o furúnculo e ao fim de alguns dias desaparece.

PNEUMONIA + BRONCOPNEUMONIA (limaré, dialecto de naueti) - Mastigar a polpa do fruto de AI-KAMI e junta-se com dentes de alho esmagado e forma-se uma massa. Essa massa é embrulhada numa folha de "badu-sae" (dialecto de naueti) aquece-a suavemente e com ela faz-se massagem às regiões doentes.

HEPATOMAGALIA E ESPLENOMEGALIA - De manhã muito cedinho enquanto as pedras estão frias, os doentes vão deitar-se por cima duma pedra laje colocando sobre ela a região hepática ou esplénica doente. Por outro lado, adelgaçar com uma faca, a parte interna da casca de coco e queimar uma das pontas e depois tocar em vários pontos das regiões doentes como quem faz um choque eléctrico.

Amigos, eu nasci e cresci no meio rural e conheço algumas pessoas timores que conhecem a fundo medicamentos tradicionais, mas essas pessoas nunca quiseram esclarecer a ninguém, nem aos seus próprios filhos, a não ser quando estão já muito velhos ou às portas da morte. Muitas vezes, morrem sem os transmitir a ninguém e esses remédios desaparecem. Mas porquê tudo isto? Porque ao extrair e utilizar tais medicamentos tem de se cumprir rigorosamente certos preceitos mitológicos.

Ex: KAI-RAE RHÓ - (dialecto naueti) - Em termos de tradução literária, KAI quer dizer planta, árvore, ramo, pedaço de pau, etc.; RAE quer dizer folha; RHÓ significa canção para transporte de cadáveres. Portanto, é difícil a sua tradução mas o seu sentido significa - REMÉDIO, que possui um poder amoroso e atractivo utilizado geralmente pelos rapazes para conquistar raparigas. Para a sua extracção, preparação e utilização, há uma importantíssima regra tradicional a cumprir, que já vinha ao longo dos anos ou séculos. - Numa manhã muito cedo, quando o galo começa a cantar, antes de qualquer pessoa sair de casa a pessoa que irá tirar o remédio terá que ir ao local onde se encontra a planta. Ao aproximar-se dela uns 6 ou 7 metros de distância, pára, despe-se e continua em direcção da planta completamente nua. Ao chegar ao pé da mesma, faz algumas evocações,arranca-a sem ninguém ver e em silêncio e deixa no seu lugar umas moedas. Com uma faquinha separa as raízes do caule e das folhas. Enrolam-se as raízes com 0,5 ou 1 metro de linha encarnada. O caule e as folhas não se deitam fora. Depois, volta para trás, veste-se e regressa para casa; logo que chega, apanha um pintainho que já estava preso para o efeito e segue para junto de um gondoeiro, onde põe as raízes, o caule e as folhas dentro de um cestinho e mata o pintainho apertando-o na cabeça e na garganta até morrer asfixiado com as asas e as pernas bem soltas, enquanto faz uma evocação especial à alma de quem transmitiu o remédio e evoca também o espiritismo para dar força ao mesmo (remédio). Em tetun diz-se HAMULAK e no meu dialecto é NHABO. Assa-se o pintainho, corta-se o fídago e a moela com as unhas em pedaços muito pequenos e vai lançando aos ares e aos lados dando a entender que está a dar de comer aos tais espiritismos e também à alma de quem lhe deu o remédio. Parte do fígado e moela é untado às raízes que irão servir-se de remédio, como os Padres untam o óleo ou a cinza na testa dos cristãos. Essas raízes são bem guardadas até entregar ao interessado, tendo sempre o máximo cuidado de não as levar no bolso quando se vai à casa de banho para não perder o seu efeito. Faz-se um barquinho com os pedúnculos de folhas de bananeira, põe-se lá dentro o caúle e as folhas e deixa-se numa ribeira, fazendo seguir para o mar para as pessoas não pisarem.

Como o rapaz procede para conquistar uma rapariga? Antes de processar todo este episódio, o rapaz tem de identificar a rapariga e nome dela ao dono do remédio para, na altura da extracção do remédio, ele (dono do remédio - velho que conhece o remédio) poder evocar e acompanhar a situação.

O processo da conquista: corta-se uns bocadinhos de remédio, encaixam-se nas unhas dos dedos das mãos e, sem ela se aperceber, dá-se uma palmada leve nas costas. A partir daí, a paixão, o sentimento, o amor dominaram-na e a atenção dela virou-se complètamente para o rapaz, amando-o loucamente até o casamento.

Depois do casamento, ainda há o último preceito/ritual a cumprir que em naueti diz-se HOKO KARAE que não há tradução, mas eu vou tentar explicar: o dono do remédio combina com o rapaz para se encontrarem numa manhã e num local onde exista um atalho com cruzamento. O rapaz traz consigo uns ovos para pôr no local e o dono do remédio leva consigo um molhinho de capim que em "naueti" se chama SABAKAI. No centro do cruzamento do atalho faz-se uma pequena fogueira com o molhinho de capim e queima-se o resto do remédio que o rapaz trouxe. Depois disso, o rapaz tem de pagar ao dono do remédio o valor que ele prometeu que pode ser um cavalo, um tear timor ou em dinheiro. Se o rapaz não fizer isso, o dono do remédio não queima o resto do remédio que sobejou e o rapaz nunca mais será feliz na vida. Nunca pode estar quieto em casa, no trabalho nem em qualquer lugar; passa a vida na vadiagem à procura de outras mulheres porque o remédio irrequieta-o, obrigando-o a andar sempre.

Resumindo: HOKO KAI-RAE é a parte final de todo o processo. O rapaz alcançou o seu objectivo e, neste acto final, obrigatoriamente vai cumprir todo o compromisso assumindo perante o dono do remédio; isto é, pagar ao dono do remédio, devolver-lhe o resto do remédio que sobejou e queimá-lo. Além disso, vai entregar ao dono do remédio um galo ou um porco para matar a fim de o separar e de o libertar da força espiritual do remédio com outras evocações para que tenha a vida futura feliz.[1, 2]

Caxias, 13.09.1989
Gregório Henrique

5.6 - **Pedro Pinto Leite** - AS POTENCIALIDADES ECONÓMICAS DE TIMOR-LESTE E QUESTÕES DE DIREITO INTERNACIONAL COM ELAS RELACIONADAS

(Resumo da comunicação feita pelo próprio)

Antes da invasão e ocupação de Timor-Leste pelas tropas indonésias, vários membros do governo de Jacarta, entre eles o próprio presidente Suharto, tentaram apresentar aquele território como economicamente inviável. Ao fazerem-no pretendiam que fossem tiradas consequências jurídicas: como território economicamente inviável, Timor-Leste não teria direito a obter a independência política.

Com uma base falsa, pois Timor-Leste não é de modo algum economicamente

---

[1] O remédio também pode ser aplicado por uma rapariga para conquistar um rapaz.

[2] Quando a rapariga vive longe pode uma velha servir de intermediária.

inviável, as consequências teriam também de ser falsas. Mas o próprio nexo entre aquelas considerações económicas e o direito à autodeterminação era teoricamente incorrecto: o direito internacional contemporâneo não considera a aplicação do critério da inviabilidade económica como um obstáculo à independência de qualquer nação.

Timor-Leste tem quase 19.000 km2 de superfície (incluindo o enclave de Oecusse e as ilhas de Ataúro e Jaco). Se o compararmos com os 156 estados independentes que o mundo contava em 1976 (1) , logo após a invasão, constataremos que 25 deles (quase 1/6) têm um território mais pequeno do que Timor-Leste. Quase 10% desses estados tem mesmo um território com menos de 1/7 do tamanho de Timor-Leste. Nauru é mesmo 912 vezes mais pequeno!

O que se passa com o tamanho da população (Timor-Leste tinha então cerca de 700.000 habitantes) é semelhante. Dos 156 estados referidos, 28 (mais do que 1/6) tinham uma população menos numerosa. Um em cada nove era mesmo um microestado (ou seja, tinha menos de 300.000 habitantes). Seis deles não atingiam mesmo os 100.000 habitantes.

A presença em Timor-Leste de suficientes recursos económicos contradiz igualmente as pretensões indonésias.

A agricultura, por exemplo, pode permitir facilmente a autosuficiência do território. Metzner, após a pesquisa que efectuou na faixa de Baucau-Viqueque (considerada representativa de todo o Timor-Leste), concluiu, é certo, que havia um certo desequilíbrio entre a população e o meio físico, mas acrescentou, por outro lado, que tal desiquilíbrio se devia a factores não permanentes. Referiu, nomeadamente, a distribuição desigual da população (que evitava fixar-se em regiões férteis, em que a malária existia), a deficiência das técnicas agrícolas e a inexistência ou a ineficácia do apoio aos agricultores pela administração colonial (2). Daqui se depreende que a erradicação da malária (já conseguida em muitas zonas do globo) e a melhoria das técnicas agrícolas (que se pode obter com a ajuda ao desenvolvimento e o apoio de organizações internacionais especializadas) irão um dia fazer da agricultura timorense um caso bem sucedido.

Mesmo nas condições actuais, sabe-se como o café continua a ser um importantíssimo produto de exportação de Timor-Leste. Entre 1967 e 1972 foram exportadas 4.000 a 6.000 toneladas anuais de café (3). Após a invasão, e logo que a ocupação do território o permitiu, a Indonésia começou por extrair de Timor-Leste cerca de 4.000 toneladas anuais (números entre 1981 e 1983), sabendo-se que as quantidades aumentaram muito nos últimos anos. Trata-se de um roubo descarado ao abrigo da ocupação militar: os indonésios apropriaram-se das principais plantações, é uma firma indonésia (a célebre P.T. Denok, controlada pro oficiais superiores do exército) que tem o monopólio da compra e exportação do café de Timor-Leste, e os produtores timorenses não recebem mais do que 1/10 do preço mundial. Enfim, graças ao café de Timor-Leste, Jacarta tem-se apropriado de 10 a 16 milhões de dólares anuais! (4)

Além disso sabe-se que a superfície destinada a culturas de exportação quase duplicou entre 1977 e 1983. a propaganda indonésia faz mesmo alarde deste "desenvolvimento", como se regozija pelo facto de terem sido introduzidas outras "cash-crops" (tais como a canela, a borracha, a pimenta e o chá) e de ter sido incentivada a produção de outras já existentes (como o cravinho-da-índia). Estamos, pois, perante o incrementar de uma economia de plantação, cujo lucro desaparece nos cofres de Jacarta (5). Lucro proveniente de um território a que Suharto chamava inviável!

Outro exemplo de cobiça desenfreada da Indonésia está na exploração do sândalo. Foi a fama do sândalo de Timor, recorde-se, que atraiu os portugueses à ilha no início do século XVI. O risco da sua extinção levou a que as autoridades coloniais tivessem proibido o corte da árvore, medida que foi cumprida com maior ou menor rigor desde os anos vinte. Acontece que o corte do sândalo (muitas vezes de árvores jovens) foi retomado de tal forma pelo invasor indonésio, que a própria imprensa de Jacarta chegou a criticar aqueles desmandos! Em 1979 foi mesmo inaugurada uma fábrica para o processamento da madeira de sândalo (6). Se compararmos os números da exportação anual de sândalo (apenas em madeira), que a própria Indonésia fornece, com os das estatísticas coloniais portuguesas, podemos constatar, por exemplo, que uma quantidade como a da exportação em 1980 (313,6 toneladas) já não se atingia desde 1916 (353 toneladas); mais grave ainda, a de 1982 (560 toneladas) excede a de qualquer ano dos séculos XIX e XX, só se comparando aos valores atingidos no século XVIII! (7)

Outro exemplo da pilhagem dos recursos de Timor-Leste, proventura o mais importante, está na exploração do petróleo. O embaixador australiano em Jacarta, Richard Woolcott, já em Agosto de 1975 aconselhava, por telegrama secreto, o governo de Camberra a tomar em conta as riquezas petrolíferas do mar de Timor na sua reacção à esperada invasão indonésia; segundo ele a fronteira marítima em disputa seria muito mais fácil de negociar com a Indonésia do que com Portugal ou um Timor-Leste independente (8). A confirmação de que a zona em causa é rica em petróleo e de que a profecia de Woolcott estava em vias de se realizar foi feita em 1986 num artigo da revista mensal da OPEP, organização de que a Indonésia é um importante estado-membro e que tem mesmo um indonésio como seu secretário-geral (9). Finalmente, em Setembro de 1988, deu-se o desfecho esperado: a Indonésia e a Austrália celebraram um acordo de exploração do "Timor Gap", um acordo que, ainda por cima, favorece claramente as pretensões australianas. A área a que o acordo diz respeito é considerada pelos peritos como sendo provavelmente a melhor área de prospecção petrolífera a que a Austrália teve acesso até hoje (10). Enfim, agora não é só a Indonésia, mas também a Austrália, a enriquecer-se à custa do tal Timor-Leste "economicamente inviável"!

Tudo isto tem que ser analisado à luz do facto de que a invasão e a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia constituiram graves crimes internacionais, para além de terem sido uma flagrante violação da Carta das Nações Unidas (11).

Constituiram, antes de mais, um crime internacional contra a paz. O governo indonésio tentou, como se sabe, justificar a invasão com sucessivos argumentos: que o exército invasor não passava de um corpo de voluntários que teria entrado no território a convite dos partidos timorenses anti-comunistas, que se tratava de um caso de legítima defesa como resposta a ataques de forças da Fretilin ao território indonésio, que a intervenção tinha fins humanitários, atendendo à necessidade de acabar com uma sangrenta guerra civil. Estes argumentos, para além de contraditórios, foram logo desmascarados pelos factos: os importantes meios bélicos utilizados não se conciliavam com a tese dos "voluntários", o "convite" foi desmascarado por declarações posteriores dos seus pretensos autores, a tese da "legítima defesa" foi anulada pelas revelações de que a invasão já há muito estava a ser preparada, finalmente a tese da "intervenção humanitária" foi esvaziada pelas barbaridades cometidas pelo exército ocupante. A invasão e a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia não passaram, pois, de um acto premeditado de agressão.

Invasão e ocupação constituiram ainda um crime internacional contra o direito do povo maubere à autodeterminação e independência. Também aqui surgiram tentativas de justificação por parte do governo indonésio. Antes da invasão Jacarta tinha-se lançado numa campanha desenfreada tendente a realçar os laços históricos e culturais da Indonésia com Timor, tentando apresentar a ilha como fazendo parte dos impérios de Shrivijaya e Madjapahit e, posteriormente, do sultanato de Ternate. Essa campanha deu finalmente corpo à tese da reintegração do território de Timor-Leste na Indonésia: como a reintegração precede a autodeterminação, esta última não deveria ter lugar. Tal foi, nomeadamente, a posição da Índia no conflito, sensível como é às questões que se prendem com reintegração. Só que os laços afirmados pela Indonésia não passavam de uma falsificação da História: Timor nunca esteve subordinada àqueles impérios e sultanato, como se depreende das obras de vários historiadores que, como Bernard Vlekke e George Winius, sobre eles escreveram. No seu parecer sobre o Saará Ocidental, o Tribunal Internacional de Justiça rejeitou, por juridicamente irrelevantes, alegações de laços históricos muito mais fortes do que as que a Indonésia alguma vez poderia apresentar.

O outro argumento que o governo indonésio apresentou contra o direito à autodeterminação do povo de Timor-Leste é o de que tal direito já se teria exercido, através da integração na Indonésia. Esgrimiu ele estão com o princípio VI da Resolução 1541 (XV) da Assembleia Geral da ONU, segundo o qual se deduz que a integração num estado independente é uma das formas pela qual o direito à autodeterminação pode ser exercido. Esqueceu-se, porém, de mencionar as severas condições cujo cumprimento o princípio IX da mesma Resolução exige para que uma eventual integração seja válida: que o território a integrar tenha instituições políticas livres e um estádio avançado de governo próprio, e que os desejos do seu povo sejam expressos através de processos informados e democráticos, conduzidos imparcialmente e baseados em sufrágio universal. Não é preciso explicar por que o governo fantoche e a caricata Assembleia (que de Popular nada tinha e de Representativa ainda menos!), criados pelos indonésios em Dili, ou por que a farsa encenada para o chamado pedido de integração, não podiam preencher as condições referidas...

Estes crimes praticados pelos indonésios em Timor-Leste, a que há que acrescentar o de genocídio, violam, todos eles, normas imperativas de direito internacional geral (também chamadas de *jus congens*), normas que são consideradas fundamentais, a que os estados não se podem subtrair, e que por isso estão acima das regras provenientes de tratados. É o caso das normas que proibem a agressão, que consagram o direito à autodeterminação, que proibem o genocídio... Algumas das principais consequências desse facto é a impossibilidade de validação da anexação de Timor-Leste através do reconhecimento (sobre os estados impende mesmo a obrigação de a não reconhecer) ou do decurso do tempo(12), e a nulidade absoluta de todos os actos que colidam com os direitos do seu povo, entre os quais os direitos patrimoniais, que forem praticados ao abrigo ou na consequência de tais crimes(13).

Isto leva-nos de novo à questão do petróleo do mar de Timor. A Indonésia não tem, como potência ocupante, nenhum direito a explorar as riquezas que tertencem ao povo de Timor-Leste. O acordo entre a Indonésia e a Austrália é, pelo que atrás se disse, nulo e desprovido de qualquer valor. Porque atenta contra a soberania marítima de Timor-Leste, o acordo é ainda contrário à resolução que a Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar adoptou em 1982 a respeito das riquezas marítimas dos territórios não-autónomos (14). É inexplicável, neste contexto, a inércia do governo português. Existe desde logo o perigo de ela reforçar politicamente a posição indonésia. Não parece haver, por outro lado, nenhum obstáculo a que Portugal tome o caminho mais óbvio: o de, na sua qualidade de Potência Administrante, como tal reconhecido pela ONU, impugnar o acordo perante o Tribunal Internacional de Justiça. A Indonésia, que não aceitou a jurisdição contenciosa obrigatória do Tribunal, podia negar a competência deste no caso concreto. A Austrália, que tal como Portugal, aceitou previamente a jurisdição sem quaisquer reservas, seria, porém, obrigada a reconhecer tal competência. Uma vez sob a alçada do mais alto orgão jurisdicional do mundo, a questão de Timor-Leste ganharia, como é evidente, um outro peso. E a sentença - em bem poucos casos tão fácil de adivinhar como neste - faria sem dúvida multiplicar a pressão exercida sobre a Indonésia. Seria decerto um importantíssimo passo no sentido do verdadeiro exercício pelo povo de Timor-Leste do seu direito à autodeterminação.

Pedro Pinto Leite

Setembro de 1989

Notas:

(1) Veja-se, por exemplo, Elmer Plischke, "Microstates in World Affairs - Policy Problems and Opinions", Washington, 1977, pp 134-143.

(2) Joachim K. Metzner, "Man and Environment in Eastern Timor: a Geolecological analysis of the Baucau-Viqueque Area as a Possible Basis for Regional Planning", Camberra, 1977, pp.292-293.

(3) Gerard Telkamp, "De Economische Struktuur van Portugees-Timor in the Twintigste Beuw; een Voorlopige Schets", Amsterdam, 1975, bijlagen.

(4) Cf. Carmel Budiardjo e Liem Soei Liong, "The War against East Timor", London, 1984, pp. 103-109.

(5) Idem, pp. 103-109.

(6) Idem, p.106.

(7) Pedro Pinto Leite, "Oost-Timor: de Westelijke Sahara van Zuidoost-Azie", deel III, Leiden, Agosto de 1988, p.105, nota 444.

(8) Richard Walsh e George Munster, "Documents on Australian Defence and Foreign Policy", Hong Kong, 1980, pp.199-200.

(9) "Australia: High Price of Cheap Oil", in OPEC Bulletin, Vienna, Maio de 1986, p.41.

(10) Cf. Keith Suter, "The Timor Gap: Oil in Troubled Waters", in Inside Indonesia, Dezembro de 1988, p.8.

(11) Sobre uma análise detalhada dos crimes praticados pela Indonésia em Timor-Leste, veja-se Pedro Pinto Leite, op. cit., pp.17-106.

(12) Veja-se, por exemplo, o artigo 5º parágrafo 3, da "Definição de Agressão" (anexa à Resolução 3314 (XXIX) da Assembleia Geral da ONU): "Nenhuma aquisição territorial ou vantagem especial resultante de agressão é ou será reconhecida como legítima".

(13) O artigo 53º da Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados é disto uma emanação: "É nulo todo o tratado que, no momento da sua conclusão, é incompatível com uma norma imperativa de direito internacional geral".

(14) Cf. Keith Suter, op. cit., pp.8-9.

6 - SESSÃO DE ENCERRAMENTO

20. A sessão de encerramento, no sábado, pelas 15h30, foi presidida pelo Pró-Reitor, Professor Nuno Grande, em representação do Reitor, que se encontrava ausente no estrangeiro.

Presentes também Abílio Araújo, da Fretilin, e Vicente Guterres, da UDT, e ainda o coordenador das Jornadas A. Barbedo de Magalhães.

Em consequência de um erro de informação e devido a deficiência da organização Monsenhor Martinho Lopes não pôde estar presente.

6.1. - **A. Barbedo de Magalhães** (Coordenador das Jornadas)

Abriu a Sessão de Encerramento o Prof. Barbedo de Magalhães, responsável e coordenador geral das Jornadas, que começou por agradecer o apoio da Reitoria e o empenhamento de todos os participantes, nomeadamente dos timorenses, que deram a estas uma grande riqueza.

Depois de uma breve referência às enormes diferenças culturais entre timorenses e indonésios (nomeadamente os javaneses) focou, basicamente, dois pontos: - a visita papal a Dili e a posição do Estado Português.

Relativamente ao primeiro ponto afirmou que, na sua opinião, a visita de João Paulo II a Timor-Leste não foi preparada da melhor forma. Ao contrário do que seria normal esperar, tendo em conta, nomeadamente, que o povo do território é predominantemente cristão e vive uma situação excepcionalmente difícil, incomparavelmente mais difícil do que qualquer outro povo ou comunidade cristãs em todo o mundo - a deslocação de João Paulo II não foi organizada como uma visita a esse martirizado Povo nem à sua Igreja, mas, pelo contrário, como visita a um território integrado na Indonésia.

Com efeito, o Papa estará em Timor apenas escassas horas, rodeado de muitas dezenas de milhares de indonésios, quer das forças armadas quer transmigrados, quer ainda levados para lá, de outras ilhas vizinhas, pelo Governo da Indonésia.

Além disso não se ouviu qualquer denúncia pública, por parte do Vaticano, das numerosas ameaças, prisões e torturas que a Indonésia praticou no período de preparação da visita, nem mesmo quando o administrador apostólico de Dili, o bispo D. Ximenes Belo, se queixa de *"estar numa gaiola..."*

A própria Igreja de Timor não foi tida em conta na preparação da visita. Antes pelo contrário, quando o clero local protestou, junto de Monsenhor Roberto Tucci, quanto à forma como esta estava a ser preparada e ao desprezo a que estava a ser votada a Igreja local (com cerca de 400 000 cristãos) o enviado do Vaticano, responsável pela organização da visita disse "o que são quatrocentas mil almas perante todo o Povo de Deus"?

Finalmente, a visita foi organizada de tal forma que nem sequer se pudesse considerar a visita a um território legalmente sob administração portuguesa como o é, face ao direito internacional e às resoluções da ONU. Com efeito as autoridades portuguesas não foram devidamente consultadas.

Apesar da deslocação ter sido preparada pelo Governo Indonésio, como se da visita a um território indonésio se tratasse, Barbedo de Magalhães considerou ser legítimo esperar do Papa, tendo em conta o que ele representa, um gesto profético de denúncia do genocídio e de defesa do direito à autodeterminação do Povo de Timor-Leste. Se assim não fosse, as interrogações e preocupações seriam muitas, e o peso que tem a palavra do Papa, e a dignidade moral que envolvem, naturalmente teriam que ser postas em causa, afirmou.

Esclareceu que sempre defendeu que era pelo diálogo e não pela força que os conflitos devem ser resolvidos.

Mas, se enquanto Portugal e a Indonésia negoceiam[1], esta última continua a prender, a torturar, a massacrar e a desenvolver amplas campanhas internacionais de desinformação, é caso para perguntar, disse Barbedo de Magalhães, se isso era de quem estava a negociar de boa fé.

Ao mesmo tempo criticou o Governo Português pela sua apatia e por travar iniciativas da Assembleia da República no sentido de se fazer uma Reunião Internacional de Parlamentares dedicada exclusivamente a Timor-Leste, um livro negro sobre a ocupação, e outras iniciativas no sentido de dar a conhecer, internacionalmente, a situação no território. Com o pretexto de que Portugal está a dialogar com a Indonésia, o Estado Português em vez de tomar iniciativas ou, ao menos, de apoiar as de terceiros (como as dos parlamentares de todo o mundo que desejam constituir uma associação internacional para tratar, exclusivamente, do problema de Timor), ainda as trava e bloqueia.

Por fim referiu a necessidade e oportunidade de apresentar ao Tribunal Internacional de Haia o problema da exploração do petróleo do Mar de Timor, agora que a Indonésia e a Austrália estabeleceram um acordo nesse sentido que viola os mais elementares princípios do direito internacional.

6.2 - **Abílio Araújo** - (Fretilin)[1]

Em segundo lugar falou Abílio Araújo , em nome da Fretilin e da Convergência Nacionalista.

Depois de agradecer às entidades promotoras e a todos os que colaboraram na realização das Jornadas, rebateu alguns dos argumentos que a Indonésia utilizou para justificar a invasão.

---

[1] Síntese feita por A. Barbedo de Magalhães.

Referiu, nomeadamente, que apesar de uma remota origem étnica e até cultural comum, há hoje um enorme fosso entre as culturas timorense e indonésia que, no dizer do historiador Luís Thomás, são superiores às que se verificam hoje entre portugueses e marroquinos.

Falou no carácter afável do seu Povo, amigo dos seus amigos, acolhedor e pródigo mas, ao mesmo tempo, lutador, persistente e indómito quando a opressão se abate sobre ele, como hoje acontece.

Perante a ocupação os timorenses ultrapassaram as suas divisões internas, a ponto de até os apoiantes da APODETI, que em 1975 defendiam a integração de Timor na Indonésia, estarem hoje, na sua grande maioria, com a Resistência.

O genocídio, o autêntico etnocídio que a Indonésia está a praticar em Timor e que já vitimou duzentas mil pessoas, fez com que hoje quase todos os timorenses lutem ombro a ombro contra a ocupação.

A Convergência Nacionalista, constituida há três anos, é disso um sinal. Ela corporiza um fenómeno sociológico que é o reordenamento do tecido social timorense.

> *"A Convergência Nacionalista, ao ter preconizado um sistema democrático pluripartidário, criou condições para o empenhamento de todos os timorenses na luta, e produziu o salto qualitativo que ainda faltava dar, e que era transformar as Falintil - exército da Fretilin - num exército nacional de resistência."*

Hoje, todos os timorenses se identificam com a frente armada, com a resistência armada. Mesmo os que colaboram no seio da administração indonésia, no íntimo do seus corações estão com a resistência e apoiam a luta clandestina.

Não é só da luta armada que se trata, mas também da resistência cultural, na qual a Igreja tem papel de relevo, como demonstrou o recente apelo de D. Ximenes Belo, para que se faça um referendo para que o Povo de Timor-Leste se possa exprimir livremente.

No plano internacional esses passos têm dado já os seus frutos, nomeadamente ao nível do Parlamento Europeu e da Comissão dos Direitos do Homem da ONU.

O Vaticano recebeu, no passado dia 5 de Setembro, uma delegação da Convergência Nacionalista. No dia seguinte (6.9.1989) o Dr. Abílio Araújo foi recebido no Parlamento Europeu, que se propõe criar um intergrupo para a questão de Timor-Leste, com membros de todos os grupos políticos.

Há mais de duzentos parlamentares de diversos países do mundo, incluindo a Inglaterra, Austrália e Japão, que estão dispostos a criar uma Associação Internacional de Parlamentares para Timor-Leste, disse Abílio Araújo.

E continuou:

A simpatia internacional está a crescer. Mas, por isso mesmo, a Indonésia tenta ganhar apoios (...). E, por isso, vemos com preocupação a passividade e falta de criatividade da diplomacia portuguesa (...).

A Indonésia ao mesmo tempo que dialoga com Portugal reprime o Povo de Timor e procura ganhar apoios internacionais enquanto Portugal permanece pouco activo e vai a reboque dos acontecimentos.

O convite ao Papa inscreve-se nessa perspectiva. Se o Papa fôr a Timor como Bispo de Dili, nós saudámo-lo. Mas temos sérias reservas quanto à forma como a visita está a ser organizada: - itinerários, aviões usados, etc, disse Abílio Araújo que acrescentou que Timor-Leste vem logo a seguir à Namíbia, na lista dos territórios não-autónomos da ONU. Brevemente a Namíbia vai ser independente. E Timor?

E concluiu afirmando que estão dispostos a dialogar com todas as partes, sem pré-condições.

As suas propostas para uma solução negociada passam por:

a)- abertura incondicional do território a jornalistas e a organismos de apoio sanitário e alimentar;

b)- constituição de uma administração transitória, em que Portugal teria um papel fundamental, para organizar uma consulta sob a forma de referendum ou de eleições.

Se a Indonésia está tão segura, porque recusa aceitar a consulta ao Povo?

Concluiu:

> *"A nossa luta está fora das rivalidades Leste-Oeste, fora das lutas Norte-Sul. Não pertencemos nem temos o apoio de nenhum bloco. E, por isso mesmo exigimos da Igreja e das instituições que preconizam a Justiça, a Ética e a Obrigação Moral, para que defendam este povo indefeso, pequeno e pobre, mas que se ufana da sua tradição e cultura e quer uma posição digna no concerto das nações."*

6.3. - Vicente Guterres - (UTD)[1]

O terceiro orador da sessão foi o Dr. Vicente Guterres, Vice-Presidente da Comissão Política da UDT.

Tendo em conta as intervenções anteriores - que levaram este dirigente da Convergência Nacionalista a considerar que pouco mais tinha a acrescentar - Vicente Guterres focou fundamentalmente um ponto: - A aliança que sempre existiu, ao longo da história, entre timorenses e portugueses, desde a presença dos primeiros missionários portugueses até aos nossos dias.

"Em Timor não houve colonialismo; houve, quando muito, uma colonização, no bom sentido da palavra," disse o dirigente da UDT. E continuou afirmando que Timor não foi conquistado pelos portugueses pela força das armas. A presença de Portugal em Timor deveu-se ao consentimento dos seus chefes, dos seus régulos, através de pactos em que o cristianismo teve, tem e terá um papel fundamental.

A aliança entre portugueses e timorenses foi eficaz, no início, para enfrentar as investidas dos macassares e dos javaneses. Mais tarde foi eficaz para fazer face às ameaças holandesas.

Como é que um pequeno povo conseguiu enfrentar todo o poderio holandês que dominou as grandes ilhas de Java, Sumatra, Bornéu, Celebres, etc?

Isso deveu-se à aliança entre Portugal e Timor, que foi fundamental e foi indestrutível.

---

[1] Síntese feita por A. Barbedo de Magalhães.

Essa aliança, que funcionou durante séculos, só não se verificou em 1975.

"Se tivesse funcionado em 1975, poderia ter havido invasão indonésia, mas os timorenses nunca estariam sozinhos. Estariam lá os portugueses e as suas forças armadas, estaria lá o Governador, e as consequências poderiam ser outras."

Nesse sentido, qual o papel de Portugal neste preciso momento?

"Será retomar essa aliança histórica, livremente celebrada entre portugueses e timorenses para defender, até ao fim, o direito do Povo Timorense à autodeterminação e independência."

Os timorenses que lutam em Timor desde 1975 ficaram completamente sózinhos. Mas Portugal não se encontra só. Tem aliados fortíssimos que têm influência sobre a Indonésia, como os paises da CEE, os próprios Estados Unidos da América e outros.

Por isso queremos que da parte do Governo, da parte do Estado Português, haja *"a defesa intransigente dos direitos do povo timorense à autodeterminação e independência. Não só por palavras. Mas por actos. Não só para lançar poeira aos nossos olhos, aos olhos da Comunidade Internacional, dando razões à Indonésia para, a pouco e pouco, exterminar todo o povo timorense."*

Estamos completamente contra a tese de Nuno Rocha e que algumas personalidades subscrevem, no sentido de se aceitar uma autonomia sob bandeira indonésia, como se isso fosse possível e aceitável pelo Povo Timorense sem primeiro o consultar para saber qual é a sua vontade.

" Qualquer solução que venha a ser preconizada, quer por Portugal, quer pela ONU, terá que passar pela consulta da vontade do Povo Timorense. Consulta que não aceitamos que seja feita pelas autoridades indonésias, mas sim com a presença das autoridades portuguesas e também pelos representantes da ONU."

A aliança entre o Povo Português e o Povo Timorense terá que ser demonstrada pelos representantes do Povo Português de uma forma prática, mais aguerrida, e não apenas numa posição de defesa, como tem sido até agora.

Dois factos demonstrativos dessa posição puramente defensiva:
- Em relação à visita do Papa a Timor, Portugal está apenas a ver como é possível minorar os efeitos de uma viagem que está a ser preparada fora do controle das

autoridades portuguesas.

- Quanto à possível visita de parlamentares portugueses, tenta unicamente evitar os perigos inerentes ao o convite feito pelas autoridades indonésias com todos os condicionalismos que sabemos...

"Portugal terá que passar dessa posição defensiva para uma posição mais aguerrida, mais ofensiva. Mas, para isso, é preciso ter planos concretos de solução para Timor. Só tendo um plano concreto, tendo por fundo a defesa intransigente do direito do Povo Timorense à autodeterminação e independência, respeitando, embora, também os interesses legítimos do Estado Indonésio e dos seus aliados, só a partir daí, e numa posição não de defesa mas sim de ataque, é que poderá resultar, ainda, para Timor, qualquer coisa válida, qualquer solução."

Nesse sentido apelo a todos, aos Orgãos de Soberania e aos Orgãos de comunicação social, para que pressionem os governantes para que acordem e não durmam à espera de reagir às iniciativas diplomáticas do Governo Indonésio.

6.4. - **Professor Nuno Grande** - (Pró-Reitor da Universidade do Porto)[1]

Encerrou a Sessão o Professor Nuno Grande, que presidiu em nome do Reitor da Universidade, Professor Alberto Amaral, que se encontrava ausente no estrangeiro.

Começou por afirmar que *"a Reitoria da Universidade do Porto, pela universalidade dos propósitos da sua própria definição, tem que estar atenta aos problemas do seu tempo."*

"E uma das condições fundamentais é a denúncia, pelos métodos ao seu alcance, de toda a violação das conquistas da civilização."

"Assim se entende que a Universidade não pode ficar indiferente sempre que os direitos do Homem e os direitos da soberania das nações possam, de alguma maneira, ser aviltados."

"Ora Timor é uma nação em risco. Mas, se Timor é uma nação em risco, Timor não é uma Pátria em risco, porque como Pátria começa e termina no coração de cada um dos seus filhos, e estes,provadamente, já fizeram sentir que a Pátria de Timor será eterna."

---

[1] Síntese feita por A. Barbedo de Magalhães.

Referindo-se às Primeiras Jornadas de Timor disse que a própria designação pressupunha a expectativa de que se realizassem as segundas e terceiras... e outras, com a esperança de que as 5$^{\underline{as}}$ ou 6$^{\underline{as}}$ se realizem já em Timor (o que mereceu amplo aplauso). E continuou o Professor Nuno Grande:

" De facto, quando assistimos a Jornadas como estas e verificamos que nem a diáspora nem a agressividade diminuiram a força de um povo, sentimos que de facto uma realidade qualquer vos mantém unidos - disse para os timorenses presentes - *nos mantem unidos no propósito de fazer vencer as conquistas que são património da Humanidade.*

"Já aqui foi dito que vos caracteriza, do ponto de vista cultural, a resistência, o sentido de luta, mas também a tolerância, a amizade e, de certa maneira, a capacidade de diálogo que não vos querem reconhecer. Estes valores, porque são do Povo inteiro, são eternos. E são susceptíveis de resistir, quer ao despotismo, quer à violência, quer aos jogos de interesses que, habitualmente, não sobrevivem aos próprios ditadores; morrem com eles.

"Portanto não tenho nenhuma reserva em dizer que a Pátria Timorense está garantida e é perene.

"(...) Podem os "direitos internacionais", os "papas" de todos os tipos, reconhecer a anexação de Timor pela Indonésia. A História jamais o reconhecerá. E jamais o reconhecerá porque o Povo Maubere o não permite. Enquanto houver um timorense que afirme que Timor é uma Pátria autónoma e independente, ela não será nunca anexada, seja por quem fôr, seja por qual força fôr."

E concluiu:

"Por nós, portugueses e universitários, a única afirmação que deveremos e poderemos fazer é de que estaremos convosco na luta pelos valores da Humanidade."

Nota: No decurso da sessão, que contou com a presença do deputado Raúl de Brito, do PS, e da deputada Ilda Figueiredo, em representação do Grupo Parlamentar do PCP, foram lidas diversas mensagens, nomeadamente do deputado Rui Silva do PRD.

Uma saudação da **FISE** que representa cerca de 26 milhões de professores de todo o mundo, foi também lida e mereceu um grande aplauso da assistência. O texto dessa moção é o seguinte:

> *"A FISE, Federação Internacional de Sindicatos de Ensino saúda as Jornadas de Timor-Leste e informa que na 14ª Conferência Estatutária, de Praga, realizada na 1ª semana de setembro de 1989, aprovou, na sua resolução sobre solidariedade com os Povos da Oceania e Ásia, o seu apoio a Causa da Independência de Timor-Leste".*

7 - ESPECTÁCULO FINAL

O POVO DE TIMOR NÃO PODE SER ESCRAVO

Com o título do poema com que encerra o espectáculo, este começa com o contador de histórias - LIAN-NAIN - (Francisco de Menezes) a contar a lenda do crocodilo que se tranformou na ilha de Timor.

Seguem-se, sem interrupção, os restantes treze momentos que, de forma estilizada, caracterizam a vida do timorense, do nascimento até à morte, passando pelos jogos brincadeiras infantis, o barlaque (casamento gentílico), as danças rituais de trabalho, as danças festivas, o ritual da morte e, por fim, o renascimento para a luta.

O programa do espectáculo, distribuido aos cerca de cem espectadores presentes no Anfiteatro da Reitoria, no sábado 16 de Setembro, começa com um manifesto do poeta timorense (e Presidente da Sociedade de Língua Portuguesa) Fernando Sylvan.

Manifesto Maubere

A cultura é a memória
de um povo que não morre!

A acção é a história
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

A vida é a liberdade
de um povo que não morre!

A independência é a vontade
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

A justiça é a oferta
de um povo que não morre!

A luta é a descoberta
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

Fernando Sylvan

1- O Crocodilo que se fez Timor (lenda)

2 - Ami Timur oan (Nós os filhos de Timor)

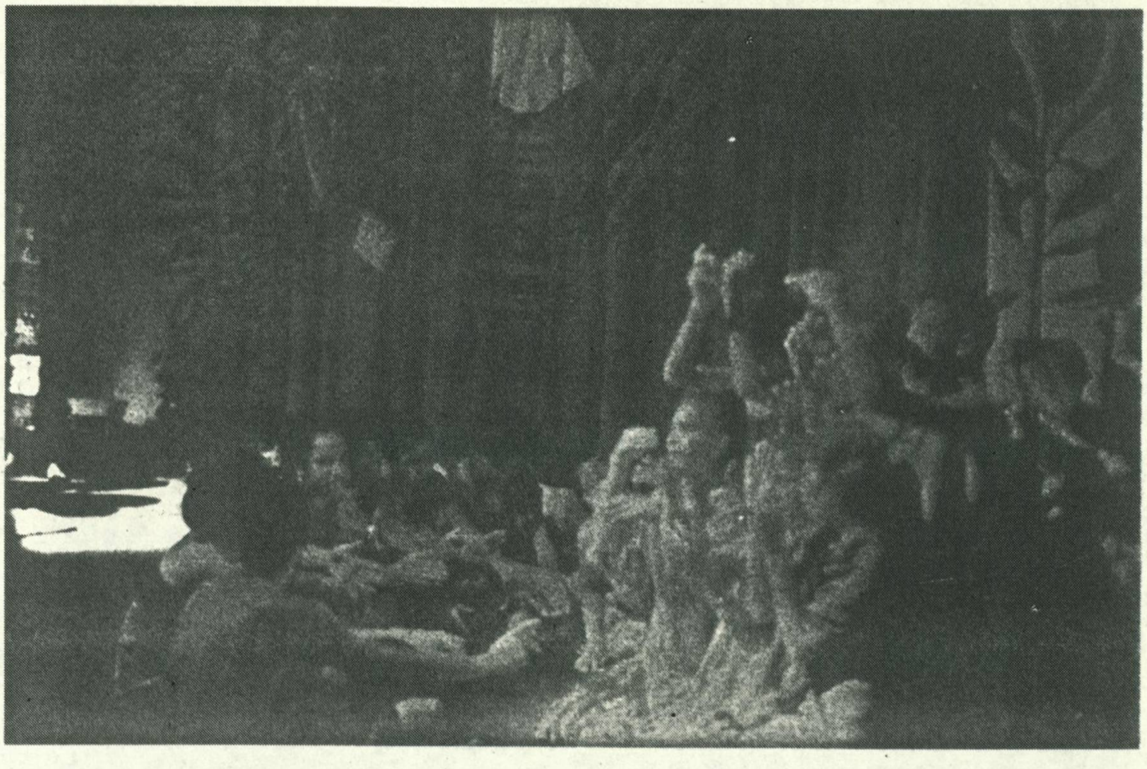
(canção)

AMI TIMUR OAN SIRA NÉ	Nós os filhos de Timor
LARAN MESAK MANEK MANEK DEIT	temos engenho
LARAN MÓS KLAMAR MÓS	e alma límpida.
LAO BUKA RAI SELUK SELUK	Andamos à procura de outras terras
NEON NAKUKUN SEI ORAS NÉ	até agora vivêmos nas trevas
ABAN BAI RUA SEI NAKLOKE BELE	mas um dia o horizonte se abrirá
AMAN INAN DIAK	O Pai e a Mãe são bons
NEON METIN BA AMI TOMAK MÓS	e confiam em nós.

3- Ritual do nascimento

Quando nasce uma criança, a Mãe fica longos dias (trinta, quarenta ou até mais dias, consoante as regiões) junto a uma lareira que se acende ao lado do seu lanten.

Para estimular a produção de leite, a família molha panos com água a ferver que aplica sobre o peito e as costas da Mãe.



4 - BELU LABELAIN (Reunião de amigos)
(canção de embalar)

Poema: - **Canção timor de embalar**

Meu menino
dorme
dorme...
Diziam
as mães antigas
aos filhos
para fechá-los
no sono
sobre as esteiras.

Acorda
meu filho
acorda...
Sacodem
as mães agora
os filhos
para chamá-los
às armas
e às canseiras.

Acorda
meu filho
acorda...
Não podes
dormir sonhar:
guerrilheiro
tens de ser
que o povo
tem de lutar!

Meu menino
dorme
dorme...
Não podiam
nesse tempo
nem futuro
amanhecer
nem liberdade
cantar.

Fernando Sylvan

5 - Jogos infantis

5.1 - CARICAS

5.2 - KUDA TALI REBO REBO (agarrados à corda do cavalo)

5.3 - HAKSIMU FATUK (malabarismo com pedrinhas)

(KUDA TALI REBO REBO)

6- AMPAT KALI (dança de festa) - (quatro passos)

7- BARLAQUE (casamento gentílico)

Ocupando o barlaque um papel tão importante na vida social timorense, ocupou também um lugar de destaque no espectáculo, com as negociações habituais entre as famílias.

(uma prenda para a noiva...)

(... e outra para o noivo)

8 - Danças rituais de trabalho

8.1 - SURO BOEK (Apanha do camarão)

8.2 - SAMA HARA (Debulha do arroz)

9 - Danças festivas

9.1 - MAKIKIT (Dança do milhafre)

9.2 - LECE LUAN (Tebe - Dança de roda)

(MAKIKIT - dança do milhafre)

10 - Ritual da morte

Quando uma pessoa morre, os parentes vêm apresentar os pêsames e trazem búfalos, panos, porcos ou comida.

A parte materna da família do morto pede à família do homem coisas para o funeral e para completar o pagamento do barlaque (se este ainda não foi pago na totalidade).

A linguagem empregue é figurada. Assim, pode pedir um "chapéu" para significar um búfalo, ou uma "bengala" a outro parente do lado paterno, para significar um cavalo, etc.

À família do lado materno são pedidos panos, porcos ou outros bens "femininos".

O funeral só se faz depois de reunida toda a família e de saldadas as dívidas do morto (o que pode demorar dias, semanas ou meses).

ENTERREM MEU CORAÇÃO
NO MONTE RAMELAU

1

Que faço eu neste quarto de madeira húmida neste país distante? As pálpebras apertam-se como duas lâminas e impedem-me o sono. Lá longe, no país de Timor, na profundeza do mar, o molusco bivalve abre docemente os lábios e serve os últimos resíduos de luz.

Oh, assim também eu gostaria que esta memória não me afogasse em catadupas.

2

Entreabro os olhos. Os eléctricos passam como gaiolas acesas desertas nestas ruas secundárias de Lisboa. Morre-me o intento de abrir as venezianas à luz da madrugada. Cambaleio no quarto. Na minha mão um frasco de perfume barato comprado num drugstore de Austrália. Oh, sei que adorarias este perfume, e estou a ver-te recebê-lo com o teu sorriso adolescente. Adorarias este perfume Elisa, se estivesses viva, se não te tivessem metralhado o peito, o desenho duma borboleta de sangue sobre os seios morenos.

3

Oh Suharto, mira-te as últimas vezes no mármore preto do chão do teu palácio. Terás a morte na saúna do teu sangue. Esqueces que a alma de Timor é uma couraça, esqueces que somos filhos do grande crocodilo que cruzou o oceano.

4

O Tata Ramelau volatizou-se no nevoeiro do gaz. O seu espírito espera-vos, soldados doutras pátrias, em cada esquina de Dili, em cada curva da estrada, em cada pastilha elástica que mastigam suados de medo.

5

Estou aqui e penso: nem a morte nos pode juntar: vocês morrem pela ordem e pacificação na 27ª província e nós morremos pela nossa pátria independente.

6

Ainda me lembro em fins de Novembro, uma criança corria na areia fina da praia de Dili: que vento lhe apagou as pegadas de criança?, que morte lhe tolheu os passos? A todos os refugiados de Jamor perguntei por este meu filho de olhos cor de Timor. Em cada rosto um mapa de passos perdidos nas rugas de areia dos exilados.

7

Abro o armário de madeira húmida e visto uma camisa lavada que me deram em Port Darwin. Abro a porta para a terra estrangeira e o frio de Janeiro corta-me a pele. Fecho a porta como se enterrasse o meu coração no cume do Ramelau.

Jorge Lauten

11 - Canção: KDADALAK
(regatos)

(Tradução livre)
Regatos convergindo transformam-se em rios
Os rios juntando-se qual a força que se lhes opõe

Assim os timores devem juntar-se
Devem unir-se para se oporem ao vento que sopra do mar.

O vento que sopra do mar fustiga o kabala
Fere a vista e martiriza o dorso

Faz as lágrimas e o suor rolarem pelo chão
Suga a gordura da nossa terra e dos nossos corpos

Regatos convergindo transformam-se em rios
TIMORES UNIDOS ERGAMOS A NOSSA TERRA.

12 - Poema - Sobre o futuro

Rezaste, Mãe, o meu futuro!

No meu tempo de menino
não havia outra forma de querer.

Agora, há!

Fernando Sylvan

13- DANÇA GUERREIRA

14 - Poema: O POVO MAUBERE NÃO PODE SER ESCRAVO DE MAIS NINGUÉM

É preciso
Viver
E sentir
p'ra esquecer-se
E o Povo
Servir

É preciso
Fazer
Despontar
Deste solo
Calcado
O Homem novo

É preciso
Lutar
P'ra vencer
E acabar
Com o medo
Servil

É preciso
Destruir
E acabar
Com o peso
E opressão
Colonial

É preciso
Este solo
Regar
Com suor
Com amor
A estrumar

É PRECISO GRITAR BEM ALTO
QUE O POVO DE TIMOR
QUE O POVO MAUBERE
NÃO PODE SER ESCRAVO
DE MAIS NINGUÉM

É preciso
Este povo
Ensinar
P'ra entender
Quem o quer
Explorar

DE MAIS NINGUÉM
DE MAIS NINGUÉM
DE MAIS NINGUÉM

Borja da Costa

15 - PALAVRAS FINAIS - pelo LIAN-NAIN (contador de histórias)

Já no fim do espectáculo o Dr. Francisco Xavier de Menezes leu o seguinte poema, às Jornadas, da sua autoria,

Como esta calçada
Está tão desnivelada
Se a gente se apressa
Ora essa, logo se tropeça

Isto não é p'ra a minha idade
Quem me mandou vir à cidade?

Atraídos por esta JORNADA
Aproximamos quase a medo
Convidados, antes de mais nada,
Pelo Professor Barbedo
Mas apoiados pela Magnífica Reitoria
Que abriu as portas com galhardia.

Mas que equipe tão eficiente!
Laboriosa, envolvente, persistente,
Nos acompanhou com garra e coração.
A todos, sem excepção, a nossa GRATIDÃO!

E quem não se ufana
De ter colaborado nesta SEMANA,
Com entusiasmo e Amor
Abrindo caminhos, falando de TIMOR?

Colaboraram especialistas
Desbravando novas pistas:

1 - Já ninguém será mais Tolo
Depois das lições do Campagnolo

2 - E com a Olímpia, aprendemos um bocado
sobre o "elaborado e não elaborado"
E enriquecemos o nosso léxico
sobre o "selvagem" e o "doméstico"

3 - E mesmo até o Menezes
A quem a inspiração
Vem faltando às vezes,
Falou-nos da História e da Missão.

4 - E sob a organização e virtude
Dos cuidados de saúde,
Recebemos uma bela lição
Da especialista Conceição.

5 - Aprendemos com o Gregório,
Como se improvisa um Laboratório
E das maravilhosas infusões
Para despertar amor e paixões...

6 - E, finalmente, com o Pinto Leite
Já não há argumento que se aceite
Do pérfido e vil Invasor
Do nosso Querido Timor!

E apesar da nossa inexperiência,
Apoiados por esta bela assistência,
E com o entusiasmo a granel
Do nosso animador Miguel,
Neste magnífico Anfiteatro,
Também aconteceu Teatro.

Parabéns à UNIVERSIDADE
Desta INVICTA CIDADE.

89.09.16

8 - REPERCUSSÕES NA IMPRENSA

As Jornadas foram anunciadas pelo Jornal de Notícias, pelo Semanário Expresso e por diversas emissoras de rádio. A Rádio Activa, a Rádio Difusão Portuguesa (Antena 1), a Rádio Festival, a Rádio Nova, a Rádio Press, a Rádio Renascença e outras, noticiaram o acontecimento, nalguns casos incluindo longas entrevistas sobre as Jornadas e sobre a situação em Timor-Leste.

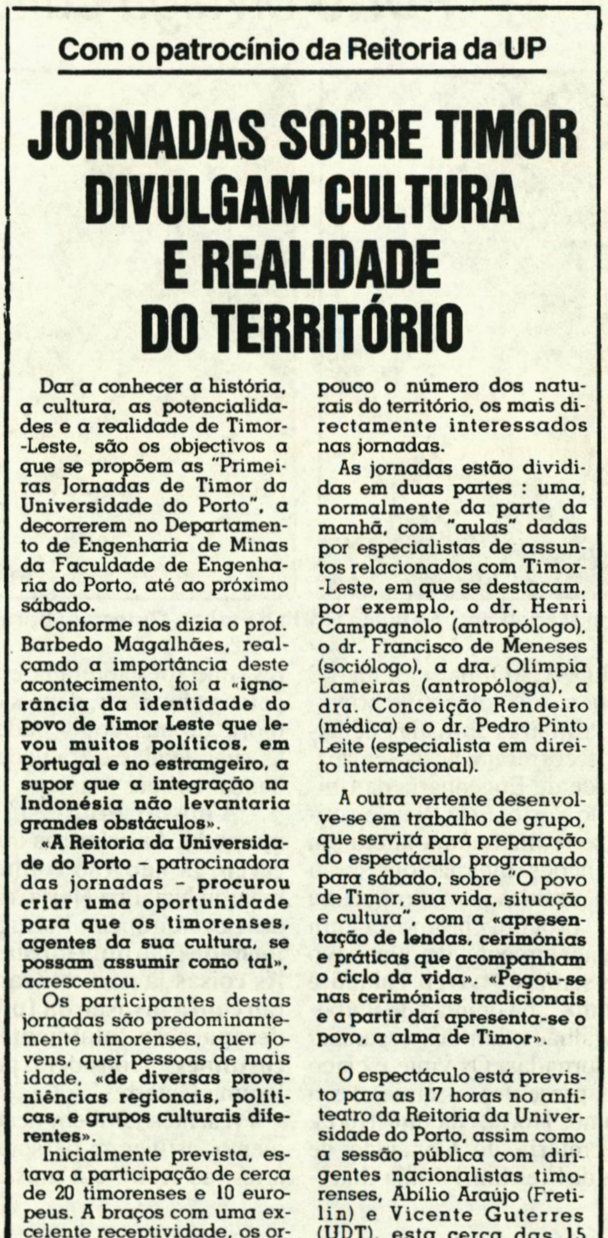
Vários jornais, nacionais e estrangeiros (como o 24 Heures de Lausanne, Suiça) aproveitaram a oportunidade para entrevistarem alguns participantes das jornadas e publicarem elucidativos artigos sobre o problema do território e a vivência de alguns refugiados.

Já depois do seu termo, o Jornal da Universidade e O Primeiro de Janeiro publicaram entrevistas com jovens timorenses que tinham, na sua grande maioria, participado nas Jornadas. O jornal da Faculdade de Letras da U.P., "A Margem", publicou um artigo sobre a sessão de encerramento. Outros orgãos de comunicação social interessaram-se e noticiaram o acontecimento. Como vem sendo hábito a RTP foi uma excepção, primando pela ausência...

Com a devida vénia reproduzimos os principais artigos publicados no semanário Expresso e nos três jornais diários da cidade do Porto.

JORNAL DE NOTÍCIAS

14.09.89 ⟶



Com o patrocínio da Reitoria da UP

JORNADAS SOBRE TIMOR DIVULGAM CULTURA E REALIDADE DO TERRITÓRIO

Dar a conhecer a história, a cultura, as potencialidades e a realidade de Timor-Leste, são os objectivos a que se propõem as "Primeiras Jornadas de Timor da Universidade do Porto", a decorrerem no Departamento de Engenharia de Minas da Faculdade de Engenharia do Porto, até ao próximo sábado.

Conforme nos dizia o prof. Barbedo Magalhães, realçando a importância deste acontecimento, foi a «**ignorância da identidade do povo de Timor Leste que levou muitos políticos, em Portugal e no estrangeiro, a supor que a integração na Indonésia não levantaria grandes obstáculos**».

«**A Reitoria da Universidade do Porto** – patrocinadora das jornadas – **procurou criar uma oportunidade para que os timorenses, agentes da sua cultura, se possam assumir como tal**», acrescentou.

Os participantes destas jornadas são predominantemente timorenses, quer jovens, quer pessoas de mais idade, «**de diversas proveniências regionais, políticas, e grupos culturais diferentes**».

Inicialmente prevista, estava a participação de cerca de 20 timorenses e 10 europeus. A braços com uma excelente receptividade, os organizadores alargaram um pouco o número dos naturais do território, os mais directamente interessados nas jornadas.

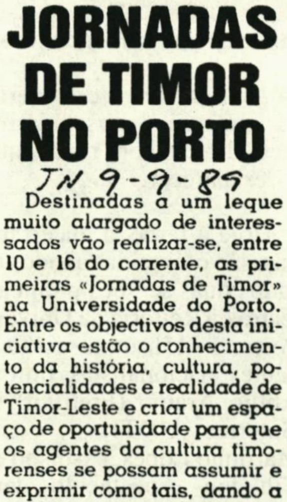
As jornadas estão divididas em duas partes : uma, normalmente da parte da manhã, com "aulas" dadas por especialistas de assuntos relacionados com Timor-Leste, em que se destacam, por exemplo, o dr. Henri Campagnolo (antropólogo), o dr. Francisco de Meneses (sociólogo), a dra. Olímpia Lameiras (antropóloga), a dra. Conceição Rendeiro (médica) e o dr. Pedro Pinto Leite (especialista em direito internacional).

A outra vertente desenvolve-se em trabalho de grupo, que servirá para preparação do espectáculo programado para sábado, sobre "O povo de Timor, sua vida, situação e cultura", com a «**apresentação de lendas, cerimónias e práticas que acompanham o ciclo da vida**». «**Pegou-se nas cerimónias tradicionais e a partir daí apresenta-se o povo, a alma de Timor**».

O espectáculo está previsto para as 17 horas no anfiteatro da Reitoria da Universidade do Porto, assim como a sessão pública com dirigentes nacionalistas timorenses, Abílio Araújo (Fretilin) e Vicente Guterres (UDT), esta cerca das 15 horas.

9.09.89

↓



JORNADAS DE TIMOR NO PORTO

JN 9-9-89

Destinadas a um leque muito alargado de interessados vão realizar-se, entre 10 e 16 do corrente, as primeiras «Jornadas de Timor» na Universidade do Porto. Entre os objectivos desta iniciativa estão o conhecimento da história, cultura, potencialidades e realidade de Timor-Leste e criar um espaço de oportunidade para que os agentes da cultura timorenses se possam assumir e exprimir como tais, dando a conhecer a sua história e cultura. As jornadas terão uma estrutura mista, com aulas e sessões de trabalho e vão decorrer na Sala da Cultura do Professor e no Departamento de Engenharia de Minas da Faculdade de Engenharia.

EXPRESSO, SÁBADO 16 DE SETEMBRO DE 1989

***Porto** divulga cultura Maubere*

Barbêdo de Magalhães, Natalina Horta e Fátima Guterres: para não deixar acabar de vez com a cultura maubere

A DIVULGAÇÃO da cultura do povo maubere foi o objectivo principal das ''Primeiras Jornadas de Timor'' que decorreram, nesta semana, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Este ''curso activo'', que se realiza numa altura em que as atenções internacionais são novamente atraídas para o problema timorense, procura promover um melhor conhecimento de um povo que quase sempre **''viveu calado e amordaçado''**, na opinião de Barbêdo de Magalhães, um dos organizadores das jornadas. Os vinte e cinco timorenses presentes — entre eles a mãe de Ramos Horta, Natalina Horta, e a ex-secretária do Comando de Operações da Fretilim, Fátima Guterres, que foi capturada em Barrique, pelos indonésios, depois de assistir à morte do marido — puderam contar as suas lendas e tradições e tocar e dançar as suas músicas.

''A nossa cultura está quase a ser apagada. As crianças quando crescerem já não vão conhecê-la'', lamentou Natalina Horta, que está desde Fevereiro em Portugal. **''Estas jornadas são uma forma de reviver. As coisas já não estavam bem, então com a invasão da Indonésia vão desaparecer totalmente os usos e costumes''**, considera, por seu lado, Fátima Guterres.

Presentes também neste acontecimento, estiveram pessoas ligadas às artes, ao teatro e à música — como Miguel Loureiro e Roberto Merino —, que assim conseguiram um contacto directo com rituais que tendem a desaparecer.

Hoje à tarde, a encerrar as jornadas, são oferecidas a todos os interessados duas sessões públicas no anfiteatro da Reitoria da Universidade do Porto: às 15h uma sessão com dirigentes nacionalistas timorenses — Abílio Araújo (Fretilim) e Vicente Guterres (UDT) —, e monsenhor Martinho Lopes, ex-bispo de Dili; às 17h um espectáculo denominado ''Ciclo da Vida'', com base nos rituais quotidianos do povo maubere, em que os principais autores e actores são os timorenses.

CRÍTICAS AO ESTADO PORTUGUÊS NO ENCERRAMENTO DAS JORNADAS DA *UP*

TIMOR-LESTE MERECE OUTRA ATENÇÃO DO GOVERNO

A anunciada visita do Papa a Timor-Leste e a atitude de uma certa «indefinição» do Governo portugês perante a actuação da Indonésia foram os principais pontos focados, ontem à tarde, no auditório da UP, durante a sessão de encerramento das «Primeiras Jornadas de Timor da Universidade do Porto».

Barbedo de Magalhães, da UP, interrogou-se sobre a natureza da visita do Papa, colocando em questão se ele vai visitar o povo de Timor-Leste (e nesse caso deveria tratar-se de uma estada mais longa, segundo o professor) ou o território. Na segunda hipótese, Barbedo de Magalhães chamou a atenção para a necessidade de se clarificar a questão, e de se saber se o Sumo Pontífice encara Timor-Leste como uma território sob administração portuguesa ou como um território integrado na Indonésia.

Aquele universitário declarou estar preocupado porque «parece que o Papa não vai visitar o povo, mas um território integrado na Indonésia. (...) É de esperar que durante a visita seja denunciado o genocídio e se fale do direito à auto-determinação (...) senão a visita terá de ser posta em causa», sublinhou.

«Não há empenhamento do Governo português»

A decisão de Cavaco Silva de não comentar a deslocação do Papa a Timor-Leste mereceu críticas a Barbedo de Magalhães que afirmou não compreender porque não se comenta uma visita a um território sob administração portuguesa. O professor da UP defendeu a resolução do problema de Timor-Leste através da negociação, mas condenou o que considera o adiamento de posições sob o pretexto do diálogo «enquanto a Indonésia desencadeia acções militares».

Barbedo de Magalhães acusou também o Governo português de «falta de empenhamento. Só compreendo a posição do Governo como fruto de interesses que não são, certamente, os do povo timorense (...) estamos muito longe do empenhamento que a questão exige porque se trata de uma questão nacional».

«Todos os timorenses se identificam com a frente armada»

A visita do Papa a Timor-Leste e a posição do Governo português sobre a ocupação do território pela Indonésia foram os principais assuntos focados no encerramento das Jornadas da UP sobre Timor-Leste. (Foto de José Albino).

Na sessão interveio ainda Abílio Araújo, dirigente da Convenção Nacionalista pela FRETILIN. O responsável considerou fracassadas, após 14 anos de ocupação, todas as teses com que se pretendeu justificar a atitude da Indonésia. «Há um fosso cultural entre Timor-Leste e a Indonésia (...) os timorenses estão contra a ocupação, há mais de 200 mil mortos, genocídio físico. Hoje, todos os timorenses se identificam com a frente armada e a resistência é apoiada por todos», sustentou.

Abílio Araújo referiu-se também aos apoios internacionais à resistência de Timor-Leste que, segundo afirmou têm aumentado, mas criticou o Governo português por «continuar a reboque da Indonésia».

O dirigente da Convenção Nacionalista disse encarar com reservas a visita de João Paulo II, sobretudo pelo modo como está a ser programada. Abílio Araújo declarou-se convicto de que Timor-leste alcançará a independência e defendeu uma saída negociada a desenvolver por etapas. A primeira, em seu entender, seria a abertura incondicional do território a jornalistas e à comunidade internacional e a posterior constituição de uma administração transitória, «na qual Portugal teria um papel importante».

Por fim, o dirigente timorense lançou um repto à Indonésia: «se a Indonésia está tão segura de que o povo timorense quer a integração no seu território porque não faz uma consulta e deixa que seja o povo a decidir?» – inquiriu, prometendo em seguida que «a luta pela independência continuará».

Solidariedade dos universitários

Nuno Grande, falando em nome do reitor da UP (ausente no estrangeiro), expressou a solidariedade dos portugueses e universitários em particular com a luta do povo timorense pela auto-determinação. O catedrático da UP afirmou que «Timor é uma Nação em risco, mas não é uma Pátria em risco. A Pátria timorense está garantida. (...) A História jamais reconhecerá a anexação pela Indonésia, enquanto houver um timorense que não o deseje».

Aquele professor formulou ainda o desejo de que estas jornadas tenham continuidade, no que, aliás, seria estusiasticamente aplaudido pelos participantes.

Antes de Nuno Grande tinha intervindo outro dirigente da Convenção Nacionalista, que apelou, exactamente, à solidariedade dos portugueses e solicitou um apoio inequívoco do Governo.

Vicente Guterres (UDT) começou por falar da aliança entre portugueses e timorenses, que, em seu entender, funcionou eficazmente e possibilitou a Timor fazer frente a ameaças externas, nomeadamente por parte da Holanda.

O dirigente timorense considerou que essa aliança não funcionou em 1975 (data da invasão indonésia), mas lançou um apelo ao Estado português para que «retome a aliança e defenda o povo de Timor no seu direito à auto-determinação e à independência». «Numa altura em que Portugal tem aliados fortíssimos, ao nível da CEE e mesmo dos EUA, queremos que da parte do Governo português haja uma defesa intransigente dos direitos dos timorenses (...) não só por palavras, mas sobretudo por actos», sublinhou Vicente Guterres.

Durante a sessão foram lidas duas mensagens de saudação e apoio às jornadas enviadas pela Federação Internacional de Sindicatos de Ensino (FISE) e do deputado do PRD, Rui Silva.

Depois da sessão, realizou-se um espectáculo sobre a vida, situação e cultura do povo de Timor-Leste.

Maria Rosa Sampaio

O PRIMEIRO DE JANEIRO - 89.09.17

Jornadas de Timor chegaram ao fim

Presentes dirigentes da Convergência Nacionalista

LUÍSA FERREIRA

WIESLAW WICHTOWSKI

Aspecto da mesa da sessão de encerramento

■ Decorreu ontem, no Anfiteatro da Reitoria da Universidade do Porto, a sessão de encerramento das Primeiras Jornadas de Timor.

Realizadas com o objectivo de dar a conhecer a história, a cultura, as potencialidades e a realidade de Timor Leste, estas Jornadas constituíram, ainda e de forma inevitável, um momento de reflexão sobre os problemas políticos que envolvem aquele território.

Política

Questão controversa no panorama da política nacional e internacional, o caso de Timor Leste foi tema na sessão pública das intervenções de Vicente Guterres (dirigente da Convergência Nacionalista por parte da UDT), do presidente da delegação externa e responsável das relações externas da FRETILIN e de Barbedo de Magalhães, este último o coordenador das Jornadas.

Mediador

O dirigente da UDT referiu o interesse da organização que representa em que «Portugal apresente um plano global de solução para Timor que contemple os vários aspectos do problema, o humanitário em relação aos refugiados e o político».

Pretende Vicente Guterres que se «apresentem soluções viáveis não tendo só em conta os interesses da Indonésia e dos seus aliados, mas sim os legítimos interesses do povo de Timor em relação à autodeterminação e à independência». Segundo aquele dirigente nacionalista» é esse o plano global que fará neste momento a materialização da aliança histórica entre Portugal e o povo de Timor». E acrescentou: «O plano só por si é só mais um papel, o importante é conseguir o apoio dos países africanos de expressão portuguesa, do Brasil e dos países da CEE e mostrar-lhes que Portugal tem uma vontade inequívoca de resolver o problema de Timor, apresentando-lhes todas as alianças possíveis».

Afirmou ainda este dirigente uma crença na vontade política do Governo português. «Mas — revelou — o que nós queremos neste momento é que haja uma consulta ao povo de Timor. O que queremos é que os Timorenses se manifestem sob liberdade total. Por isso estamos contra um referendo que seja preparado pelas autoridades indonésias. Fazer isso equivale a dizer que se reconhece o genocídeo e a ocupação militar indonésios. Um referendo nessas condições será um referendo para lançar poeira aos olhos», concluiu dizendo.

Resolução

O presidente da delegação externa da FRETILIN, também presente nestas jornadas, referiu-se na sua alocução mais especificamente à actual conjuntura internacional face à questão de Timor. Disse: «Nós acreditamos que se vive actualmente um clima favorável à resolução dos problemas existentes pela via do diálogo e da negociação. Sabemos que na lista dos territórios não autónomos das Nações Unidas, Timor Leste vem logo a seguir à Namíbia. Como aquele país se está, de facto, a autodeterminar pensamos que Timor será o seguinte, razão pela qual exigimos da parte de Portugal, na qualidade de potência administrante uma acção diplomáticas mais enérgica e defensiva.»

Na tentativa de encontrar uma solução negociada para esta questão de Timor Leste, a Convergência Nacionalista já propôs um encontro com todas as partes interessadas Portugal, Indonésia e as Nações Unidas. «Pensamos que essa será, de facto, uma forma de desbloquear a situação», rematou dizendo o representante da FRETILIN.

Um espectáculo subordinado ao tema «O povo de Timor, sua vida, situação e cultura» concluiu o programa destas primeiras jornadas.

«Jornadas do Porto» mostraram soluções

TIMORENSES EXIGEM DE PORTUGAL UMA ACÇÃO DIPLOMÁTICA ENÉRGICA

— considerou Abílio Araújo da TRETILIN

O responsável pelas relações externas da FRETILIN, Abílio Araújo, exigiu a Portugal, na qualidade de potência administrativa do território, uma «acção diplomática mais enérgica e criativa» **a favor do povo de Timor-Leste.**

Abílio Araújo, que falava no encerramento das 1.as Jornadas sobre Timor, que durante uma semana decorreram no Porto, lamentou que a delegação parlamentar portuguesa não tenha ainda visitado Timor-Leste, **«impossibilitando Portugal de tomar medidas e acções concretas».**

Na opinião de Abílio Araújo, a actual conjuntura internacional é favorável à solução dos problemas regionais, como o existente em Timor-Leste.

Abílio Araújo disse depositar **«alguma esperança»** no encontro que a convergência nacionalista (formada pela FRETILIN e pela UDT) propôs às partes interessadas (Portugal, Indonésia e Nações Unidas), sem pré-condicões».

Este encontro, que se insere no âmbito da procura de soluções negociadas para a questão de Timor-Leste, **«será uma forma de desbloquear a situação»** — acrescentou o responsável pelas relações externas da FRETILIN.

Vicente Guterres, vice-presidente da Comissão Política da União Democrática de Timor (UDT), detendeu, por seu turno, o retomar da **«aliança histórica»** entre aquele território e Portugal, aliança que se verificou ao longo dos tempos, desde a presença dos primeiros missionários no século XVI, e considerou que essa aliança deve ser extensiva aos países africanos de língua oficial portuguesa, ao Brasil e aos diversos países da Comunidade Europeia.

Vicente Guterres defendeu ainda a criação de um plano global para Timor que contemple vários aspectos, designadamente o humanitário.

«No aspecto político, importa» — disse — **«apresentar soluções com viabilidade, tendo em conta os interesses dos timorenses à autodeterminação e não os interesses da Indonésia, como quase sempre tem acontecido».** que se **«perdeu a partir de 1975».**

O vice-presidente da UDT

Vicente Guterres, vice-presidente da UDT, manifestou «sérias dúvidas» quanto à «vontade política do Governo português em fazer qualquer coisa relativamente a Timor». O dirigente timorense falava no encerramento das 1.as Jornadas Sobre Timor-Leste, promovidas pela Reitoria da Universidade do Porto.

Vicente Guterres manifestou **«sérias dúvidas»** quanto **«à vontade política do Governo português em fazer qualquer coisa relativamente a Timor».**

Nuno Grande, que falou em representação do reitor da Universidade do Porto, disse que **«a pátria timorense está garantida e é perene».**

«Podem os papas de todos os tipos reconhecer a anexação, mas a história nunca o reconhecerá e nós, portugueses, estaremos convosco na luta pelos valores da humanidade» — acrescentou o orador, no encerramento das jornadas subordinadas ao tema **«O povo de Timor não pode ser escravo».**

Nuno Grande disse ainda que **«Timor é uma nação em risco, mas como pátria começa e termina nos corações dos seus filhos e estes já fizeram sentir que a sua pátria é eterna».**

As jornadas, que pretenderam dar a conhecer a história, a cultura, as potencialidades e a realidade de Timor-Leste, terminaram com um espectáculo onde participaram diversos grupos daquele território.

• Seminário internacional no Canadá

A comissão eventual da Assembleia da República que acompanha o caso de Timor-Leste decidiu enviar representantes a um seminário internacional no Canadá, em Outubro, que debaterá a situação no território anexado unilateralmente pela Indonésia, disseram fontes parlamentares.

O seminário, em 19 e 20 de Outubro, é organizado pela Universidade de Carlton, em Otava, que convidou a Assembleia da República a fazer-se representar. A comissão parlamentar acordou que se deslocarão ao Canadá um deputado de cada partido representado no Parlamento.

Na sua reunião, a comissão eventual decidiu também receber, no dia 19 de Outubro, uma delegação de senadores e deputados australianos que então visitará Portugal e que terá o caso de Timor-Leste como um dos pontos fortes da sua agenda.

A comissão parlamentar avaliou os últimos acontecimentos relacionados com a situação naquele território, designadamente a votação favorável a Portugal na subcomissão das minorias das Nações Unidas e a participação de três deputados portugueses, como peticionários, perante a comissão de descolonização da ONU.

Por último, decidiu ainda elaborar um «dossier» especial sobre os acontecimentos recentes relativos a Timor-Leste e à Indonesia, que será colocado à disposição de todos os deputados portugueses que pretendam intervir sobre a questão timorense em reuniões no país ou no estrangeiro.

JORNAL DE NOTÍCIAS

18-9-89

9 - LISTA DE PARTICIPANTES E CURRICULA DE ORGANIZADORES, ANIMADORES E CONFERÊNCISTAS

9.1 - Lista de participantes

Participantes Timorenses:

António Assunção da Luz Rosa
Brigídida dos Reis Mesquita
Carla Maria de Sousa Gama[1]
Célia Maria de Assis Araújo
Fernando da Costa Soares
Francisco Maria Aparício
Francisco Xavier Aleixo Santana de Menezes[2]
Geralda Isabel da Silva Faria
Gregório Henrique
Guiomar Cândida Pires Vieira Belmonte Figueiredo
Inocência Filomena Soares Ximenes Neves[3]
José Maria de Fátima Sarmento
Julieta Mesquita dos Reis
Luís Costa
Madalena de Canossa Fátima Mesquita de Andrade
Maria Carmen Babo de Araújo
Maria de Fátima Gomes Guterres
Meireles Alves Boavida
Natalina Ramos Filipe Horta
Nelson Alexandrino Joaquim
Paula Jerónimo

---

[1] Nasceu em Angola, de pai timorense.

[2] Nasceu na Índia Portuguesa e viveu em Timor, num contacto muito íntimo com as populações com quem aprendeu diversas línguas.

[3] Não entrou no elenco do espectáculo final por não ter participado na semana toda.

Participantes Europeus:

Armandina José Aguiar
Henri Campagnolo
Joana Costa Vilhena de Bessa Campos
Judite Ventura Conceição Monteiro Barbedo de Magalhães
Maria Alice Marques Viola
Maria Fernanda Machado Jorge
Maria José de Sousa Magalhães (Gi)
Paula Isabel Pereira Viana da Fonseca
Pedro José dos Santos Pinto Leite
Roberto Merino[1]

Coordenador da Animação:

Fernando Miguel Rodrigues Loureiro

Responsável e Coordenador Geral:

António Pinto Barbedo de Magalhães

Apoio de:

Padre Apolinário Guterres
Jorge José de Magalhães Mendes
Padre José Lopes Baptista
Manuel Salselas
Maria da Conceição Martinho Rendeiro
Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo
Nídia da Conceição Menezes Alves

---

[1] O encenador Roberto Merino é Centro-Americano.

9.2 - CURRICULA DE ORGANIZADORES, ANIMADORES E CONFERENCISTAS

Tendo pedido o curriculum vitae a todos os organizadores e conferencistas, nem todos no-lo enviaram. Publicamos aqueles que recebemos em tempo oportuno.

9.2.1 - MARIA DE FÁTIMA GOMES GUTERRES

Natural de Timor, viveu em Bazar-Tete, Ossu, Ermera e Dili.

Em 7 de Dezembro vai com as Falintil para o interior, tornando-se a secretária do Comando de Operações. Percorreu grande parte de Timor, armada da sua máquina de escrever.

Em Fevereiro de 1979 o marido foi morto em combate, sendo então capturada e presa.

Tendo voltado a Dili alguns meses depois, trabalhou numa casa comercial até conseguir sair de Timor em Fevereiro de 1987.

9.2.2 - FERNANDO MIGUEL RODRIGUES LOUREIRO (Miguel)

- Natural de Lisboa, nascido a 7 de Maio de 1947.
- 1974 - Curso Superior de Formação de Actores do Conservatório Nacional de Lisboa.
- Tem desenvolvido a sua actividade como actor em vários grupos e companhias de teatro:
    - Teatro experimental de Cascais dirigido por Carlos Avilez.
    - Companhia de Teatro Nacional "Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro".
    - Membro fundador do grupo de teatro "Comuna Teatro de Pesquisa", dirigido por João Mota.
    - Fundador, director e encenador do grupo de teatro colectivo "Os Faz-Tudo".
    - Grupo de teatro brasileiro "Oficina-Samba", dirigida por José Celso Correia.
    - "Cooperativa D'Arte Luso-Brasileira", dirigido por Augusto Boal.
- Tem colaborado também como actor no cinema e na televisão.
- 1978-81 - É convidado pelo Governo da República Democrática de S.Tomé e Principe onde desenvolve vários projectos culturais como assessor da Ministra da Informação e Cultura.

- 1984 - Colabora como professor de expressão dramática no projecto de formação de professores de português para a República da Guiné-Bissau. Posteriormente, deslocou-se a este País numa missão de cooperação onde elaborou um projecto de curso de formação de actores/animadores e formação de um teatro nacional.
- Foi professor de expressão dramática no Instituto Piaget de 1983 a 1986.
- É desde 1986 professor assistente da Escola Superior de Educação de Setubal.
- 1989 - Mestrado em Ciências de Educação-Dramática de Expressão Dramática pela Universidade de Montreal - Canadá.

9.2.3 - FRANCISCO XAVIER ALEIXO SANTANA DE MENEZES

- Nasceu em Curtorim, Goa, a 29.08.1929

Habilitações Literárias

- Bacharel em Comércio pela Universidade de Delhi (curso concluído em 1950, com a classificação de 1st class (distinção)).
- Curso de Administração Ultramarina do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (1951-1954) e na sequência do mesmo, o
- Curso Complementar de Estudos Ultramarinos na qualidade de bolseiro da Província de Timor (1965-1968), tendo-se licenciado em Março de 1968 no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina com a classificação final de 18 valores. Obteve no mesmo ano o prémio académico do "Infante D. Pedro" para o melhor trabalho apresentado na Universidade Técnica de Lisboa.
- Curso avançado de Gestão promovido pelo Governo Geral de Angola para Quadros Superiores de Administração Pública (1973).

Actividade Profissional

- Funcionário da Administração Cívil no Ultramar desde 1955 até 1975, tendo desempenhado os seguintes cargos:

Em Timor

- Administrador dos Concelhos de Viqueque, Baucau e Ermera (1958/1965);
- Presidente da Câmara Municipal de Dili (1968-71);
- Juiz da Comarca de Dili, como substituto nato, por ausência do titular (1969-71)
- Director do Centro de Informação e Turismo, em acumulação com as funções anteriormente referidas (1969-71);

Em todos os cargos, teve a classificação de serviço de "Muito Bom" com louvores públicos do Governo da Província. Por despacho Ministerial, foi promovido a Intendente Administrativo do Quadro Comum de Administração Civil do Ultramar em 1970.

- Representou o País, na qualidade de Director de Turismo, em Congressos e Simpósios da especialidade na Austrália, em Macau, Hong-Kong, Formosa e Japão (1969-71).

Em Angola

- Adjunto do Governador do Distrito de Malange e Chefe Distrital de Administração Civil (1973/74);
- Encarregado do Governo, seguido de designação como Governador do Distrito de Cuando-Cubango (1974/75), tendo-se aposentado em 1975 nesta última categoria;
- Louvado publicamente pelo Governo Geral de Angola em 1974.
- Professor do Ensino Secundário Particular, (1976/78) no Externato Fernando Pessoa, Rua Buenos Aires, Lisboa.
- Encontra-se a trabalhar desde Outubro de 1978 na Sociedade de Construções Soares da Costa, SARL, em Lisboa onde chefia os Departamentos de Pessoal (1978-81) e serviços Jurídicos (1981/82), sendo presentemente responsável pelo Departamento de Relações Exteriores e do Secretariado Geral da mesma Empresa.

Actividades: Literária, Académica e Outras

- Colaborou nos jornais "A voz de Timor", "A Província de Angola" e "Northern Territory News" (Austrália).
- Autor de relatórios sócio-económicos sobre os Concelhos que administrou e de trabalhos sobre a adequação de programas nacionais de ensino ao condicionalismo local na instrução primária e ensino profissional em Timor.
- Colaborador regular da Missão Antropológica de Timor, sob a Presidência do saudoso Professor Doutor António de Almeida.
- Colaborador da Sociedade de Geografia de Lisboa, do núcleo do Oriente, onde proferiu uma conferência sobre o tema "Perspectivas de Aculturação no Timor Português" (1968), intervindo como assistente noutras palestras.
- Presidente da Comissão de Festas do II Centenàrio da Fundação da Cidade de Dili (1769/1969), tendo coordenado todas as publicações, certames, exposições e outras actividades culturais integradas nas Comemorações.
- Colaborador do Seminário de Sociologia e Antropologia no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas onde, por várias vezes, proferiu palestras sobre metodologia de investigação e sobre a experiência pessoal na matéria de trabalhos de campo, em 1968 e 1985, a convite do Ex$^{\underline{mo}}$ Professor Doutor João Pereira Neto.
- Participou no V Colóquio Europeu de Estudos sobre a Insulíndia (1985) onde apresentou uma comunicação sobre "A Organização do Trabalho no Timor Oriental".
- Tem em preparação alguns ensaios sobre Antropologia Cultural e Etnologia, dos quais se destacam: "O Búfalo na Etnologia de Timor" e "A Segurança Social na Sociedade Tradicional Timorense".

9.2.4 - MARIA DA CONCEIÇÃO MARTINHO RENDEIRO

- 43 anos de idade;

- Licenciada em medicina em 1972;

- Curso de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública no ano lectivo de 1973/1974;

- Esteve em Timor de Agosto de 1974 até Agosto de 1975 como médica do quadro dos serviços de assistência de Timor. Foi responsável pela enfermaria de pediatria e professora da Escola Técnica de Enfermagem no Hospital de Dili.

- De 1975 a 1980 trabalhou no Hospital D. Estefânia onde fez a sua especialização de Pediatria em Janeiro de 1980.

- Neste período trabalhou na comunidade, em Saúde Escolar, na área suburbana de Lisboa e na Direcção Geral de Saúde, actual Direcção Geral de Cuidados de Saúde Primários.

9.2.5 - PEDRO JOSÉ DOS SANTOS PINTO LEITE

- Natural do Porto (1947)

- Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (1978)

- Advogado (1980)

- "Doctoraal Examen" em Estudos Internacionais (Direito Internacional Público) pela Rijksuniversiteit Leiden (1988), Holanda.

Trabalhos publicados:

- "Oost-Timor: de Westelijke Sahara van Zuidoost-Azie" ("Timor-Leste: o Saara Ocidental da Ásia de Sudeste"), (Leiden, Abril e Agosto de 1988);
- "Portugal pode conseguir "volte-face" em Timor Leste" (entrevista a António Lage, "O Primeiro de Janeiro", 12/8/1988);
- "The Application of International Law to East Timor" (em "Newsletter", International Work Group for Indigenous Affairs, Copenhaga, Maio de 1989);
- "East Timor: to be liberated or to be exterminated; that is the question" (X minus Y, Komitee Indonesie e Oost-Timor Groep Nederland, Amsterdão, Junho de 1989);

- "Statement on East Timor to the United Nations Special Committee on Decolonization" (Nova Iorque, Agosto de 1989).

JULIETA DOS REIS MESQUITA - (vista pelo encenador Roberto Merino)

ella
teje los colores
nacidos del fuego

de Timor vienen las tiernas manos,
las manos más bellas que ya ví.
lanzaderas de cenizas
tejen la red del alma

cocodrilos verdes
de aguas
cansadas
devorarán al invasor,

y el niño volverá
a bogar
sobre dorsal de
piedras

Roberto Merino M.
Porto 13/9/89
Para D. Julieta
hilandera de Timor

Montagem e Impressão – METANOIA
Terreiro da Sé – 4000 Porto – Tel. 310578 – 800 ex.